

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

EDUCAÇÃO, ECOLOGIA E MÍDIA LOCAL:

O GRUPO ECOLÓGICO
SENTINELA DOS PAMPAS - GESP
E A IMPRENSA DE PASSO FUNDO – RS (1983 A 1999)



EDITORA
SCHREIBEN

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

EDUCAÇÃO, ECOLOGIA E MÍDIA LOCAL:

O GRUPO ECOLÓGICO

SENTINELA DOS PAMPAS - GESP

E A IMPRENSA DE PASSO FUNDO - RS (1983 A 1999)


EDITORA
SCHREIBEN

2026

© Ana Carolina Martins da Silva – 2026
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: Freepik
Revisão: os autores
Livro publicado em: 18/04/2026
Termo de publicação: TP0272026

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva, Ana Carolina Martins da.
Educação, ecologia e mídia local : o Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - GESP e a imprensa de Passo Fundo - RS (1983 a 1999) / Ana Carolina Martins da Silva. – Itapiranga, SC : Schreiben, 2026.
148 p. ; il. ; e-book. ; 16 x 23 cm.
Inclui bibliografia e índice remissivo
E-book no formato PDF.
ISBN: 978-65-5440-665-9 [versão impressa]
EISBN: 978-65-5440-664-2 [versão digital]
DOI: 10.29327/5832413

1. Educação ambiental – Passo Fundo (RS) – História. 2. Ecologia – Movimentos sociais – Rio Grande do Sul. 3. Mídia local – Imprensa – Passo Fundo (RS).
4. Meio ambiente na comunicação. I. Título.

CDD 370.19

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

AGRADECIMENTOS - 2026

Agradeço ao professor Leandro Mayer, da Editora Schreiben, que não poupou esforços para resgatar este texto e esperou todo o tempo de que precisei, para tornar esta publicação uma realidade. Agradeço aos autores convidados: Renato Hoffmann da Silva; Eliege Maria Fante e Cláudia Herte de Moraes; Flávia Biondo da Silva e Paulo Fernando Oliveira Cornélio, que não apenas contribuíram para atualizar a temática, como me deram fôlego para não desistir da publicação. Em especial, agradeço à profa. Flávia Biondo, pela digitalização dos Gráficos e ao Rian Silva de Sousa Alves de Lima (acadêmico de Letras da Uergs) pela paciência em me ouvir e me ajudar na construção deste trabalho. Agradeço à natureza, nossa mãe e amiga, que nos acolhe, apesar da espécie complicada que somos. Ao Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas. À minha família.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro ao Frei Sérgio Görden (Frade franciscano, militante das causas sociais e ambientais, da agroecologia e alimentação saudável¹), que nos deixou em 03/02/2026, como se fora uma árvore plantada em sua memória.

Frei Sérgio? Presente. Presente. Presente.

¹ <https://www.instagram.com/freisergiogorgen/>

SUMÁRIO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO.....	11
---	-----------

Ana Carolina Martins da Silva

PREFÁCIO

1 – MELHOR FECHAR OS OLHOS.....	19
--	-----------

Renato Hoffmann da Silva

APRESENTAÇÃO

2 – ECOLOGISTAS E JORNALISTAS: O DESAFIO DE PAUTAR NA IMPRENSA OS TEMAS AMBIENTAIS.....	23
--	-----------

Eliege Maria Fante

Cláudia Herte de Moraes

ENSAIO INTRODUTÓRIO

3 – 42 ANOS DO GRUPO ECOLÓGICO SENTINELA DOS PAMPAS...35	
---	--

Flávia Biondo da Silva

Paulo Fernando Oliveira Cornélio

4 – DISSERTAÇÃO ECOLOGIA E MÍDIA LOCAL: O GRUPO ECOLÓGICO SENTINELA DOS PAMPAS - AMIGOS DA TERRA E SEUS REFLEXOS NA IMPRENSA DE PASSO FUNDO - RS.....	43
--	-----------

4.1 INTRODUÇÃO.....	47
---------------------	----

4.2 CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DA NOÇÃO DE ECOLOGIA NO MUNDO.....	54
---	----

4.2.1 A Organização da Sociedade Civil.....	56
---	----

4.2.2 Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas-Amigos da Terra.....	58
---	----

4.2.3 GESP-AT e suas estratégias para a popularização do tema ecologia.....	60
--	----

4.2.3.1 <i>O Projeto Pedra-Musgo</i>	61
--	----

4.2.3.2 <i>O Circo Marimbondo</i>	62
---	----

4.2.3.3 <i>O Bicho do Mato</i>	63
--------------------------------------	----

4.2.4. GESP-AT e suas parcerias.....	63
--------------------------------------	----

4.3 CAPÍTULO II - RELAÇÕES ENTRE A IMPRENSA E A ECOLOGIA.....	66
--	----

4.3.1 Aspectos ecológicos do estado do Rio Grande do Sul.....	70
---	----

4.3.2 A cidade de Passo Fundo.....	72
------------------------------------	----

4.3.3 Imprensa Local.....	73
---------------------------	----

4.3.4 Caracterização dos jornais <i>O Nacional</i> e <i>O Diário da Manhã</i>	78
---	----

4.4	CAPÍTULO III - LEVANTAMENTO E TABULAÇÃO DE DADOS SOBRE AS MATÉRIAS VEICULADAS NOS JORNAIS <i>O NACIONAL</i> E O <i>DIÁRIO DA MANHÃ</i> , ENTRE 1983 E 1999, ABORDANDO AS QUESTÕES AMBIENTAIS E ECOLÓGICAS DE PASSO FUNDO.....	81
4.4.1	Veiculação de matérias sobre o GESP-AT no âmbito do jornal <i>O Diário da Manhã</i>	81
4.4.1.1	<i>Gráficos representativos</i>	81
4.4.1.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	84
4.4.2	Veiculação de matérias sobre a questão do LIXO no âmbito do jornal <i>O Diário da Manhã</i>	85
4.4.2.1	<i>Gráficos representativos</i>	85
4.4.2.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	87
4.4.3	Veiculação de matérias sobre a questão do MEIO AMBIENTE no âmbito do jornal <i>O Diário da Manhã</i>	89
4.4.3.1	<i>Gráficos representativos</i>	89
4.4.3.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	91
4.4.4	Veiculação de matérias sobre a questão do HÍDRICA no âmbito do jornal <i>O Diário da Manhã</i>	93
4.4.4.1	<i>Gráficos representativos</i>	93
4.4.4.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	95
4.4.5	Veiculação de matérias sobre o GESP-AT no âmbito do jornal <i>O Nacional</i>	97
4.4.5.1	<i>Gráficos representativos</i>	97
4.4.5.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	99
4.4.6	Veiculação de matérias sobre a questão do LIXO no âmbito do jornal <i>O Nacional</i>	101
4.4.6.1	<i>Gráficos representativos</i>	101
4.4.6.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	103
4.4.7	Veiculação de matérias sobre a questão do MEIO AMBIENTE no âmbito do jornal <i>O Nacional</i>	105
4.4.7.1	<i>Gráficos representativos</i>	105
4.4.7.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	107
4.4.8	Veiculação de matérias sobre a questão do HÍDRICA no âmbito do jornal <i>O Nacional</i>	109
4.4.8.1	<i>Gráficos representativos</i>	109
4.4.8.2	<i>Leitura dos Gráficos</i>	111

4.5 CAPÍTULO IV - ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS QUESTÕES ECOLÓGICAS A PARTIR DO PROJETO GRÁFICO E DO USO DOS SISTEMAS ANALÓGICOS NOS VEÍCULOS <i>O NACIONAL</i> E <i>DIÁRIO DA MANHÃ</i>	113
4.5.1 A mediação da ONG GESP-AT, a imprensa local e a questão hídrica.....	115
4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
4.7 BIBLIOGRAFIA.....	129
4.8 ANEXOS.....	133
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS (2026).....	139
ÍNDICE REMISSIVO.....	145

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO

Ana Carolina Martins da Silva¹

Fiquei pensando em como começar este texto, depois de tanto tempo esperando para publicar minha dissertação de Mestrado. Pensei em começar com uma síntese da temática, ou uma frase bombástica, mas, não sei por que, dentro de minha cabeça vinha a frase: minha mãe morreu em 2022. Eu nunca me preparei para este momento, embora soubesse que ele viria. Minha mãe, ali, apenas em matéria, no dia anterior ao meu aniversário, me dando vida e ao mesmo tempo, me tirando. Quando minha mãe morreu, minha vida mudou de perspectiva. De algum modo, pensei - mãe, me espera, em seguida sou eu. Esta certeza fez com que começasse a pensar sobre as coisas que fiz, o que não fiz e que gostaria de ter feito e que – de alguma forma – não sabia mais se daria tempo.

A publicação deste texto estava programada há muito, mas foi ficando. Sua versão original estava em salva cuidadosamente em disquetes (mídia que se perdeu no tempo); a versão final, em papel, estava na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo/SP – UMESP. Então, a cada tanto de tempo, eu fazia uma coisa: a) pedi para a biblioteca da UMESP uma cópia em pdf do texto (veio); depois, pedi para prof. Leandro, da Schreiber, a digitalização do texto (à época, nada de IA que fizesse isso), prof. Leandro mandou o texto digitalizado, lá ficou o texto em algum lugar. Nunca mais achei esta versão, nem o prof. Leandro. Creio que deve ter se passado um ano e meio e nada. Em uma nova tentativa, pedi para minha querida Eliége Maria Fante e para a profa. Cláudia Herte de Moraes atualizarem o tema, porque estava imersa em situações que não me permitiriam fazer esse trabalho com qualidade. Elas me enviaram um texto tão perfeito, tão completo, que achei que tinha tomado uma excelente decisão. Nada substituí um trabalho coletivo, pensei. Porém, minha

1 Professora Pós Doc. e Doutora em Letras: Licenciatura Plena; Especialista em Leitura: Teoria e Práticas; Mestre no Ensino da Comunicação Social. É docente adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). E-mail: ana-martins@uergs.edu.br.

mãe morreu e eu deixei o livro para lá. Tinha muitas coisas para fazer, mas tinha de aprender/poder lidar com este fato irreversível e muito grande para mim. O livro ficou mesmo para lá!

Quase não vi 2023 passar. Durante 2024, muitas coisas aconteceram – boas e ruins – como sempre, mas, se em 2020 tínhamos passado pela Covid-19, situação cujas consequências, para mim, se estenderam até 2023; no ano de 2024, tivemos a grande enchente em Porto Alegre, o que me jogou num AIRBNB, pois meu prédio ficou afogado; e estando ele em frente à sede da Uergs/Campus Central, eu vi a Uergs sendo afogada também. Passei por todo esse processo de falta de ar, de água. Sim, porque apesar da cidade estar sob a água, água potável não tinha mais. Não perdi tantas coisas quanto muitas pessoas que perderam tudo, mas o que perdi, para mim, foi muito. Tive de me mudar de apartamento e, novamente, de perspectiva. Antes, atravessava a rua e estava na Uergs. Abria a janela e enxergava a Uergs. Agora, estou morando ao lado de um dos Parques mais bonitos de Porto Alegre/RS, mas preciso de transporte para ir e voltar para a Uergs e, de alguma forma, estar longe da Uergs, parece ter quebrado alguma coisa em mim. Eu sempre disse, eu sou da Uergs. Aos poucos, isso foi se fragmentando. A enchente me deu cidadania porto-alegrense. Eu tinha de sair de casa, pegar transporte, para ir para a Uergs. Ela não era mais meu quintal. Neste plano, olhei em volta e vi a diferença brutal entre o Bairro Moinhos de Vento e o Centro Histórico, onde morava. Aqui, tudo continuava lindo. Lá, destruído. Isso e mais as imagens e os acontecimentos da cidade submersa, fizeram que eu pensasse que minha dissertação de Mestrado continuava atual, pois quando conversava com meus alunos sobre discurso, sobre *fakenews*, sobre jornais fazendo manchetes do tipo: “Após nova cheia, Guaíba tem ondas e *invade* casas; bairro é evacuado em Porto Alegre” (CNN Brasil, 14/05/2024)²; ou “Lago Guaíba *invade* Porto Alegre após fortes chuvas no RS | Jornal da Noite” (Jornal da Band, 03/05/2024)³, em um vídeo que resultou em 42.518 visualizações (levantamento em 26.04.2025); ou ainda: “Rio Guaíba bate recorde de inundação, transborda e *invade* Porto Alegre” (Correio Braziliense, 04/05/2024)⁴, era inevitável lembrar do meu trabalho ingênuo de ambientalista jovem e idealista. Muitos foram os exemplos de manchetes semelhantes, mas numa busca rápida da web, para este texto que ora apresento, separei esses pelo

2 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/apos-nova-cheia-guaiba-tem-ondas-e-invade-casas-bairro-e-evacuado-em-porto-alegre/#:~:text=Ap%C3%B3s%20uma%20nova%20eleva%C3%A7%C3%A3o%20registrada,da%20%C3%A1gua%20em%20suas%20resid%C3%A2ncias>. Acesso em 26 de abril de 2025.

3 Disponível em: https://youtu.be/8lQ78e11_gw?si=j6M4ZCSxJDtQ5y4R. Acesso em 26 de abril de 2025.

4 Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2024/05/6850801-rio-guaiba-bate-recorde-de-inundacao-transborda-e-invade-porto-alegre.html>. Acesso em 26 de abril de 2025.

uso da palavra “invade”. Ora, sabemos que grande parte de Porto Alegre e da região metropolitana foram alterados por aterramentos, com vistas à especulação imobiliária, então, na realidade, quem foi “invadido” foi o leito do rio.

Numa tentativa de atenuar suas responsabilidades, o perfil oficial da cidade de Porto Alegre no Instagram⁵ justificou a calamidade, usando expressões como: *Todas as grandes capitais...; a drenagem estava em um estado crítico...; das 19 bombas, só 4 funcionavam...; 31% dos Países Baixos é aterrado. Desde a época medieval o país investiu em diques, represas, canais e comportas funcionais...; ... é recomendável que...; tudo contribuiu para intensificar os estragos das...* e por aí vai. Observando as construções frasais, verifiquei que não há um sujeito para as ações. As *coisas* estavam assim, tudo aconteceu porque as *coisas* falharam, as *coisas* tinham de ser cuidadas e isso *tudo* contribuiu para que houvesse uma tragédia. A saber:

Desde 1870, Porto Alegre triplicou sua área central graças aos aterros. No meio do século 20, eles chegaram até a Zona Sul e Zona Norte. Todas as grandes capitais do Brasil possuem aterros, com um sistema de bombeamento e drenagem para evitar inundações. Embora esteja do lado da maior lagoa do Brasil, o sistema de drenagem de Porto Alegre estava em um estado crítico há no mínimo 6 anos, com comportas d’água que não abriam e fechavam. Além disso, das 19 bombas d’água da cidade, só 4 funcionavam no momento das fortes chuvas. Por isso, cidade próximas à rios foram como Canoas, Cachoeirinha, São Leopoldo e Eldorado foram ainda mais afetadas pelas chuvas. Portanto, um aterro está sempre fadado a inundação? Não exatamente. Como exemplo, 31% dos Países Baixos é aterrado. Desde a época medieval o país investiu em diques, represas, canais e comportas funcionais. O principal aeroporto do país, está 4m abaixo do nível do mar. O sistema de drenagem da nação é constantemente reparado de acordo com necessidades climáticas e meteorológicas. Somado à manutenção necessária desse sistema, é recomendável que aterros próximos à grandes corpos d’água (como lagoas ou rios) tenham áreas verdes, que funcionam como “esponjas” para absorver a variação do nível do rio/lago e do volume das chuvas. Áreas aterradas com muito concreto (como aeroportos) precisam de um sistema de bombas e diques reforçados, pois como o asfalto não absorve água, o local pode sofrer ainda mais com enchentes. Sem um sistema de drenagem funcional, aliado ao desmatamento de matas ciliares próximo aos rios e da intensificação das mudanças climáticas, tudo contribuiu para intensificar os estragos das enchentes na região metropolitana de POA. (Perfil Porto Alegre Oficial, Instagram, 24/05/2024).

Eu estava ainda no airbnb, quando ouvia os helicópteros passando por cima do prédio, resgatando pessoas da enchente; tomava banho com lençinho

5 Disponível em: https://www.instagram.com/portoalegreoficial/p/C7WZHHPuGue/?img_index=1. Acesso em 26 de abril de 2025.

umedecido, porque não havia mais água; assustada e, ao mesmo tempo, indignada com esse tipo de informação que exclui o sujeito e põe a responsabilidade nas “coisas”! Então, resolvi procurar meus amigos ecologistas e geramos três lives sobre a temática (movimentos ambientalistas, Uergs e eu). A primeira foi com Prof. Dr. Paulo Brack – Biólogo, Mestre em Botânica, Doutor em Ecologia e Recursos Naturais. Professor Titular do Departamento de Botânica da UFRGS. Membro da ONG InGá – Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais, chamada: “Paulo Brack e A Grande Enchente na Bacia do Guaíba: uma conversa necessária.”; a segunda foi com “Conversa com Francisco Milanez – Causas e efeitos das Mudanças Climáticas: a educação e a possibilidade de um futuro.”. Milanez é Doutor em Educação em Ciências e Mestre em Educação em Ciências pela UFRGS; Especialista em Análise de Impactos Ambientais pela UFAM; Especialista em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (FAMEESP).; Licenciado em Biologia e em Arquitetura e Urbanismo na UFRGS. Autor de “O Golpe do Terceiro Mundo” e “Ecoalfabetização”. É membro da ONG AGAPAN. A terceira foi “Conversa com Antônio Soler: Catástrofe Climática e Retrocesso Ambiental: impactos na Laguna dos Patos”. Soler é conselheiro do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) e de diversos colegiados ambientais (locais, estaduais e nacionais). Foi professor de Direito Ambiental no Curso de Engenharia Hídrica da UFPEL, em Pelotas e no Curso de Direito, da FURG, em Rio Grande. É membro da ONG CEA/Rio Grande e Pelotas. A quarta, não foi com ecologistas, mas foi igualmente importante, com uma pessoa que contribuiu de coração. O tema foi “Gestão de Pequenas Empresas: Reconstrução e Retomada.” com Haroldo Eiji Matsumoto. Ele é sócio-diretor da Prospheia Educação Corporativa, formado em propaganda e marketing pela ESPM, pós-graduado em comunicação pela Escola de Comunicação da USP, foi consultor especialista de marketing e estratégias do SEBRAE-SP; Consultor convidado do Pequenas Empresas Grandes Negócios da TV Globo, tem diversos artigos e matérias publicadas nas áreas de marketing, finanças, processos e gestão empresarial.

A ideia destas quatro lives⁶, portanto, foi tentar apresentar uma versão, vamos dizer assim, mais fidedigna da calamidade, pois o que vimos foi uma maquiagem da situação, inclusive pela mídia e, novamente, fatalmente, urgência de publicar minha dissertação de mestrado ficava lá – me olhando.

Foi então que pedi para o Renato Hoffmann, jornalista formado, atualmente cursando Letras: Língua Portuguesa e Literatura de Língua

6 Atualmente, apenas a live do prof. Paulo Brack está *on line*, porque ainda não consegui editar os outros vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P1GPV7wC2oo>. Acesso em 24 fev. 2026.

Portuguesa da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, que lesse o texto de Eliége e da profa. Claudia; lesse a minha dissertação e fizesse uma apresentação. Temos nos encontrado, Renato e eu, na situação de docente e discente em sala de aula e nos encontramos como pesquisadores no Projeto de Pesquisa sob minha coordenação e financiado por bolsa desde o Edital PROBEX/UERGS/2021 a 2022 - *Patronas da Feira do Livro de Porto Alegre – Maria Dinorah, 1989; Lya Luft, 1996; a patronagem como mediação para um discurso de presença feminina; passando por 2023 a 2024: Patronas Da Feira do Livro de Porto Alegre – Patricia Bins (1998 –44ª) e Jane Tutikian (2011, 57ª) – a patronagem como mediação para um discurso de presença feminina*. Dono de uma responsabilidade enorme, de um passado como sindicalista e ativista do jornalismo, Hoffmann sempre teve participações de excelência em sala, e me pareceu a pessoa certa para mais uma atualização da temática (fevereiro de 2025). Prontamente me mandou o texto, que fui ler três meses depois, com a intenção de imediatamente fazer outro texto que englobasse todas estas memórias e que abrisse o livro, só que não. Em paralelo, falei com Flávia Biondo e Paulo Fernando Cornélio, do GESP e pedi uma atualização sobre a história da ONG (veio). Perdi o arquivo. Flávia me mandou de novo e de novo.

Assim, aqui estou, um ano depois. Peço perdão, ando lenta para coisas tão grandes⁷.

Na semana passada, para organizar a parte mais prática, pedi ajuda ao meu bolsista de Iniciação Científica Rian, para que cortasse os gráficos do pdf para mim (porque os originais só nos disquetes), que arrumasse um sumário, porque à época, minha dissertação não teve nada disto. Em paralelo, localizei Leandro Dóro, um dos entrevistados, perguntei se poderia identificá-lo, me autorizou. A jornalista de quem faltou a autorização, nos faltou – a todos – em 2004 – quando fez sua passagem para outro plano. Segue apenas com as iniciais. Corte rápido para os gráficos, Rian fez sua parte, mas não conseguimos deixar os gráficos do mesmo tamanho. Flávia escaneou de novo, cortou, deu certo.

Então, leitor, se tu estás lendo este texto, é porque todas estas pessoas me ajudaram a publicar minha dissertação de Mestrado. Essa, que comecei com o objetivo de compreender a importância da relação da ONG GESP-AT com a imprensa local, na questão ambiental de Passo Fundo - RS , bem como, averiguar o espaço que a imprensa local deu aos seguintes assuntos: atuação do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas; questão do tratamento do lixo e meio ambiente em geral como: agricultura orgânica, seminários e eventos relativos ao tema e questão hídrica do município; Sendo que, essa última, teve analisado

⁷ Comecei falando sobre a morte de minha mãe, mas o destino aprontou comigo e, no dia 21/03/2026, meu pai também se foi. Sigo, desenraizada

também o enfoque dado pelos jornais. Durante os estudos, fui percebendo que o caso do GESP não era isolado e sim, típico; assim como os jornais locais de Passo Fundo – em alguma medida - representativos de muitos jornais locais de todo o Brasil. Ao usar a técnica de amostragem do ano construído, a partir do ano de fundação da ONG - 1983 até 1999, consegui uma solução prática para uma busca audaciosa e ingênua. Analisar uma relação de 16 anos, praticamente, de comunicação e de ação comunitária. A escolha dos jornais O Nacional e O Diário da Manhã, como corpus para a pesquisa, foi justificada pelos recortes de jornal serem um dos acervos mais valorizados pelo Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas, e que hoje são alvo de projeto de pesquisa e de preservação de memória, com a criação de um quase museu de informações⁸ sobre a temática do Meio Ambiente, do Ativismo e – para quem sabe ver – da mídia local. Ver mais em: <https://sentineladospampas.eco.br/> . Facilitou muito também o uso dos arquivos públicos, bibliotecas, pelo seu caráter permanente, em Passo Fundo e, mais do que tudo, as entrevistas, tanto com os militantes, quanto com os jornalistas locais, foram de crucial importância para a minha titulação de Mestre em Comunicação Social.

Eu tinha 35, 36 anos. Minha vontade de mudar o mundo e de dizer o que eu pensava do alto do morro, já se delineava, mas ainda tinha pouca experiência em texto acadêmico. Talvez por isso, a Ana Carolina de hoje tenha decidido modificar algumas coisas (não o conteúdo – que permanece intacto), mas coisas como construção frasal, uso de vírgulas, ou referências bibliográficas. Eu me controlei ao máximo para deixar o texto tal qual repousa no repositório da UEMESP/SP, mas minha posição de docente adjunta de uma Universidade pública (Uergs), me obrigou a corrigir algumas coisas. Não tudo, obviamente. Percebi que a Ana Carolina de 1999, tinha um jeito mais poético de escrever e usava as citações de uma forma que o texto parecia fluir, não se prendendo à ABNT (regra das 4 linhas, por exemplo). Como a dissertação foi aprovada assim, eu deixei, mas volta e meia achava frases incompletas, problemas de crase, pontuação e ia arrumando. Então, a versão do texto que apresento aqui, é mais ou menos igual a que está na Universidade, nestes quesitos. Nos demais, é exatamente o que está lá.

Sobre a imprensa local comportar-se como uma mediadora entre os variados segmentos da sociedade, ainda acredito que ela poderia ter mais comprometimento, mas penso que já evoluiu bastante (medir o quanto já é temática para um outro trabalho acadêmico). Atualmente, quando preciso saber de alguma coisa de Passo Fundo, vou nas páginas de rede dos Jornais O Diário

8 **GESP inaugura arquivo físico e digital com mais de 20 mil itens.** Disponível em: <https://sentineladospampas.eco.br/gesp-inaugura-arquivo-fisico-e-digital-com-mais-de-20-mil-itens/>

da Manhã e O Nacional, mas não sinto mais em condições de avaliar estes dois periódicos. Temos excelentes Universidades na região, que certamente devem estar fazendo seus trabalhos a esse respeito. Eu fiz a minha parte, o meu melhor, dentro do que eu sabia fazer e com o acervo que tinha.

Não posso deixar de citar meu querido amigo e ambientalista João Manoel Camargo Filho, que ao ver que eu não estava mais dando conta de tanta leitura, começou a me ajudar nos levantamentos. Assim como, Dagmar Camargo, que foi ao Arquivo Histórico Municipal e tirou fotos das páginas solicitadas, quando minhas forças não me ajudavam mais, pois estava envolvida com o trabalho, duas crianças pequenas, uma separação familiar e outras dificuldades. Citar minha filha Ana Maria de Cesaro, criança ainda, que lia os textos do Mestrado para mim, quando meus olhos estavam cansados e me dizia – *mãe, não estou entendendo nada!* Eu dizia: eu estou entendendo, amor. Só lê para a mãe! Hoje, minha filha é formada em Publicidade e Propaganda e tem duas Especializações na área. Os ecologistas do GESP são quase co-autores deste trabalho, pois sempre foram presentes, quando eu precisava de uma informação ou outra. O Paulo Fernando Cornélio, o Nando, que tanto ouviu que vivia guardando papel velho, é um dos principais guardiões da história de Passo Fundo, dentro das temáticas do GESP. Enfim, só tenho a agradecer, no nome destas pessoas, agradeço a todas as outras que porventura possa ter esquecido!

Tempos estranhos os nossos! Desde 2020, para cá, estamos travando outras lutas ideológicas no âmbito da informação: as tais fakenews; o uso errôneo e desenfreado das IAs, ou Inteligências Artificiais; a compra massiva de meios de comunicação por conglomerados políticos e religiosos; as fazendas de celulares, para controlar os algoritmos nas redes; e outras tantas manipulações. Eu sei que meu trabalho é datado e que precisaria muito melhorar! Porém, o que temos hoje são desafios enormes, dignos destas novas gerações, tão brilhantes e com tantos conhecimentos na área da informática e dos novos recursos, que podem pensar com maior amplitude sobre isso. Minha esperança é a de que não esqueçam o velho e bom gosto pela leitura aprofundada, a famosa leitura *com seus próprios olhos*, sem delegar somente às IAs a compreensão do que lêem. Isso também é para outra pesquisa.

Em termos de meio ambiente, a destruição dos ambientes naturais locais, tanto em Passo Fundo, quanto em outros lugares, continua não sendo culpa da imprensa, como disse em meu trabalho, é sim, responsabilidade e culpa do crescimento desordenado das cidades, das administrações voltadas para os enfeites e não para os serviços essenciais; o urbanismo desenfreado, a omissão dos seus moradores que continuam desenvolvendo consumo não sustentável e também têm sua parte neste todo, a culpa é do capitalismo. A imprensa não é

culpada, mas não pode ser conivente. Os/as jornalistas podem e devem trabalhar, construir seu discurso não apenas aumentando a quantidade de notícias sobre a questão, mas aprofundando, buscando a verdade dos fatos – tarefa de pensadores, não de funcionários de empresas capitalistas de comunicação – vão me dizer, eu sei. Isso explica, mas não diminui o comprometimento. À época, os dois jornais pesquisados apresentaram perfil muito semelhante: matérias sobre meio ambiente, em sua maioria, enfocando as atividades que a Prefeitura efetuava nos bairros, e o sujeito das ações poluidoras, entretanto, era indeterminado. Como disse em minhas considerações finais: *Temos aí a complexidade de uma conclusão simples. A mediação que a imprensa local faz entre os mais variados segmentos da sociedade, depende de quais os segmentos que estão envolvidos.*

Ao apresentar esse trabalho, agora, quisera que estivesse totalmente desatualizado, a ponto de não ser necessário, porém, percebo que é uma contribuição importate! É o resgate de uma relação que está longe de ser imparcial, mas que amadurece, paulatinamente. ONGs como o GESP e os processos de “ecologização” que têm desenvolvido, tanto junto à imprensa local escrita, quanto à radiofônica; nas redes, nas TVs, nas mídias próprias, nos eventos, são o famoso trabalho de formiguinha, que hoje se revela um trabalho de uma gigante e obstinada correição.

Ofereço, portanto, os textos que estão compilados junto com minha dissertação, suas atualizações, novas vírgulas e novas “Alucinações”, como diria Belchior, em 1976: “A minha alucinação é suportar o dia a dia/ E meu delírio é a experiência com coisas reais/[...] ... Amar e mudar as coisas / Amar e mudar as coisas me interessa mais.”

Boa leitura.

MELHOR FECHAR OS OLHOS

Renato Hoffmann da Silva⁹

No filme *Don't Look Up* (Netflix, 2021), em português, Não Olhe Para Cima, de Adam McKay (2021), os astrônomos Randall (Leonardo Di Caprio) e Kate (Jannifer Lawrence) descobrem que um cometa gigante com poder de destruir a vida na Terra está prestes a cair. A dupla tenta alertar as principais autoridades dos Estados Unidos, incluindo a presidente Orlean (Meryl Streep) e a Imprensa sobre o perigo iminente. Porém, o aviso não é levado a sério por gestores públicos e jornalistas, que assumem uma postura negacionista. Os cientistas esbarram em estruturas de poder que costumam atuar alinhadas na defesa de seus próprios interesses: os políticos, as grandes empresas e a mídia comercial.

A história é uma metáfora do que ocorria no mundo no exato momento em que o longa-metragem foi lançado: a pandemia da Covid-19, que se alastrou pelo Globo a partir de 2020. Apesar de provocar milhões de mortes e paralisar as atividades sociais e econômicas do Planeta por um longo período, ainda havia quem duvidasse de sua existência. As teorias conspiratórias largamente divulgadas pelas redes da internet atribuíam a origem da doença conforme a orientação ideológica de cada pessoa. Mesmo aqueles que desdenhavam do poder letal do coronavírus culpavam por sua difusão os “comunistas” chineses ou os povos africanos.

Se no filme o maior inimigo da Ciência não é o corpo celeste, na pandemia também não é o vírus. Em ambos os casos, a maior barreira a ser superada é a chamada “economia da atenção”. O conceito criado pelo economista Herbert A. Simon, prêmio Nobel em 1971, se refere ao excesso de informações produzidas pelas tecnologias atuais e à dificuldade do ser humano assimilar, filtrar e reagir a tantos estímulos sem ser manipulado pelos algoritmos.

⁹ Jornalista. Acadêmico do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: renatosilva01@uergs.edu.br; orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9592-8681>.

No filme, os astrônomos percorrem os meios de comunicação a fim de chamar a atenção do mundo para o urgente problema. Eles demonstram amplo domínio técnico sobre sua atividade, porém não entendem o funcionamento dos veículos de comunicação. Isso acaba jogando sua mensagem na vala comum do noticiário, disputando espaço com o escândalo político da semana, a vida íntima de celebridades efêmeras ou os últimos lançamentos da indústria de bens de consumo. A trama ilustra como é difícil projetar mensagens ao público, inclusive quando o objetivo é dizer que o mundo pode acabar e que é preciso fazer algo para evitar a extinção.

Durante a pandemia, autoridades da Organização Mundial da Saúde (OMS) e alguns dos mais importantes virologistas do mundo tiveram de confrontar seu conhecimento com opiniões baseadas em postagens de redes sociais, muitas sem autoria identificada, as chamadas *fakes news*. No Brasil, o governante de plantão tratou de menosprezar a doença, tachando-a de “gripezinha” e ridicularizando os doentes com imitações patéticas de falta de ar.

Enquanto, no início, o Ministério da Saúde (MS) tentava orientar a população, o aparelho ideológico – e clandestino – do Planalto tramava para desestabilizar a atuação de estados e municípios que reagem, cada um a sua maneira, ao alastramento da moléstia. O pânico da população entrincheirada em casa e os sinais contraditórios emitidos pelos governantes contribuíram para agravar a situação. Segundo a OMS, entre 2020-2011 a pandemia da Covid-19 matou 14,9 milhões de pessoas no mundo. Desse total, 715 mil morreram no Brasil, conforme o MS.

Se você está se perguntando: “O que isso tem a ver com o tema dessa dissertação de mestrado?”, a resposta é: tudo.

É certo que muita coisa mudou no Planeta desde que o resultado desta pesquisa foi apresentado, em 2001. Mudou para pior, é preciso que se diga. O aquecimento global, que antes era discutido somente em fóruns científicos, foi aos poucos entrando na pauta jornalística, pressionada pelos cada vez mais recorrentes eventos climáticos extremos, como são denominados, nos dias atuais, os *tsunamis*, as estiagens prolongadas, os incêndios florestais e as inundações que têm dizimado cidades e populações ao redor do mundo. À medida que aumenta a temperatura média do globo terrestre, cresce também a cobertura midiática desses fenômenos. Afinal, na atividade cotidiana do jornalista existe uma máxima que diz: não se pode brigar com o que é notícia.

Entretanto, uma coisa não mudou. A Imprensa continua passiva e apenas reagindo às consequências dessas tragédias. São raros e honrosos os veículos e os profissionais que se dedicam a revelar as causas desses acontecimentos. Tal como conclui esta dissertação, mais de 20 anos atrás, ainda é comum que alguns assuntos incomodem os poderosos, sejam eles políticos ou empresários. Por isso,

seus aliados na indústria da comunicação atuam para interditar qualquer debate que contrarie seus interesses comuns.

Vejamos o caso da enchente de 2024 no Rio Grande do Sul. Entre o final de abril e junho, o estado foi devastado por um evento climático sem precedentes. Fortes chuvas atingiram 478 (96%) dos 497 municípios gaúchos. Conforme o balanço divulgado pela Defesa Civil estadual, em agosto daquele ano, 183 pessoas morreram, 806 ficaram feridas e 27 corpos não foram encontrados. Ao todo, cerca de 2,4 milhões de habitantes foram afetados de alguma maneira pela enchente. A infraestrutura de transportes, de energia e de saneamento foi destruída. Milhares de famílias ficaram sem casa, roupas e documentos, e tiveram de se refugiar em abrigos. E os negócios, de todos os portes, acumularam bilhões de reais de prejuízo.

O dilúvio de 2024 começou a se formar no final de abril, na Bacia do Rio Taquari-Antas, no nordeste do estado. Meses antes, como uma espécie de prévia do que viria a ocorrer, a região com seus 1,4 milhão de habitantes já havia registrado um período de muita chuva, que causou enxurradas e deixou mortes e destruição pelo caminho. Em maio, a água acumulada na Bacia do Taquari-Antas começou a transbordar para a Bacia do Rio do Sinos, na região onde estão situados municípios como Novo Hamburgo, São Leopoldo e Canoas. Ao todo, o Vale do Sinos tem 1,5 milhão de habitantes. Horas depois, a cheia alcançou a Bacia do Lago Guaíba e começou a inundar Porto Alegre, a capital do Estado onde vivem mais de 1,5 milhão de pessoas.

Em 5 de maio, o Guaíba atingiu 5,37 metros no Cais Mauá, a maior cota máxima já registrada na cidade. O muro de contenção construído na década de 1970 não foi capaz de segurar o ímpeto das águas. As Casas de Bombas, que deveriam drenar os alagamentos formados no interior da cidade, colapsaram. Diversas Estações de Tratamento de Água ficaram dias sem produzir, por falta de energia elétrica. O aeroporto Salgado Filho e a rodoviária da Capital submergiram. Cidades da região metropolitana, como Eldorado do Sul, ficaram alagadas e isoladas.

Na segunda quinzena de maio, o Guaíba começou a desaguar na Laguna dos Patos, empurrando a enchente para os municípios da região Sul. Por vários dias, essa massa líquida ficou parada na Bacia da Lagoa Mirim e do Canal São Gonçalo. A única saída para o mar mostrou-se insuficiente para escoar com rapidez o volume de água acumulado na região. Em consequência, cidades banhadas pelas lagoas, como São Lourenço do Sul, São José do Norte, Pelotas e Rio Grande foram afetadas por inundações.

Enquanto centenas de voluntários da sociedade civil resgatavam vidas que estavam sendo engolidas pela enchente, as autoridades estaduais e municipais insistiam em atribuir o fenômeno a uma “fatalidade”. Nas entrevistas, ao mesmo

tempo que demonstravam surpresa com o evento, davam a primeira senha sobre como a Imprensa deveria tratar a questão: “não é hora de procurar culpados”, disse a maior autoridade do RS, no dia 5.

A partir daí, a cobertura jornalística da mídia comercial passou a privilegiar o “lado humano” da catástrofe, como a solidariedade e o espírito guerreiro que, segundo esse discurso tradicional, representam a identidade do povo gaúcho. Além disso, os gestores passaram a cobrar providências e recursos do governo federal, numa mal disfarçada tentativa de transferir responsabilidades.

Por outro lado, apenas os sites e portais jornalísticos independentes – que apesar de digitais têm menos alcance entre os leitores – lembravam que os investimentos na Defesa Civil Estadual, inclusive no monitoramento de áreas sujeitas à enchentes, haviam caído nos últimos anos; que o Piratini trabalhou para flexibilizar as leis ambientais, alterando 480 artigos do Código Estadual do Meio Ambiente, em 2019; e que por pouco não foi aprovada a exploração de uma nova mina de carvão a 16 Km de Porto Alegre, entre os municípios de Eldorado do Sul (um dos mais destruídos na enchente) e Charqueadas. O projeto só foi arquivado, em 2022, após forte pressão contrária de grupos ambientalistas.

Também coube aos portais de notícias locais registrarem que as últimas administrações da Capital fecharam a autarquia que cuidava da drenagem urbana e da proteção da cidade contra as cheias. Que transferiram suas funções, sem mesma estrutura e recursos, para o órgão responsável pelo tratamento de água e coleta de esgoto doméstico. E que este vem sendo sucateado e modelado para ser entregue aos “parceiros” privados.

A mesma Prefeitura também autorizou a derrubada de mais de 400 árvores numa área próxima à orla do Guaíba para a instalação de um estacionamento. No ardente verão porto-alegrense, a temperatura nessa ilha de calor pode chegar a 60 graus centígrados, conforme demonstrou recentemente um professor-pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A segunda senha das autoridades para pautar a cobertura da Imprensa comercial foi a palavra “reconstrução”, que começou a ser repetida à exaustão, assim que as águas de maio começaram a escoar para o Atlântico. Os gestores não querem que olhemos para trás, onde as causas e os responsáveis pela crise ambiental podem ser encontrados. Isso vale para todos os tipos de governo, que tratam os recursos naturais como mercadoria. Aqueles que antes queriam “passar a boiada” na legislação ambiental, e os que agora querem extrair combustíveis fósseis nos rios da Amazônia.

A ordem é seguir em frente: construir, destruir e reconstruir, repetindo um ciclo de desenvolvimento ultrapassado. Para escapar do perigo, é bom também não olhar para os lados, nem acima ou abaixo. Melhor fechar os olhos.

Só falta combinar com o cometa.

ECOLOGISTAS E JORNALISTAS: O DESAFIO DE PAUTAR NA IMPRENSA OS TEMAS AMBIENTAIS

Eliege Maria Fante¹⁰

Cláudia Herte de Moraes¹¹

A qualificação de jornalistas em relação aos temas ambientais tem sido crescente e aprofundada desde a Rio 92 ou Eco-92, como por exemplo por meio das ações do Núcleo de Ecojornalistas¹² do Rio Grande do Sul, fundado em 1990, e que mantém atividades de formação em jornalismo ambiental ininterruptas. Contudo, esse aprendizado por parte de profissionais sobre os temas e os problemas ambientais não se reflete na qualidade da cobertura pelos meios de comunicação em geral, com destaque a dois aspectos principais: na opção por fontes da ciência, em vez de ampliar a escuta para as comunidades atingidas, etc. e, no viés economicista¹³.

Outro papel tão importante quanto do Jornalismo, atribuímos à atuação de Organizações Não Governamentais (ONGs) ambientalistas, cujos ativistas especializados em diversas áreas da ciência e/ou integrantes de comunidades, com maior frequência, têm participado das notícias como fontes. Somado a isso, a comunicação da própria entidade se faz relevante, esclarecendo e mobilizando os atores sociais, como o jornalismo para que o debate público aconteça, ou a sociedade diretamente.

10 Jornalista, mestra e doutora em Comunicação e Informação – PPGCOM - UFRGS.
E-mail: eliege_f@yahoo.com.br.

11 Jornalista, professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), doutora em Comunicação e Informação – PPGCOM - UFRGS. E-mail: chmoraes@gmail.com.

12 Sobre o Núcleo de Ecojornalistas do RS. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/343639875_A_TRAJETORIA_DO_JORNALISMO_E_DOS_JORNALISTAS_AMBIENTAIS_NO_BRASIL_O_NUCLEO_DE_ECOJORNALISTAS_DO_RS.

13 Ver mais: <https://jornalismoemambiente.com/bibliografia-indicada/tesesdissert/>.

Em 2001, a relevância social da atuação conjunta dessas duas instituições já era retratada na dissertação “Ecologia e mídia local: O Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra e seus reflexos na imprensa de Passo Fundo (RS)”. A autora, Ana Carolina Martins da Silva, é ambientalista, professora da UERGS e integrante da ONG Gesp-AT, assim como foi integrante da Agapan e da ASPAN de São Borja, representando as ONGs ASPAN (2011-2023)¹⁴ e GESP (2017-2019)¹⁵ na coordenação da APEDEMA/RS¹⁶. No levantamento das notícias veiculadas nos dois maiores jornais do município do planalto gaúcho¹⁷, *Diário da Manhã* e *O Nacional*, destacou a articulação dos ambientalistas para a ecologização da imprensa local, conforme definiu, conseguindo desta maneira, a cobertura de alguns temas e um aprofundamento das questões ambientais, a partir da tomada de consciência pelo diálogo com estes jornalistas. Todavia, o estudo trouxe evidências da pressão exercida pelos poderes, como do Executivo municipal, na divulgação de relises sobre as pautas ambientais ou sobre como noticiar: “E a ecologia aparece apenas quando não for afetar nenhuma das estruturas que dão sustentação ao jornal enquanto empresa, ou quando a força da militância obriga.”

Passados 20 anos da realização dessa pesquisa, a sua atualidade se mantém, por diversas razões, entre elas, ao mostrar as características do engajamento nas últimas décadas do século 20. Além de inspiração para o enfrentamento dos imensos desafios diante da emergência climática, faz emergir um “modo de fazer” para ativistas em tempos de redes sociais através da internet. Já que, o quadro de concentração dos grupos de mídias e dos poderes econômico e político, do nível federal ao municipal, se agudizou após as crises econômicas de 2008, o Golpe de 2016 (Miguel, 2019) e, sensivelmente, desde o Governo Bolsonaro (2019-2022) através do desmonte generalizado de políticas públicas, desde ambientais, da educação e até mesmo da saúde, em plena vigência da pandemia da covid-19.

De acordo com o relatório da pesquisa “Monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil (Media Ownership Monitor – MOM), publicada pelo

14 Assembleia Geral elege nova Coordenação da APEDEMA-RS. Disponível em: <https://agirazul.com/arquivos/696>.

15 APEDEMA/RS homologa Coordenação Executiva: AIPAN, GESP e Movimento Roessler. Disponível em: <https://apedemars.wordpress.com/2018/03/25/apedema-rs-homologa-coordenacao-executiva-aipan-gesp-e-movimento-roessler/>.

16 APEDEMA: Associação Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente - RS.

17 A população estimada de Passo Fundo pelo IBGE, em 2021, foi 206.103 pessoas. No último censo (2010) era 184.826 habitantes. As atividades econômico-produtivas predominantes estão relacionadas ao agronegócio, através do plantio de commodities, indústrias de maquinário e outros insumos. Ao mesmo tempo, é conhecida como um pólo na área da saúde e da educação através das universidades que recebem estudantes da região. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/passo-fundo/panorama>. Acesso em: mai. 2022.

Intervozes e pela Repórteres Sem Fronteiras, a maior audiência do país depende do jornalismo produzido por grupos econômicos, políticos e religiosos, demonstrando interesses específicos.¹⁸ Desta forma, os 50 veículos de maior audiência são propriedade de 26 grupos de comunicação. O crescimento da internet e outros esforços de políticas regulatórias não foram suficientes para horizontalizar o acesso à comunicação diante da formação de oligopólios em pleno século 21. (Intervozes, 2019). Com efeito, essa constatação em nível nacional se reproduz nos municípios de todos os estados brasileiros.

Neste contexto, o ativismo ambiental representa um parceiro diferenciado do jornalismo para contornar os muros da comunicação privatista, representada pelo oligopólio da imprensa hegemônica, e disputar os espaços de debate público, com a vantagem de, neste século, contar com as redes sociais e plataformas digitais para concretizar essa difusão. Dessa maneira, aperceber a sociedade com informações das comunidades e dos povos, de técnicos ambientais, de atingidos por megaempreendimentos, enfim, vozes que os ambientalistas sabem onde e como escutar. Neste texto, discutimos aspectos do estudo de Silva (2001), para evidenciar como se deu essa mobilização para circular informações e incidir sobre a cobertura jornalística local.

O TRIPLO PAPEL EDUCATIVO DAS ONGS: ATIVISMO, COMUNICAÇÃO E JORNALISMO

O trabalho das ONGs se realiza a partir dos temas e das questões ambientais através das ações de educação ambiental. A função de denúncia, por sua vez, acaba tendo que ser exercida quando essas questões tornam-se problemas ambientais, devido ao predomínio da visão economicista sobre o uso dos bens naturais e coletivos, chamados meramente como “recursos” naturais. Observamos ao menos três formas essenciais de atuação das ONGs: a primeira, por meio do ativismo que visa à mobilização da comunidade direta e indiretamente envolvida na questão; a segunda, com a comunicação ambiental lançando mão de diferentes meios visando informar, diretamente, seus públicos; e, um terceiro papel de relevância, se dá pela atuação em colaboração e/ou por pressão para a inserção da pauta nos veículos jornalísticos. Os três papéis das ONGs estão correlacionados e são intensificados pelo que chamamos de midiativismo ambiental, que possibilita a veiculação de ideias de mobilização em contextos de resistência dos movimentos sociais (Moraes; Fante, 2018).

Em relação ao midiativismo ambiental, as entidades ambientalistas possuem credibilidade para (1) informar, acionar e mobilizar os meios de

¹⁸ Monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil. Disponível em: <<http://quemcontrolaamidia.org.br>>

comunicação e (2) levar informações que visam esclarecer e mobilizar a população, além daquela impactada, tal como no exemplo da atuação do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas (Gesp-AT)¹⁹, no interior do Rio Grande do Sul, sobre o qual versou a dissertação *Ecologia e mídia local*.

No Brasil, “movimento ambientalista” é uma noção usada para “[...] designar um espaço social de circulação de discursos e práticas associados à ‘proteção ambiental’ [...]” (Acselrad, 2010, p.103). No contexto da luta ambiental, entre as diferentes formas de organização de entidades ambientalistas, desempenham ações e atividades essenciais à cidadania, pois são formas de pressão legitimadas nos processos de debate sobre os temas sensíveis de diversas comunidades. Até porque, no contexto de sociedades tão desiguais como a brasileira, emerge o conceito de justiça ambiental na cultura dos direitos, que “surgiu da criatividade estratégica dos movimentos sociais que alteraram a configuração de forças sociais envolvidas nas lutas ambientais e, em determinadas circunstâncias, produziram mudanças no aparelho estatal e regulatório responsável pela proteção ambiental.” (Acselrad, 2010, p.111).

Conforme classificamos, o midiativismo ambiental exerce a vez da imprensa hegemônica, tanto no nível federal, como no estadual e no municipal, só que trazendo as informações imprescindíveis para a conservação da sociobiodiversidade em harmonia com o meio ambiente: “[...] o midiativismo é aliado dos movimentos sociais na percepção de outras formas de organização social e das escolhas sobre o modelo de desenvolvimento, incluindo-se, ainda, a perspectiva da comunicação participativa.” (Moraes; Fante, 2019, p. 60).

Assim como Silva (2001) descreveu a disputa argumentativa em Passo Fundo através do Gesp, vimos em Porto Alegre (RS), a atuação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) por meio de seu blog e nas postagens no Facebook, jogando luzes sobre a necessária conservação da arborização urbana na cidade nos anos 2017-2018. A entidade trouxe a pauta da participação quanto às decisões em curso no legislativo de Porto Alegre e que previam a desregulação e fragilização da proteção da cobertura verde no espaço urbano municipal. (Fante; Moraes, 2020).

Aludimos esta forma de comunicação participativa aos preceitos da comunicação democrática e horizontal, conforme a descrição de França (2016), sob a inspiração do método do educador Paulo Freire (1987), a partir da virada crítica nos estudos comunicacionais na América Latina. Até ali, a principal influência foi da escola estadunidense e da europeia. Surge assim, a partir dos anos 1970 do século 20, o modelo dialógico da comunicação, caracterizado

¹⁹ O Gesp hoje pode ser conhecido nas redes sociais como Instagram: <https://www.instagram.com/gesp.sentinela/> e no seu site: www.sentineladospampas.eco.br.

por uma “relação de reversibilidade, onde o emissor-receptor envia e recebe mensagens de um receptor-emissor.” (França, 2016, p. 176). Bastante diferente do modelo chamado transmissivo ou informativo, caracterizado pela suposta linearidade da relação Emissor - Receptor. A consequência era a circulação de monólogos, uma estrutura colocada em xeque com a escuta e a interação com a recepção. Contudo, o que ainda falta é a democratização dos meios de comunicação no país com a regulamentação para o setor de rádio e televisão no Brasil, em acordo com a Constituição de 1988: proibição do monopólio e oligopólio; obrigação de veiculação na radiodifusão de conteúdo regional; complementaridade entre os sistemas público, privado e estatal. O diagnóstico do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC, 2022) também denuncia a manutenção de privilégios aos políticos e a inclusão de igrejas para as concessões. Não podemos esquecer do contínuo aporte de recursos públicos e privados que, governos e empresas, se concentram nessas mídias e, também, naquelas que não dependem de concessões, como jornais, revistas e sites de internet (atualmente, plataformas, influenciadores, dentre outros), dificultando e até inviabilizando, dessa maneira, o surgimento e a sustentabilidade econômica de mídias alternativas, independentes, especializadas, comunitárias e outras. Um dos critérios para a distribuição desses recursos deveria ser a equanimidade.

A incidência do ambientalismo dentre os meios de comunicação e jornalistas das redações consegue abrir brechas na prática jornalística dita “objetiva”, a qual poderia ser traduzida como simplificadora de realidades e de visões de mundo. É assim que se aprofunda a compreensão sobre os temas ambientais evidenciada na publicação das notícias plurais desde a escuta horizontalizada de fontes. Neste sentido, a dissertação Ecologia e mídia local (Silva, 2001) traz entrevistas com jornalistas de Passo Fundo que revelam uma sensível influência positiva do GESPE. Há trechos que evidenciam a importância da entidade para a obtenção de informações que, de outra maneira, seria impossível: “[...] precisamos também de um trabalho assim para nos dar sustentação. [...] quando o assunto esbarrava [...] nos órgãos oficiais, nos governantes, a gente sentia que eles não gostavam muito de dar informação.” (Silva, 2001, p. 97)

Otto Groth (2011, p. 346-347) constatou, há um século na Alemanha, que o profissional das redações, jornalista, “tem que levar em consideração constantemente [as suas] necessidades e [os seus] desejos” do público do empreendimento econômico jornal, ou seja, do proprietário ou da família proprietária e, atualmente, os acionistas. O editor é o representante autorizado a cortar e ou ajustar o que for preciso, nas notícias produzidas pela redação, antes de serem publicadas. No entanto, é a figura do jornalista, por interagir com o público, que acaba sendo cobrado, criticado quando a publicação difere

da entrevista concedida. Como um operário de qualquer fábrica, ao jornalista resta o menor poder de decisão sobre o interesse, a urgência, a necessidade de abordar, aprofundar, repercutir assuntos importantes na sociedade. Entretanto, é um ator social dedicado a compreender todas essas dimensões e a comunicar as mesmas com precisão aos públicos através da prática jornalística.

Essa conflitante relação é explicitada na entrevista concedida a Silva (2001, p. 101): “[...] os ecologistas [...] viram na jornalista uma porta para a entrada das ideias e das lutas ecológicas dentro do jornal. Seu trabalho sempre esteve dividido entre os interesses da direção do jornal e sua postura profissional como jornalista [...].” Segundo a pesquisadora, a dificuldade da jornalista era encaixar, nas palavras da entrevistada, as pautas sobre os movimentos sociais de modo que o dono permitisse a veiculação nas páginas de *O Nacional*.

As dificuldades enfrentadas por jornalistas na rotina das redações dos meios de comunicação eram de conhecimento dos ambientalistas, tal como o entrevistado de Silva (2001, p.98) relata:

A imprensa pode pegar o caso da central de Itaipu, que está fazendo uma preservação de peixes, tratando água, fazendo orquidário, tal e coisa e divulgar como ação ecológica. Mas, nós sempre fomos contra o alagamento. São duas entidades falando sobre meio ambiente, mas com posições bem diferentes. Então, eu acredito que muita coisa se deve ao próprio jornalista, que está no órgão. [...]. Nesse tempo de militância, pude comprovar que muita matéria passou em função do jornalista que estava no jornal.

A cobertura de pautas ambientais pela chamada grande imprensa no Brasil, em sua maioria, se debruça na exacerbação do enfoque econômico, com destaque às cifras monetárias e as narrativas das autoridades, tanto membros dos governos como das empresas. E este modelo vigente nas regiões metropolitanas, acaba sendo reproduzido nos municípios do interior dos estados. Numa pesquisa sobre a cobertura da Rio+20 nas revistas brasileiras *Veja*, *IstoÉ*, *Época* e *Carta Capital*²⁰, o resultado confirmou que a pauta ambiental foi trazida pelo viés econômico, prioritariamente. Desta forma, há “[...] este discurso dominante, um encobrimento de causas e consequências das atividades econômicas.” (Moraes, 2015, p. 182). Neste sentido, é importante destacar a atuação do jornalismo local, visto que, em termos ambientais, as pessoas ficam mais propensas a pensar e agir quando a agenda pública é também parte de seu cotidiano. (Loose, 2016).

O jornalismo local, não raro, repete ou reproduz notícias de fora e pouco ou mal repercute ou aborda temas cotidianos de interesse dos habitantes, tais como a qualidade da água, do ar, dos solos onde são cultivados os alimentos ou, na maior área do país, commodities para exportação. Isso ocorre porque, historicamente,

²⁰ <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114650/000955664.pdf?sequence=1>.

os meios de comunicação, desde os impressos, passando pelo rádio e pela tevê surgidos no século 20, têm vínculos com os grupos dominantes da sociedade, em especial o político e/ou o econômico. Esses vínculos podem ser desde familiares, ideológicos, de patrocínios, outros, e que limitam e/ou restringem as coberturas de certos temas, visando evitar conflitos que possam prejudicar os negócios. Miguel (2019) adverte sobre os problemas da falta de pluralidade das visões de mundo na mídia, comprometendo a própria democracia.

PAUTAS AMBIENTAIS E INICIATIVAS COMUNITÁRIAS

Pensar sobre a imprensa e os veículos tradicionais faz sentido, visto que o monopólio midiático se manteve dominante, porém França (2016) atribuiu ao sucesso da vertente dialógica a criação de rádios e tevês comunitárias e as lutas pela inclusão digital posteriores.

De fato, o Atlas da Notícia 2021²¹, destacou as iniciativas comunitárias, através das rádios, e o jornalismo digital, como os grandes responsáveis pela redução dos desertos de notícias. Na consulta aos dados do Atlas da Notícia de 2021, encontramos 435 veículos impressos ativos no Rio Grande do Sul, tendo sido 63 fechados no período. Em rádio, há 524 ativos e três encerradas, enquanto que veículos de televisão somam 70 abertos e apenas uma fechada. Nos veículos online, há 348 ativos e 28 finalizados.

Para observar a realidade histórica do jornalismo e do midiativismo local passo-fundense, buscamos artigos, monografias, dissertações e teses nos sites de periódicos da Capes e da Universidade de Passo Fundo (UPF), a mais antiga do município. As palavras-chaves foram: jornalismo, jornalismo local, meio ambiente, cobertura ambiental, Passo Fundo, jornal *Diário da Manhã*, jornal *O Nacional*. Nestas pesquisas, realizadas em fevereiro de 2022, quase não obtivemos resultados dos repositórios. Por contemplar o maior número de palavras-chaves, destacamos a tese “O papel verde dos jornais: presença do discurso ambiental na imprensa diária do interior do Rio Grande do Sul”, de Mário Rocha, defendida na PUCRS em 2013. Com uma amostra de 2010, o jornalista e professor aposentado, analisou o discurso sobre meio ambiente em 17 dos 38 jornais diários impressos existentes no interior do Rio Grande do Sul. Embora tenha optado por trabalhar somente com *O Nacional*, consideramos relevantes as observações, tais como as “recorrentes abordagens ambientais” descritas neste jornal local: resíduos sólidos urbanos; ação da prefeitura em arroio para favorecer a fauna aquática; criação do Parque Municipal do Pinheiro

21 Atlas da Notícia 2021 mostra redução de desertos e liderança do jornalismo online no Brasil. <https://www.atlas.jor.br/dados/app/> e <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia/desertos-de-noticia-diminuem-na-regiao-sul/>.

Torto; água (quantidade e qualidade para abastecimento, disponibilidade para agricultura); licença ambiental; biodiesel.

Em comum com a amostra de Silva (2001), cujo período foi entre 1983 e 1999, verificamos a permanência da pauta sobre a água, em relação à qualidade para o abastecimento, à poluição por curtume, ao esgotamento e aos plásticos, ao surto de cólera. Além disso, *O Nacional*²² noticiou a comissão provisória dos comitês de gerenciamento de bacias hidrográficas do Alto Jacuí e de Passo Fundo, a Rio 92 e publicou um caderno de meio ambiente. Ao mesmo tempo, outros temas foram pautados e em comum com o concorrente *Diário da Manhã*: campanha de preservação do ecossistema da antiga Gare da Viação Férrea versus instalação de posto de gasolina; preservação da arborização urbana em importante avenida; abandono de praças, acúmulo de lixo e animais domésticos abandonados; simpósio de meio ambiente.

Já os temas que só o *Diário da Manhã* pautou, foram: poluição de pedreira, novo código de arborização urbana, atividades na reserva biológica Arlindo Haas; usina de reciclagem de lixo, terceirização da coleta; uso indiscriminado e coleta de embalagens de agrotóxicos; desativação do lixão e abertura de outro novo; encontro latino-americano antinuclear; seminário regional de educação ambiental; canalização de riachos pela prefeitura; seminário sobre esgoto cloacal.

A nossa revisão expõe a persistência dos temas ambientais, de um lado pela contínua exploração para o desenvolvimento sem consideração aos limites planetários e, de outro, graças ao exercício do papel educativo das entidades e dos ativistas formando gerações. Só no Rio Grande do Sul, ao menos, desde o pioneiro Henrique Luiz Roessler, nos anos 1930 em Porto Alegre, o fundador da União Protetora da Natureza (UPN) em primeiro de janeiro de 1955. Também sob esses auspícios se deu a formação ativista de membros da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), que completou em 2022, 51 anos de ecologismo. Além de professores e pesquisadores como Ana Carolina Martins da Silva, dezenas de jornalistas integram ou integraram a Agapan, entre eles diversos associados ao Núcleo de Ecojornalistas.

22 O Nacional

80- campanha de preservação do ecossistema da antiga Gare da Viação Férrea versus instalação de posto de gasolina, e a preservação da arborização urbana em uma das importantes avenidas de Passo Fundo; poluição das águas pelo curtume Ciplame, qualidade da água para o abastecimento, poluição de sangue em bairro com plásticos e resíduos em geral.

90 - feiras ecológicas, participação na comissão provisória dos comitês de gerenciamento de bacias hidrográficas do Alto Jacuí e de Passo Fundo, usina de reciclagem de lixo, lixo abandonado em perímetro urbano. terceirização da coleta, desperdício de alimentos, leilão de lixo reciclado, construção de casas a partir de um tipo de papel reciclado, atividades comemorativas ao dia da árvore, fórum global do RJ durante a Rio 92, um caderno sobre meio ambiente durante a Rio 92, surto de cólera.

Por fim, é nítida a relevância para a sociedade: do trabalho das entidades ambientalistas; da sua incidência sobre a imprensa, os profissionais do jornalismo e, por conseguinte, ao debate público; da influência para a maior compreensão diante da complexidade dos temas ambientais; do estímulo e reconhecimento aos novos atores sociais engajados nesta construção de outros mundos possíveis, compassivos, diversos e com equanimidade. Além da contribuição da ambientalista Ana Carolina Martins da Silva por meio da sua dissertação, destacamos o midiativismo ambiental através do site anacarolinapontolive.com²³ com atividade desde 2012. Trabalho este citado na cartografia que realizamos a respeito das iniciativas em Porto Alegre (Morais; Fante, 2018)²⁴. Além de difundir debates e mobilizações, fazer sua repercussão, encontramos fotos e vídeos de sua autoria, os quais também exercem a função de fonte de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista os desafios que precisam ser suplantados na área da comunicação ambiental, entre os principais problemas está a concentração das mídias atreladas a grandes conglomerados econômicos que, como tais, mantêm interesses em várias áreas das atividades produtivas (como o agronegócio) e desta forma dificultam que a pauta ambiental seja aprofundada e plural. Quanto aos meios locais, desde hegemônicos aos alternativos e independentes, a crise se dá pelo alto custo de manutenção de meios que, aos poucos, perdem espaço tanto para os grandes veículos como para o ambiente digital. Conforme o Atlas da Notícia, pesquisa nacional que busca identificar o acesso dos brasileiros a veículos locais, a situação é bastante sensível aos movimentos econômicos, indicando o necessário envolvimento comunitário para sua legitimação e manutenção.

Por outro lado, o ativismo se organiza em torno da mobilização da opinião pública ao mesmo tempo em que quebra a aparente unanimidade em torno das ideias - já ultrapassadas - de progresso a qualquer custo. Segue sendo de máxima relevância a atuação das entidades ambientalistas em todos os lugares, com pautas diversas porém convergentes quanto o respeito à vida. É a influência dos movimentos sobre os jornalistas e essa dupla pressão sobre os meios de comunicação que contribui imprescindivelmente para o despertar do problema cada vez mais abrangente e crítico como a emergência ambiental.

23 Disponível em: <<https://anacarolinapontolive.wordpress.com/>>

24 https://www.researchgate.net/publication/343639868_Uma_cartografia_do_midiativismo_ambiental_em_Porto_Alegre Atribuído a Ana Carolina Martins da Silva .

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H.. Ambientalização das lutas sociais - o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos Avançados** [online]. 2010, v. 24, n. 68 [Acessado 1 Março 2022], pp. 103-119. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100010>>. Epub 17 Maio 2010.

FANTE, E. M.; MORAES, C. H. de. A midiaticização de uma disputa pela conservação da arborização urbana no sul do Brasil. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**, n. 7, 2020. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/trahs/2169>>

FNDC. FSR debateu defesa da EBC e propostas para democratizar a comunicação. **FDNC** [Site]. Brasília, 08 fev. 2022. Disponível em: <http://fndc.org.br/noticias/fsr-debateu-defesa-da-ebc-e-propostas-para-democratizar-a-comunicacao-924975/>. Acesso em: mai. 2022.

FRANÇA, V.. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 1987.

GROTH, O.. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Tradução Liriam Sponholz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

INTERVOZES - Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2019. Quem controla a mídia no Brasil. <https://brazil.mom-rsf.org/br/>.

LOOSE, E. B.. **Riscos climáticos no circuito da notícia local: percepção, comunicação e governança**. 2016. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MIGUEL, L. F.. **O colapso da democracia no Brasil: da constituição ao golpe de 2016**. SP: Fundação Rosa Luxemburgo/Expressão Popular, 2019.

MORAES, C. H. **Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio+ 20 nas revistas Veja, IstoÉ, Época e Carta Capital**. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MORAES, C. H. de; FANTE, E. M. “Uma cartografia do midiativismo ambiental em Porto Alegre”. In: Braighi, A. A.; Lessa, C.; Câmara, M. T. (Orgs). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018.

MORAES, C. H. de; FANTE, E. M. Herdeiros de um modo de vida: midiativismo contra a ameaça de mineração no rio Camaquã. **Revista de Comunicação Dialógica**, n. 2, p. 39-61, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rcd/article/view/49939>.

ROCHA, M. E. V-B. da. **O papel verde dos jornais: presença do discurso ambiental na imprensa diária do interior do Rio Grande do Sul**. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação) Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Meios de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre.

SILVA, A. C. M. da. **Ecologia e mídia local:** O Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra e seus reflexos na imprensa de Passo Fundo (RS). 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

VALENTE, J.; PITA, M. **Monopólios digitais:** concentração e diversidade na Internet. Intervezes-Coletivo Brasil de Comunicação Social. São Paulo: Intervezes, 2018. <https://intervezes.org.br/arquivos/interliv012monodig.pdf>.

42 ANOS DO GRUPO ECOLÓGICO SENTINELA DOS PAMPAS

*Flávia Biondo da Silva*²⁵

*Paulo Fernando Oliveira Cornélio*²⁶

Falar do GESP é falar da história do movimento ambientalista e ecológico de Passo Fundo e da construção das principais políticas ambientais do município.

De 1950 a 1970, diante da preocupação com o rápido crescimento populacional mundial, a industrialização desenfreada sem controle de poluição e o uso de agrotóxicos sem noção da toxicidade, que resultou em poluição dos rios, solos, mares e florestas, e a contaminação de pessoas, além dos graves problemas de desmatamento. E, no social, somado ao desequilíbrio econômico, a fome, a pobreza, o perigo nuclear, a discriminação étnica, de gênero e de religião, além das recorrentes guerras, surgiram mundialmente movimentos sociais, sanitaristas, ambientais e ecológicos, com pessoas preocupadas com o desequilíbrio do planeta e da humanidade e com as mazelas provocadas pelos sistemas dominantes. Neste momento histórico, muitos ativistas surgiram, como: Martin Luther King, Raquel Carson, Greenpeace, Henrique Roessler, José Lutzenberger, Magda Renner, Giselda Castro, Ana Maria Primavesi, Sebastião Pinheiro, entre outros, que iniciam ações tentando reverter os caminhos que a humanidade estava trilhando, de destruição rápida, imoral e descontrolada do Planeta.

Em Passo Fundo, com o acompanhamento das discussões mundiais e a preocupação com a destruição dos ecossistemas naturais, o mesmo aconteceu. Com a liderança do Dr. Paulo Fragomeni, foi fundada a organização em defesa do meio ambiente, chamada Sociedade Botânica de Passo Fundo, e com o Sr.

²⁵ Graduada em Ciências Biológicas LP pela Universidade de Passo Fundo (1993); em Ciências Biológicas Bel pela Universidade de Passo Fundo (1995) e Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2005). Presidente do GESP.

²⁶ Graduação em Geografia LP Bel pela Universidade de Passo Fundo (2006). Um dos fundadores do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas; Diretor Tesoureiro do GESP.

Adão das Chagas, a Associação Passo-Fundense Protetora dos Animais, duas entidades pioneiras em nossa cidade. Ao final da década de 1970, o GESP surge de uma consonância de ideias de dois movimentos: um movimento da comunidade, formado por estudantes secundaristas, comerciários, funcionários públicos, escoteiros, donas de casa e artistas, e outro, de estudantes universitários. Que se uniram em um grupo muito heterogêneo, começando a discutir e movimentar Passo Fundo, com concepções pacifistas, manifestações ambientalistas e ecológica e atuação essencialmente política. Assim, em 21 de setembro de 1983, constituiu-se oficialmente, Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas – o GESP.

O GESP é uma organização não governamental ecológica aberta a todas as pessoas, que atua principalmente no recebimento e encaminhamento de denúncias, na proposição de políticas públicas de meio ambiente, sociais e culturais, na educação ambiental e na conservação da natureza. Que tem como missão lutar pela preservação de todos os seres, a partir de uma sociedade ecológica sustentável, socialmente justa, inserida numa filosofia pacifista, buscando a construção de um modelo alternativo de desenvolvimento e uma sociedade responsável.

Primeiros Movimentos - Década de 1980

Acompanhamento das lutas de movimentos sociais mundiais, nacionais e integração com o Movimento Ecológico Gaúcho (MEG). Discussões a respeito das questões nucleares e armamentistas e a preocupação com a utilização indiscriminada dos recursos naturais. Apoio à luta dos povos indígenas e dos sem-terra pela reforma agrária. Participação na Constituinte em 1988 e na constituição estadual e na lei orgânica de Passo Fundo em 1989. Participação na construção do Plano Diretor de Passo Fundo - com a Sociedade Botânica de Passo Fundo – onde forma garantidas as Zonas de Preservação Ecológicas — um exemplo é a área chama Invernadinha, que após, tornou-se conhecida como Reserva Biológica Arlindo Haas e atualmente é o Parque Urbano Municipal Arlindo Haas. Além, de denúncia da poluição dos córregos, arroios e rios, em especial do Rio Passo Fundo, principalmente na área urbana²⁷.

²⁷ Fotos do texto: Arquivo Histórico do GESP.



20/11/1988 Exposição do lixo retirado do Rio Passo Fundo na Pç Marechal Floriano



05/06/1984 - 1ª Manifestação Pública do GESP no Dia Mundial do Meio Ambiente

Movimentos: Década de 1990

Participação na RIO 92, com o lançamento do tratado de Educação ambiental e da Agenda 21 Global em Passo Fundo. Marcou a Educação ambiental através do teatro – Projeto Circo Marimbondo, coordenado por nossa querida Ana Carolina Martins. Nacionalmente, representou a Bacia Hidrográfica do Rio Uruguai na Construção do Plano Nacional de Recursos Hídricos. No Rio Grande do Sul contribuiu na construção da Lei de criação dos Comitês de Gerenciamento de Bacias Hidrográficas e do Código Estadual de Meio Ambiente, e no município de Passo Fundo, na construção das primeiras políticas públicas de Meio Ambiente em especial, a criação da Secretaria Municipal do Meio Ambiente - SMAM. Fez o reconhecimento da região de cabeceiras, que denominou “Berço das Águas”, primeiras nascentes do Rio Passo Fundo, Jacuí, Apuaê, Taquari e do Arroio Miranda. Bem como, preocupação com o barramento do Rio Passo Fundo, para captação de águas para abastecimento da nossa cidade.



Educação Ambiental - Teatro de Bonecos – Projeto Circo Marimbondo



Cabeceira Rio Passo Fundo Foto: Paulo Fernando Cornélio

Movimentos Década de 2000

O início dos anos 2000, foi marcado pela chegada do Promotor Paulo da Silva Cirne no Ministério Público Estadual de Passo Fundo, iniciando uma parceria de ações integradas com o GESP e outros órgãos. Movimento em defesa da coleta seletiva junto ao Ministério Público Estadual, com a parceria do Comitê de Cidadania e Ação Comunitária. Criação do Projeto Rio Passo Fundo: sociedade e cidadania com o Ministério Público Estadual e Departamento de Florestas e Áreas Protegidas (DEFAP/SEMA). Defesa pela proteção e preservação da nascente-mãe do Rio Jacuí. Apoio na criação do Programa Uirapuru Ecologia da Rádio Uirapuru. Participação na criação do Fórum da Agenda 21, pelo decreto lei nº 131/2006. Além, do recebimento e encaminhamento de denúncias, em destaque, de podas irregulares. E, da participação do movimento na criação do Parque Natural Municipal Pinheiro Torto.



Projeto Pró Guaíba Nascente-Mãe do Rio Jacuí Foto: Paulo Fernando Cornélio



2000 - Ação civil pública para Coleta Seletiva de Lixo

Movimentos: Década de 2010

Participação na fundação da Assembleia Permanente pela Preservação Ambiental – APPA e nas diversas manifestações, como o Abraço ao Rio Passo Fundo, chamando a atenção para a responsabilidade com importante rio da cidade. Convênio do GESP e a Agenda 21 Local com a Fundação Roberto Marinho para a instalação da 1ª Sala Futura do Meio Ambiente no Brasil. Participação no projeto Corsan nos Bairros. Iniciativas de proteção, conservação e restauração do patrimônio histórico, arquitetônico, paisagístico e de memória. Realização do Projeto “Lixo problema seu”, com o recebimento e encaminhamento de 140 denúncias. Junto ao Ministério Público a realização dos Seminários da Avaliação Ambiental, Projeto Jornal Via Eco e a entrega do Troféu Via Eco. Realização do Projeto Navegar I, II e III em parceria com o Instituto Estadual Cecy Leite Costa, destacando o ativista Prof. Antônio Rodrigues. Participou incansavelmente na luta de muitos anos, pela criação

do Parque Urbano Banhado da Vergueiro, efetivado em 2016. Proposição do tombamento do Rio Passo Fundo como Patrimônio Ambiental e apoiando o Projeto Rio Passo Fundo da Universidade de Passo Fundo.



Assembleia Permanente pelo Patrimônio Natural (APPA) - Foto: Paulo Fernando Cornelio



Projeto Navegar - GESP e Instituto Estadual Cecy Leite Costa - Foto: Paulo Fernando Cornelio



Banhadão da Vergueiro (antes)



Parque Urbano Banhado da Vergueiro (depois)

Movimentos: Década de 2020

Participação ativa na construção de políticas públicas, junto ao Conselho Municipal do Meio Ambiente, Câmara de Vereadores e sugestões à Administração Municipal. Coleta de material escolar e doação para comunidades de ocupações e escolas públicas. E, em especial, o apoio aos Povos Indígenas em Passo Fundo, na busca de seus direitos.



Apoio aos Povos Indígenas em Passo Fundo

POR FIM, PALAVRAS PROFERIDAS PELA ATUAL PRESIDENTE DO GESP, A BIÓLOGA FLÁVIA BIONDO DA SILVA

“Esta importante história de 40 anos de luta, foi e é construída por muitas mãos, pensadas por homens e mulheres comprometidos com a construção de uma sociedade sustentável, justa, fraterna e inclusiva. E, lembramos de algumas instituições e pessoas que contribuíram conosco: Sociedade Botânica de Passo

Fundo, Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul, Departamento de Florestas e Áreas Protegidas (DEFAP/SEMA), Ministério Público Estadual – 1ª Promotoria de Justiça Especializada, Companhia Rio-grandense de Saneamento (Corsan), Museu Zoobotânico Augusto Ruschi (Muzar/UPF), 3º Batalhão Ambiental da Brigada Militar, 6ª Coordenadoria Regional de Saúde, Fórum Agenda 21 Passo Fundo, Agência de Publicidade Núceo.com, Grupo Ecológico Guardiões da Vida. Dos integrantes do GESP lembramos de Marco Hoffmann, Valentin Gasperin (Chico), José Sampaio Teixeira, Ademir Pinto Ribeiro e Francisco Bethoven Cruz, *in memoriam*, e os pioneiros, ainda presentes conosco, Ademir Sossmeier, João Manuel Camargo Filho, Carlos Sander, Joslei Pereira, Adelino Macarini, Claudia Mendes, Mário Vernes, entre outros.

Gostaríamos de citar um por um, mas, para finalizar, em nome desse que nos representa muito bem e que se mantém e mantém o GESP sempre ativo, Paulo Fernando Cornélio, idealizador do GESP e atuante permanentemente pelos 42 anos, a natureza agradece a todos/as/es! MUITO OBRIGADA!”

- 4 -

DISSERTAÇÃO

ECOLOGIA E MÍDIA LOCAL: O GRUPO ECOLÓGICO SENTINELA DOS PAMPAS - AMIGOS DA TERRA E SEUS REFLEXOS NA IMPRENSA DE PASSO FUNDO - RS

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Dissertação produzida em cumprimento parcial às exigências do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP para obtenção de grau de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Cicilia M. K. Peruzzo

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social
São Bernardo do Campo, SP – 2000

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho as minhas filhas - Ana Maria da Silva de Cesaro e Anelise da Silva de Cesaro - com quem represento as futuras gerações, pelas quais eu luto. Dedico também a elas por serem minhas filhas, simplesmente, e por serem mulheres, trazendo em si o ninho de um mundo novo.

EPÍGRAFE

Como continuamos no inverno, escutem, deixem-me continuar tranquilamente meu trabalho, se for trabalho de louco, meu Deus! Tanto pior. Nada posso fazer então. E mais uma vez ou tranquem-me logo numa casa de loucos, não me oponho caso eu estiver enganado, ou deixem-me trabalhar com todas as minhas forças. Se eu não estiver louco, chegará o momento em que lhe enviarei o que desde o começo eu lhe havia prometido. Ora, os quadros talvez fatalmente terão que se dispersar, mas quando você vir o conjunto do que estou pretendendo, atrevo-me a crer que terá uma impressão consolado.

Vincent Van Gogh - Cartas a Theo - 1889.

AGRADECIMENTOS - 2000

Agradeço a Deus - em primeiro lugar - e por tudo que passei, dou graças. Agradeço, ainda, à Universidade de Passo Fundo - que possibilitou-me fazer o curso, à Universidade Metodista de São Paulo, aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal de Passo Fundo, ao Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra, aos jornalistas e proprietários dos jornais O Diário da Manhã e O Nacional de Passo Fundo, aos amigos do Centro de Referência de Literatura e Multimeios - Mundo da Leitura - da UPF, à Professora Doutora Tânia M. K. Rösing, a Paulo Fernando de Oliveira Cornélio, a Carlos Eduardo Pompeu Sander, a Rafael da Silva e família, a João Manoel Camargo Filho, a João Fernando de Cesaro, a Ana Paula Bilibio, ao historiador Ney Eduardo Possapp d'Ávila, a minha família, aos colegas de Mestrado, a Henrique Estevão e, especialmente, a minha professora orientadora, Dra. Círcia M. K. Peruzzo - cujo apoio e amizade, aliados ao suporte técnico, permitiram a conclusão desse trabalho.

RESUMO

O objetivo geral desse trabalho foi compreender a importância da relação da ONG GESP-AT com a imprensa local, na questão ambiental de Passo Fundo - RS, bem como, averiguar o espaço que a imprensa local deu aos seguintes assuntos: atuação do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas; questão do tratamento do lixo e meio ambiente em geral como: agricultura orgânica, seminários e eventos relativos ao tema e questão hídrica do município; Sendo que, essa última, teve analisado também o enfoque dado pelos jornais. A técnica de amostragem usada foi a do ano construído, a partir do ano de fundação da ONG - 1983 até 1999. A escolha dos jornais O Nacional e O Diário da Manhã, como corpus para a pesquisa, deve-se ao fato de os recortes de jornal serem um dos acervos mais valorizados pelo Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas, bem como o mais facilmente localizado em arquivos públicos, bibliotecas, pelo seu caráter permanente. A partir das conclusões dessa pesquisa, pode-se traçar um perfil da imprensa local e sua relação com o meio ambiente, assim como, constatar que uma das contribuições mais importantes do GESP-AT, para o município, foi a de ter mantido na pauta dos referidos jornais o tema da ecologia, insistentemente, através da provocação de fatos como seminários, passeatas, visitas às redações dos jornais, apresentações teatrais, bem como denúncias sobre crimes contra o cidadão, pelo mau uso da natureza.

Palavras-chave: Ecologia; Mídia local; O Nacional; O Diário da Manhã; GESP.

4.1 INTRODUÇÃO

Desde que a humanidade começou a descobrir, ainda na sua época de nômade, que ano após ano, ao voltar para determinados lugares, as sementes que haviam sido espalhadas por sua gente, como lixo, haviam se transformado em novas plantas e novo alimento, o homem começou a estabelecer relações que foram o berço do que chamamos de *cultura cultivar*. Porém, se, originalmente, a palavra cultura, significava o cultivo de grãos ou animais, atualmente a palavra cultura se refere a todos os tipos de atos que o homem desenvolve e que o cercam. Se, antes, no princípio das relações humanas com a natureza, a cultura girava em torno da vida, com o tempo, este contato foi se distanciando. Quando o termo *cultura* aproximou-se do termo *civilização* este cultivar passou a significar muito mais agressão à vida do que um favorecimento a ela. Esse conceito de *civilização* como um agrupamento pela *cultura*, é visto por Sodré (1999, p.19) como culturalismo... *à luz da dominação globalizante, o culturalismo é geralmente um novo meio de administração das diferenças socio-econômicas e de ocultação de problemas de sobrevivência das populações, às quais já está negado em princípio o acesso às benesses materiais da universalidade.*

Em busca de um refinamento de ações e aparências - padrão, o ser humano começou a escravizar sua própria espécie, a matar animais para extrair-lhes adornos, a poluir o ar, a derrubar as florestas e a destruir o que há de mais precioso no planeta, a água. Esse estado catastrófico não pode ser atribuído a falta de contato entre os homens dentro de seu país ou com outros de outros países. No Brasil, por exemplo, a sociedade, em geral, valoriza as informações propiciadas pelos meios de comunicação. O que, no princípio dos tempos, era função da cultura oral, da cultura ministrada pela igreja, pela escola, pela família, atualmente está incorporado também no dia a dia dos meios de comunicação: são noções de saúde, alimentação, notícias sobre o mundo, debates sobre temas polêmicos, lazer, esporte, etc. A população, quer seja de uma camada que domine uma cultura de elite, erudita, quer seja de um segmento que a desconheça, está atenta ao movimento dos jornais, da TV, revistas, rádio, painéis de rua, entre outros.

Ciente disto, o *Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra*, sempre dedicou parte de seus trabalhos à busca de espaço na mídia local, incluindo, em seus estatutos, essa busca de relação amistosa. Durante anos, a entidade foi procurada para dar depoimentos à imprensa, como também em escolas, associações de bairro etc. A prefeitura da cidade²⁸, que, através de suas administrações, apresentava resistência aos trabalhos de conscientização da população feitos pelos ecologistas, financiou uma parte da ida desses até o

²⁸ Vou corrigir essa informação: foi a Câmara de Vereadores do Município que financiou a ida dos Ecologistas ao Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro para participar do Fórum Global de 1992. O Fórum aconteceu no aterro do Flamengo, paralelo a chamada ECO-92, onde pessoas de todo o mundo ratificaram suas posições de defender o planeta dos ataques que vinha sofrendo, preservando-o e preservando nossa própria espécie por consequência. Nesse evento, ONG's de todo o mundo se reuniram para discutir e vislumbrar possibilidades de soluções para a crise ambiental planetária e para a crise social que assola a humanidade. As questões sobre os recursos naturais, os ecossistemas, a sociedade rural, urbana, as questões industriais, nucleares, de minorias, a educação ambiental foram alguns dos assuntos pontuados nos encontros. O GESP-AT se fez presente no encontro de Educação Ambiental e no encontro sobre a agricultura orgânica. Ao retornar para Passo Fundo, os militantes da entidade trataram de divulgar os tratados dos cidadãos do mundo, que foram os documentos tirados das diferentes comissões que se formaram no Fórum Global. Essa divulgação ocorreu através de diversas incursões pela imprensa local, em palestras e seminários de debate e divulgação dos tratados. O espaço para a discussão ecológica na mídia local havia sido potencialmente aberto pela força da mídia nacional e internacional que tratara amplamente do tema por ocasião da ECO 92.

Por essa soma de fatores, pretendemos compreender e registrar o elo entre a história da imprensa local e a atuação desta Organização Não - Governamental ecológica e sua luta pela preservação da vida no interior do Rio Grande do Sul. A partir de uma avaliação profunda, com embasamento teórico, este trabalho procurou desvendar um novo modo de relacionar a imprensa local e a questão do meio ambiente visando à concretização de um modelo de desenvolvimento apoiado na força do esclarecimento, da comunidade interagindo no processo e pela análise científica dos fatos.

Hoje, não se pode mais ter a ilusão de que, devido a imprensa ser muitas vezes manipulada pelos que estão no poder, ela deverá ser extinta em algum momento futuro. Ou que o capitalismo vai deixar de existir, sendo substituído pelo socialismo. Hoje, precisamos pensar soluções que aproveitem as coisas boas que a humanidade fez até agora, que recupere o que foi perdido pelos processos equivocados já desenvolvidos, adaptando²⁹ os *aparelhos de opressão* estabelecidos, para outras funções, como por exemplo, para a *emancipação*. Incluímos nesses aparelhos, a produção desenfreada de máquinas que consomem energia e dão pouco retomo para a qualidade de vida da humanidade, incluímos a comunicação de massa das grandes cidades, numa de suas atuais condições que é a de dar sustentabilidade de imagem

²⁹ Lendo essa frase escrita em 1999, agora, em 2026, percebi que pode parecer que eu não descartaria “aparelhos de opressão”, adaptando-os. O que quis dizer, foi que algumas coisas já estão estabelecidas, como a grande mídia e, como eliminá-la é uma coisa muito difícil, ela deveria ser adaptada e estar a serviço da emancipação. Para mim, isto estava claro, lendo com a cabeça de hoje, me pareceu ter de explicar melhor.

e status ao sistema capitalista, a imprensa do interior, que serve a determinadas famílias que tendem a se manter no poder usufruindo dos recursos naturais e das riquezas do município em proveito próprio, seja financeiro, seja de ascensão social ou política. Gattari, na apresentação do livro de Bredariol e Liszt (1998, p. 09-10) expressa essa preocupação e necessidade social de forma muito precisa:

Uma tomada de consciência ecológica cada vez mais vasta, ultrapassando em muito a influência eleitoral dos partidos “verdes”, leva pouco a pouco a questionar a ideologia da produção pela produção, isto é, unicamente polarizadas pelo lucro no contexto capitalista do sistema de preços. Ao que parece, o objetivo não é mais simplesmente tomar o poder no lugar das burguesias e das burocracias, mas de determinar com precisão o que se quer pôr no lugar. A este respeito, duas temáticas complementares deverão dominar nos próximos anos:

a redefinição do Estado, ou melhor, das funções estatais que são múltiplas, heterogêneas e freqüentemente³⁰ contraditórias;

a reorganização das atividades econômicas a partir da produção da subjetividade.

Como subjetividade, Gattari define questões como o ódio racial, o integristismo e, principalmente, a noção de ética.

Além das reivindicações por pão, paz e liberdade emerge a aspiração por uma reapropriação individual e coletiva da subjetividade humana. Desta maneira, a ética torna-se progressivamente o nó de todos os desafios políticos e sociais. Daí a recusa dos “discursos competentes”, repulsa das políticas que não dimensionam o local, o social imediato, o meio ambiente, a reconstrução do tecido das relações intersubjetivas.

Na reorganização de algumas *subjetividades*, a atuação do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra, pode apresentar-se com um dos casos típicos. Como um dos muitos grupos de ecologistas gaúchos que enfrentaram dificuldades financeiras, emocionais, familiares, desfazendo casamentos, empregos, amizades, projeção social, em prol de uma nova vida para o planeta Terra. A imprensa de Passo Fundo, também viu essa trajetória dos ecologistas, também acompanhou a atuação do Sentinela, bem como suas principais bandeiras de luta, a sua maneira. Relatar fatos sob um determinado ângulo, pode ser muito mais prejudicial do que não relatá-los e, a ética, nem sempre, tem sido urna constante na imprensa. A mídia parece absorver os impactos das polêmicas ecológicas, distribuindo-os uniformemente entre tantos outros fatos dos jornais. Esse interesse momentâneo para cumprir pauta nas datas específicas, ou quando os fatos são muito alarmantes, não significa urna participação da imprensa na luta pela causa ecológica, apesar de parecer ser urna espécie de alerta aos *agentes poluidores*, que podem julgar,

30 Sic

nesse processo de *abertura*, uma possível ação fiscalizadora da imprensa. A falta de constância numa ação de fiscalização efetiva, entretanto, pode prejudicar e retardar o desenvolvimento de urna cidadania ecológica, negando possibilidades de conhecimento à população, essa pesquisa começou mesmo antes de ter sido planejada. Dentro do GESP-AT, sempre questionamos a forma como os meios de comunicação tratavam a questão ambiental. Ao estudarmos esse tratamento com embasamento teórico da própria Comunicação Social, entretanto, podemos perceber que os fatos que aconteciam entre a imprensa local e a ONG não estavam isolados de um contexto mais amplo, como o nacional e internacional. Então, essa análise abordou o lado histórico dos fatos, procurando não isolá-los numa interpretação apenas, olhando os fatos com olhos de ecologista e de cientista social para vislumbrar possibilidades e perspectivas diversas de entendimento

A abordagem foi qualitativa, mas utilizamos também dados numéricos, englobando assim, alguns aspectos quantitativos. Centramos nossa análise a partir de um estudo de caso que tem o ambiente natural como fonte direta e o pesquisador como instrumento chave. A pesquisa qualitativa tem uma preocupação maior com o processo e não com os resultados Segundo Triviños (1990), *o significado é a sua preocupação essencial*. Uma parte da pesquisa qualitativa desenvolvida foi ancorada na Observação Participante. A partir da observação do problema na comunidade, foram promovidas discussões sobre ele, nas reuniões do Sentinela. No tocante à observação participante, houve o acompanhamento das atividades da ONG - GESP-AT, inicialmente como militante de 88 a 97 aproximadamente, após, devido ao acúmulo de atividades pessoais e profissionais dessa pesquisadora, a partir de 1998, a atuação esteve direcionada para a coleta de informações e suporte para suas interpretações. Houve um distanciamento das atividades cotidianas da entidade, como militante, e uma concentração maior na análise dos dados.

A combinação de alguns instrumentos para a coleta das informações foi importante para garantir a veracidade do trabalho. Realizamos também leituras de material de referência sobre o tema da dissertação, entrevistas com antigos e atuais militantes da ONG, assim como, com jornalistas ligados aos jornais envolvidos nessa pesquisa: *O Nacional* e *O Diário da Manhã* e a análise de conteúdo dos mesmos.

Os entrevistados foram selecionados pelo critério de tempo de trabalho. F. T. (ON) esteve presente no jornal desde que causava sua faculdade de Jornalismo, 1972-73, até os dias de hoje, quando é redatora-chefe do jornal. Leoni Serpa trabalhou dez anos no DM, sem formação acadêmica e atualmente está cursando jornalismo na Universidade de Passo Fundo. L. D.³¹, não terminou o curso de

31 Devido ao fato dos jornalistas de ON e DM ainda estarem atuando nos jornais

graduação em jornalismo, e atua no DM atualmente. Essa distribuição deles no tempo e suas ligações - ou não - com a academia e a imprensa local foi o critério usado para a escolha.

A entrevista, como *chave* para observação social, segundo Thiollent (1987) começou a ser utilizada no século XIX, na Europa, para estudo da pobreza ou da “questão operária”. Essa técnica, juntamente com os questionários, foi mais desenvolvida nos EUA, na década de 30, e a partir das décadas de 50 e 60, dominou a sociologia do mundo inteiro. Tanto a entrevista quanto o questionário são considerados técnicas de observação direta. No caso desse trabalho, as entrevistas foram *semi-estruturadas*, ou seja, aplicadas pelo próprio pesquisador, a partir de um roteiro de perguntas abertas, deixando o entrevistado falar livremente sobre alguns aspectos do tema e direcionando outros dentro desse roteiro mínimo. Foram tomados alguns cuidados no sentido de não permitir *uma influência recíproca entre o entrevistador e o entrevistado*, no caso dos ecologistas, visto que pertencemos todos ao mesmo grupo de atuação social, bem como, no caso dos jornalistas, cuidados *para evitar as não respostas por causa de desconfiança ou intimidação*. Esses dois aspectos são citados por Thiollent como fontes de distorções nos questionários e nas entrevistas. Além desses, ele cita a natureza das perguntas. Como essas entrevistas serviram de instrumento para coleta de informação sobre fatos, isso é, foram *entrevistas documentárias*, a comparação entre as respostas poderá evitar possíveis falhas.

O trabalho prático da pesquisa começou com o levantamento da ocorrência de matérias sobre as questões ambientais de Passo Fundo e região, que incluem a atuação do GESP-AT, sobre a questão do tratamento do lixo, sobre eventos ligados ao meio ambiente e sobre a questão hídrica. A amostragem foi retirada através da *técnica de ano construído*, cuja amostra foi extraída a partir de 1983 a 1999, nos jornais *O Nacional* e o *Diário da Manhã*, distribuídos a partir da data de fundação da entidade GESP-AT, ou seja, de 1983 até 1999.

A amostra foi construída alternando-se os meses sucessivamente. Então, extraímos uma amostra composta pelos jornais veiculados por um período de doze meses, mas em um *ano construído de modo estratificado*, utilizando a proposta de Riffe (1993, p. 133-139). O *ano construído* significa a variação sistemática dos

profissionalmente, foi evitado mencionar seus nomes, citando apenas as iniciais. Essa postura foi discutida com os entrevistados e aprovada por eles. (Nota de rodapé original). Nota atual: Ao ser consultado, em fevereiro de 2026, L.D. ou Leandro Mási Dóro, autorizou a revelação de seu nome, devido ao tempo decorrido dos fatos e por estar em outras atividades atualmente. Infelizmente, para tristeza da comunidade passo-fundense e de seus familiares, a jornalista F.T. faleceu prematuramente em 2004. Como uma homenagem, eu gostaria muito de revelar seu nome, 27 anos depois da entrevista, mas, embora nenhuma lei me obrigue a manter esse sigilo, depois de tanto tempo, por questões éticas, continuarei mantendo nossa combinação e utilizando apenas suas iniciais.

meses do ano de 1983 a 1999. Essa alternância tem o objetivo de cobrir um tempo maior de notícias veiculadas e aconteceu da seguinte forma: 1983 - setembro (para começar pelo ano oficial de fundação da ONG Sentinela dos Pampas), 1984 - outubro, 1985 - novembro, 1986 - dezembro, 1987 - janeiro, 1988 - fevereiro, 1989 - março, 1990 - abril, 1991 - maio, 1992 - junho, 1993 - julho, 1994 - agosto, 1995 - setembro, 1996 - outubro, 1997 - novembro, 1998 - dezembro, 1999 - janeiro.

Depois das leituras, da separação das matérias por assunto, bem como do registro de seus aspectos gráficos e a observação de seu sistema analógico, fazendo registro destes em ficha previamente elaborada para a pesquisa, foram elaborados gráficos representativos dos dados levantados. Os aspectos analisados dessas matérias foram: 1. Evolução do tratamento das questões mencionadas a partir do *projeto gráfico* da página: verificar a forma peculiar de cada veículo valorizar o tema a partir da localização na página, bem como dos cm² ocupados pelo assunto, o n° de colunas e, ainda, se a matéria obteve chamada na capa. 2. Evolução do uso dos *sistemas analógicos* para dar destaque à questão: fotografias, ilustrações, charges, cartoons, outros: verificar se a matéria veio acompanhada de fotografia, considerando a posição da foto em relação a ela - fazendo a mesma análise, se o assunto obteve chamada na capa.

Quanto à análise de conteúdo das matérias dos jornais, buscamos obter um retrato da narrativa feita pela imprensa do tema isolado - questão hídrica. Essa, devido a sua importância para o ser humano, além de ser incluída na tabulação de dados, teve a análise de seus textos feita de forma mais profunda, procurando descrever e explicar o que eles dizem e como fazem para dizer o que dizem, levando em conta o processo de comunicação utilizado e seus - eventuais - compromissos ideológicos.

Na busca de clarear pontos da relação ONG - Imprensa Local, essa dissertação está composta de quatro capítulos:

No capítulo I, abordamos o surgimento da noção de ecologia no mundo. Ele apresenta explanações sobre paradigmas de vida, assim como a proposta do pensamento ecológico. Procura traçar um perfil da situação planetária, da situação regional e da situação local do ambiente e do ser humano interagindo com ele. Ainda, a luta do homem para encontra-se consigo mesmo. Ainda nesse capítulo, há uma exposição sobre a trajetória da ONG GESP-AT: um breve histórico da entidade, sua história, sua atuação, a participação em Conselhos Municipais, Estaduais. Os primeiros militantes, as atividades mais importantes. As suas táticas mais comuns de atuação e de comunicação com a sociedade e a sua relação com as outras ONG's em Passo Fundo como a Sociedade Botânica de Passo Fundo, a

Universidade de Passo Fundo, Prefeitura Municipal, entre outros³².

No capítulo II, procuramos situar o leitor nos aspectos ecológicos do Rio Grande do Sul, também caracterizar a cidade de Passo Fundo, sua formação histórica e cultural, já que esta contextualização é fundamental na postura em que têm se apresentado as atividades de comunicação do município. Para dar uma melhor sustentação aos aspectos da imprensa local que abordamos, registramos o seu surgimento no município, a fundação dos jornais alvo dessa pesquisa - *O Diário da Manhã* e *O Nacional* -, suas principais características gráficas e analógicas.

O capítulo III traz os gráficos que resultaram da leitura dos jornais da amostragem, abordando os aspectos ecológicos da região registrados pelos jornais: *O Diário da Manhã* e *O Nacional*. Aspectos da questão Hídrica do município, das questões do lixo, da atuação do GESP-AT e do Meio Ambiente, no geral. Nesse capítulo fazemos a leitura dos gráficos em todas as categorias mencionadas.

No capítulo IV, fazemos as análises dos dados recolhidos, apresentando a relação da imprensa local com a ONG, assim como, a metodologia utilizada na pesquisa; o tratamento dado, especificamente, ao caso da questão hídrica nas páginas dos Jornais *O Diário da Manhã* e *O Nacional*, ou seja, esse capítulo traz o resultado das análises da pesquisa.

32 Esse capítulo está atualizado em sua temática “ecologia e mídia” nos textos de abertura desta obra por convidados.

4.2 CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DA NOÇÃO DE ECOLOGIA NO MUNDO

Para Ernest Haeckel, que propôs, em 1866, a criação dessa disciplina, no campo da biologia, *Ecologia* teria por função estudar as relações entre as espécies animais e o seu ambiente orgânico e inorgânico. Segundo Lago e Pádua (1985, p. 07) *para denominá-la, ele utilizou a palavra grega oikos (casa) e cunhou o termo ecologia (ciência da casa)*. Desde então, o termo continuou basicamente com o mesmo significado, o que foi se alterando foi o significado de seus componentes. Começou-se a discutir o positivismo da *ciência*, começou-se a discutir a noção de *casa* de cada indivíduo, casa como planeta Terra, casa como residência, casa como o próprio corpo de cada um. A noção de tempo mudou. A visão do homem³³ sobre o homem mudou. Começou-se a vê-lo como parte integrante e não como parte principal do funcionamento do planeta, ou o chamado *humanismo antropocêntrico*. Esse, *fundamentado na fé suprema da razão humana, em detrimento de qualquer outra afirmação de poder*. Segundo Unger (1992, p 20), o movimento ecológico mundial está contrapondo a esse humanismo, uma postura biocêntrica.

Essa postura biocêntrica postula alguns princípios e premissas básicos. O primeiro deles é que o bem-estar e o florescimento da vida humanos e dos não humanos têm valor intrínseco, independente de sua utilidade para fins humanos. O segundo é que a riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores em si. E o terceiro é que os seres humanos não têm o direito de reduzir essa riqueza e diversidade, a não ser para satisfazer necessidades vitais. Tudo o que é uma presença que perdura tem direito intrínseco à existência, um valor *de per se*, e não um valor decorrente unicamente de sua utilidade para fins humanos.

Estão incluídos no âmbito desse pensamento ecológico, as questões culturais, históricas e sociais da própria humanidade nas relações que desenvolve entre si, independente das relações que desenvolve com a natureza na busca de um equilíbrio. Esse equilíbrio foi perdido pela pressa que a tecnologia trouxe, com o descartável, com o alimento transgênico, com a urbanização violenta e desenfreada.

Ao discutir a modernidade e o mundo, Chesneaux³⁴ (1989, p. 21-22)

33 À época, eu não tinha muito presente a discussão da demarcação de gênero, ao usar homem, como sinônimo de humanidade. Agora, eu sei disso, então, onde se lê homem, e que for mais adequado humanidade, peço que façam a adequação. No caso dos cultivares, a situação é mais interessante ainda, porque os primeiros cultivares vieram das mãos femininas. Eu não tinha esse conhecimento muito presente naqueles tempos.

34 “Jean Chesneaux (1922-2007), historiador e militante político, foi professor da Universidade de Paris VII e da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais. Dedicou-se a atividades políticas, sendo membro do partido comunista francês e presidente do Greenpeace da

faz algumas considerações sobre as cidades:

Rural ou urbano, o horizonte da modernidade se estende e se dilata a perder de vista. As pessoas se acham projetadas em sistemas cuja escala é desproporcional à extensão de suas percepções e às capacidades de seus corpos. Sente-se impotente, aturdido, negado diante dos grandes conjuntos residenciais de Pequim ou do Cairo, nos campos sem medida da Champagne nivelado pelas escavadeiras, nos hipermercados das *novas cidades*, nos trevos gigantes das estradas. Nem na moderna cidade, nem no campo modernizado, andar a pé faz sentido; ou seja, não há mais motivo para fazê-lo e nem se saberia como dirigir seus passos.

Além de parecer não saber mais para onde dirigir seus passos, muitas vezes, o homem também parece não saber para onde dirigir sua atenção, sua compreensão, tal é o *excesso* de comunicação. Segundo Chesneaux, com o que também concordamos, a interconexão técnica das redes de comunicação, os canais de computadores, a constituição de um imaginário planetário está fora do controle atualmente.

À medida que se generaliza esta relação, o próprio espaço muda de natureza. Ele cessa de se organizar como estrutura coerente e hierarquizada, fundada sobre as diversidades de distância, sobre os níveis de aproximação, sobre as orientações privilegiadas, sobre os eixos preferenciais. O espaço se decompõe, dissolve-se em proveito de sistemas que giram sobre si mesmos segundo sua lógica particular, quer ela seja técnica, quer econômica, quer da mídia.

Essa lógica particular, a que se refere o autor, compreendemos como *poder*, como dominação. A destruição das florestas, a poluição dos rios, do solo, do espaço, o extermínio e a extinção de espécies, a impossibilidade de selecionar as informações que nos abalroam por todos os lados, a prostituição e o assassinato infantis estão sempre a serviço do poder, do controle de uns sobre os outros. Capitalismo? Socialismo? Nenhum dos dois sistemas citados conseguiu erradicar esses problemas, ao contrário, fez uso deles para se manter. As lutas ecológicas são um ataque a esse tipo de estrutura que visa lucro, alienação, obediência cega a determinadas ideias separatistas. Schinke (1991, p. 01-04), quando vereador em Porto Alegre, RS, no início da década de noventa, fez um pronunciamento que englobava alguns aspectos sobre o capitalismo e sobre o socialismo.

A questão central é que o capitalismo desafia uma lei básica da natureza, a entropia (dada a irreversibilidade da conversão de matéria em energia, esta tende a assumir quantidades cada vez menores) quando utiliza os recursos naturais de maneira crescente e os transforma em unidades cada vez menores, impossibilitando sua reconstituição, ao mesmo tempo que utiliza cada vez mais energia para tal, processo meramente quantitativo,

França entre 1997 e 2004.” Ranzan, M. Resenha 63. NERINT, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nerint/folder/resenhas/resenha63.pdf>.

incapaz de incorporar avaliações de cunho qualitativo e globais que levam em conta os “fatores naturais”. (...)

Ao contrário do que se poderia esperar de uma economia planejada, as sociedades que produziram o *socialismo real* não modificaram qualitativamente a relação com a natureza. (...) O vínculo com o mercado mundial capitalista e a dependência tecnológica nestes países, estimulou a rapina dos recursos naturais para superar mais rapidamente a corrida pela produção para atender às necessidades estabelecidas pelos planos econômicos.

4.2.1 A Organização da Sociedade Civil

Avaliações como essas de Schinke, porém, não são privilégio da década de noventa. Elas começaram, e desembocaram, junto com os movimentos sociais nas décadas de 60/70 e, as pessoas que se dedicavam a esse tipo de pensamento ou causa, perceberam que deveriam começar a formular ações alternativas, poderes alternativos. Peruzzo (1998, p. 40-44), em seu livro onde traça uma espécie de cronologia da comunicação nos movimentos populares, divide esse processo da seguinte forma:

Fases iniciais dos movimentos sociais:

- Mobilização - fase das grandes manifestações Anos 70
- Organização - organização própria Anos 70/80
- Articulação - a ação tomou-se organizada em associações,
- Federações, isto a tomou mais qualificada. Começou o reconhecimento por parte do estado Final dos anos 80/início dos anos 90.

Então, como todos outros conceitos que se envolvem com a transformação da sociedade, o conceito de Ecologia ampliou-se. De denominação de ciência passou a ser uma luta, uma causa, a razão de existir de muitas pessoas e de muitas organizações não - governamentais, ou as ONG's. Essas passaram por processos similares e estão, atualmente, enfrentando dificuldades parecidas, bem como, procurando saídas para continuar existindo. O histórico de Peruzzo situa os movimentos sociais na década de noventa:

Fase atual dos movimentos sociais:

- Parcerias - Fortalecimento de grandes conselhos populares, as ONGs formam parcerias com órgãos públicos municipais, estaduais, federais, empresas, etc. Os movimentos estão pluralistas. Suas ideias³⁵ foram sendo assimiladas por muitos outros atores, entre eles, pela igreja, por setores do governo, ao mesmo tempo que houve uma certa estagnação dos movimentos populares. Anos 90.

É dessa fase de quase estagnação e agonia, que as ONG's ambientalistas e ecológicas, especificamente as brasileiras, estão tirando um aprendizado grande:

35 Sic

propostas de ação conjunta e auto - conhecimento. Em 1992, no Fórum de ONG's Brasileiras (Fórum, 1992, 18-166), preparatório para a Conferência da Sociedade Civil sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), no Rio de Janeiro, essas questões ecológicas foram abordadas estreitamente pelas entidades presentes, então, o Fórum de ONG's Brasileiras propôs, entre outras alternativas:

A construção de um modelo de desenvolvimento comprometido acima de tudo com a preservação da vida no planeta. Além de pressupor uma efetiva cooperação internacional, esse novo modelo de desenvolvimento implicará o estabelecimento de outro tipo de relação entre os seres humanos e a natureza, e entre os homens e mulheres, baseadas no respeito às diferenças, na equidade³⁶ e na democracia.

Após um balanço das lutas sócio - ambientais, os *verdes mais verdes* do Brasil, integrantes do Fórum Brasileiro, na ocasião, representando aproximadamente 50 mil pessoas, traçaram um perfil de si próprios:

As ONGs e os movimentos sociais acabaram constituindo, nos últimos anos, espaços públicos por fora da esfera do Estado - alguns deles de caráter transnacional - responsáveis pela instituição de novos valores, normas e padrões de comportamento que questionam profundamente o atual modelo de desenvolvimento. Exatamente por isso, talvez eles sejam hoje atores potencialmente mais capazes de romper com a lógica individualista e predatória, de modo a enfrentar e resistir à ação deletéria do mercado internacional. Para tanto, eles devem promover instâncias de articulação transnacional entre forças convergentes, provenientes tanto da sociedade civil como de forças empresariais e governamentais que transcendam os seus condicionamentos estruturais.

Essa linha de ação, tem estado presente nas atividades do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas e também dentro das mobilizações do MEG - Movimento Ecológico Gaúcho. A distinção entre esse tipo de movimento social e os outros, é que o ecológico abarca todos os outros, seja movimento dos negros, dos trabalhadores sem-terra, dos homossexuais, dos índios. O MEG³⁷ começou suas atuações a partir da década de 70, com o surgimento de várias entidades no estado do RS, mas o precursor desse movimento foi Henrique Luís Roessler, em 1896. Ele trabalhava como funcionário da Capatazia dos Portos do RS, Setor do Rio dos Sinos em São Leopoldo. Preocupado com as atividades predatórias de pescadores, caçadores e madeireiros redigiu, em 15/02/1939, um edital dirigido aos proprietários de embarcações do qual constava que *era considerado crime a pesca com dinamite, e que as matas ciliares deviam ser preservadas*. De 1939 a 1955 desenvolveu múltiplas ações de defesa do meio ambiente, vindo a fundar

36 Sic

37 Histórico Retirado do relatório do XVII Encontro Estadual de Entidades Ecológicas, realizado em Passo Fundo, RS, de 15 a 17/03/1996.

a União Protetora da Natureza, UPAN, uma ONG ambientalista, em 1955. Depois de Roessler ter fundado a primeira entidade ambientalista do estado, vieram a AGAPAN, de Porto Alegre, Movimento Roessler, de Novo Hamburgo, a ASCAPAN, de Caxias do Sul, a ASEPAN, de Santa Maria, o GESP-AT, de Passo Fundo, entre outras.

4.2.2 Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas -Amigos da Terra

O GESP - AT foi fundado em 21 de setembro de 1983, decretado de utilidade pública pela lei municipal nº 2543, de 07 de novembro de 1989, com sede na cidade de Passo Fundo. Essa data, além de ter sido escolhida por ser o Dia da Árvore, foi a da culminância de uma atividade ambientalista em ebulição.

O nome do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra surgiu no final do ano de 1979, início da década de 80, junto à Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo, vindo a firmar-se em 1983, reunindo estudantes de outros cursos e pessoas da comunidade que já vinham trazendo lutas semelhantes. Segundo Carlos Eduardo Sander (o Preto), como os estudantes da Faculdade de Agronomia da UPF tinham uma concepção de preservação da vida muito ligada à questão da agricultura, a participação de pessoas da comunidade foi muito importante para a fundação e concepção final do grupo, pois essas pessoas tinham uma visão mais ampla da questão ecológica, levando em conta questões como: a questão nuclear, a participação do cidadão dentro dos movimentos sociais e a questão militar. Carlos Eduardo conta que, quando encontrou o grupo, dentro da UPF, em 1981, fazia o curso de geografia. E naquele ano, no Dia Mundial do Meio Ambiente, como já era uma prática sua, anterior, sempre participava de alguma mobilização para colocar em pauta a data - 05 de junho - e dentro do curso de geografia, a turma dele imaginou fazer um ato público, uma manifestação, tomar público o ponto de vista dos ambientalistas. Eles percorreram diversos pontos da cidade, e, como eram universitários, ele e alguns colegas do curso de Geografia *panfletearam* o Campus. Preto contou na entrevista, como foi o encontro com os estudantes de Agronomia:

No antigo restaurante do Campus, convidamos assim: Reuniões preparatórias para o dia 05 de junho! E aí eu fiquei sabendo que dentro do diretório acadêmico da Faculdade de Agronomia existia um grupo de pessoas (e me parece que o nome desse grupo era Sentinela dos Pampas), era um grupo de alunos da Faculdade que, (não sei exatamente como surgiu) tinha a ideia de fazer palestras, de debater a ecologia nas escolas ou dentro da própria Universidade. Mas dessa mobilização do dia 05 de junho de 81, foi que encontrei as primeiras pessoas que viam a ecologia como um capítulo da Ciência Social e Economia e viam que era mais do que uma coisa como salvar passarinho e não deixar cortar árvores (não que isso não seja

importante). Foi aí que encontrei a Roseli, conheci o João Manoel Camargo, o Canola (que eram da Agronomia), havia alguns alunos de Psicologia, Letras, enfim, foram pessoas que na hora, inclusive, do ato propriamente dito, não compareceram. Porque eu me lembro que foi o primeiro ato público em Passo Fundo, pós o período de abertura, naquele processo de abertura. Eu me lembro que em 80 não éramos ainda uma democracia. (Nós ainda não somos, mas) Eu me lembro que a gente pegou um assunto muito pesado que era a agressão à Amazônia, quando até então ela era tratada única e exclusivamente como um assunto militar. Então, você entrava em confronto com uma posição dos militares, aquele processo do Calha Norte, aquela coisa toda e a questão nuclear. Na ocasião, para os militares, era estratégico também para o Brasil ter o domínio do ciclo nuclear.

Nesse primeiro ato, o Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas já marcou presença na mídia, pois, além dos jornais e rádios, até a televisão local cobriu o evento. Os militantes organizaram uma missa, na praça Tamandaré, mas poucas pessoas compareceram. Então, o Grupo Ecológico, a partir desse dia 05, começou a ter reuniões esporádicas dentro da Universidade, pois começou a surgir, paralelamente, uma disputa quase que personalista dentro da entidade³⁸. Alguns alunos da Agronomia não estavam vendo com bons olhos, alunos de outros cursos a discutir junto com eles, usando o seu Diretório Acadêmico, enfim, houve uma espécie de abafamento, e, assim, a discussão foi deslocada de dentro da Universidade para a comunidade. A entidade, dentro do DA de Agronomia, tinha uma função um pouco diferente do que os outros estudantes queriam dar a ela, enfim, várias pessoas diziam que o papel do grupo era ir dar palestra. Mas o destino da entidade era atuar com uma visão mais politizada. Segundo Preto, esse era o desejo dele e dos outros militantes:

Como uma entidade, como uma pessoa jurídica como nós queríamos constituir, ela tinha que levar assuntos como Reforma Agrária, Diretas já. Não se elegia ninguém naquela época. Não tinha o voto. Eu me lembro que, com companheiros do Grupo Ecológico que tinham posições políticas bem definidas, nós tínhamos dificuldade de fazer passar por eles a ideia³⁹ de que o grupo também tinha de discutir política. Eu me lembro que um jornalista que nós fizemos com o Quero-Quero, o símbolo do Grupo, gritando diversas coisas entre elas: Diretas Já! E um colega nosso, militante, falando: *Não, o Grupo Ecológico não pode falar em eleições.*

Quando as reuniões começaram a acontecer fora do Campus, foi um período de sede itinerante, isto é, a entidade ia aonde alguém acolhia. Por isso, elas aconteciam nas casas dos militantes, na casa do Preto, do Paulo Fernando, do Canola, do Francisco Beethoven, na casa do Jorge Matos, enfim, ia a sede

³⁸ Gostaria de registrar que não participei deste período, pois eu ainda não morava em Passo Fundo. Estes relatos históricos advêm das entrevistas realizadas.

³⁹ Redação da época.

do grupo e suas caixas. Foi quando o Grupo conseguiu reunir pessoas fora do corpo de alunos da Universidade. Surgiram o Régis Canabarro - poeta, artistas como o Gilson Covatti, o Ademir Sossmeier, e a autora deste trabalho - Ana Carolina (a partir de 1986) que colocaram o Teatro no Grupo.

4.2.3 GESP-AT e suas estratégias para a popularização do tema ecologia

O trabalho de educação ambiental tem sido a base da atuação do GESP-AT, que em sua história promoveu palestras, manifestações públicas, debates, entre outros. Uma das atividades mais importantes para essa entidade sempre foi a relação com a imprensa local, as rádios, os jornais e a TV, além de produzir mídias alternativas próprias como camisetas, decalques, *botóns*, *folders*, cartazes, jornais, teatro de fantoches, encontros estaduais temáticos. Essas ligações com a imprensa partiram de uma premissa antiga e muito discutida na atualidade, de que a mensagem ecológica, estando na imprensa, estava presente também na discussão política da sociedade. Na verdade, o GESP-AT viveu sempre envolvido com essa ideia de passar informação, pode-se assim dizer, com o poder da mídia. Imaginava-se que estando na *vitrine*, as pessoas discutiriam mais as questões levantadas pela entidade. Isso aconteceu, mas não na proporção esperada DeFleur (1993, p.319), quando analisa a *mídia na sociedade contemporânea*, comenta esse fato.

O fato de as teorias de construção de significado atribuírem considerável poder à mídia não escapou à atenção de um grupo de estudiosos da mídia, às vezes chamados teóricos “críticos”. Eles assinalam que utilizar comunicações para moldar os significados compartilhados pelas pessoas é uma estratégia bastante eficaz para conseguir e manter o controle social, político e econômico. Essa ideia⁴⁰ nada tem de novo. O velho adágio de que a pena é mais forte do que a espada expõe a crença de que quem quer que controle ideias - isto é, o produto do conhecimento - pode potencialmente controlar o comportamento das pessoas sem jamais ter de empregar a força. [...] Não seria surpresa para Marx descobrir que nossos veículos contemporâneos - jornais, revistas, rádio, livros, cinema e televisão - são todos caracterizados por modelos semelhantes de posse: grandes cadeias, grupos econômicos, conglomerados e sociedades anônimas são os donos da mídia norte-americana.

Imbuídos na missão de ecologizar a cidade, os militantes do Sentinela dos Pampas, seguiram o costume do pássaro, cujo apelido foi adotado como nome pelo grupo de ecologistas, o Quero-Quero. O apelido desse pássaro é Sentinela dos Pampas, porque assim que alguém se aproxima dele, ele levanta vôo⁴¹ em bando, fazendo um ruído muito grande, que é ouvido de longe. Uma outra

40 Sic

41 Redação da época.

característica interessante desse pássaro é que ele fica cuidando do ninho de longe, para que ninguém desconfie onde esse fica. No interior do Rio Grande do Sul, o Quero-quero é o melhor sentinela, avisando quando alguém se aproxima.

Usando a Comunicação Social para popularizar o discurso ambientalista entre os cidadãos passo - fundenses, o GESP tem usado todos os meios. Do panfleto à mídia. Seus militantes organizam seminários, debates, participam de atos e, em cada momento de discurso, eles falam um pouco do que é ecologia. Houve trabalhos com teatro, com arte, foi produzido um jornal- O Bicho do Mato. Segundo Carlos Eduardo- o Preto - o que a ONG tem feito é mais do que discurso:

A gente foi para a TV, foz matéria para o jornal, ia para programa de rádio, nós íamos para as escolas fazer as palestras, começamos a participar de reuniões na Câmara dos Vereadores, enfim, o canal abria, nós estávamos lá, se não abria, a gente criava. Então foram várias as formas que usamos para discutir/popularizar o discurso ambientalista. Eu acho que não foi nem popularizar. Eu acho que, nessa história toda, a gente fez muita coisa, teve muita prática ambientalista e não só discurso.

Principais atividades do GESP-AT: Publicações na área da educação ambiental: jornal Bicho do Mato, folders educativos; Organização de Encontros, Congressos, Simpósios e a participação, em nível nacional, de similares em termos de ecologia; Organização de uma biblioteca com acervo da área; -Palestras em escolas, associações de bairro, entre outros; Campanhas de preservação envolvendo a questão hídrica do município, bem como, participação em campanhas nacionais como envio de propostas para as constituintes nacional e estadual; Implantação de projetos de preservação como o da Reserva Biológica Arlindo Hass em Passo Fundo -RS; Teatro de Bonecos; Participação do Pró-Guaíba - Módulo 6 - Educação Ambiental - Projeto de limpeza e preservação do rio Guaíba a partir da limpeza e preservação de seus afluentes, com apoio do BID - Banco Internacional de Desenvolvimento e do Governo do Estado do Rio Grande do Sul; Implantação de projetos de comunidades alternativas: Pedra Musgo.

4.2.3.1 O Projeto Pedra-Musgo

O Projeto Pedra - Musgo foi uma experiência realizada pelo Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas, na Vila Luísa, em Passo Fundo, na rua Benedito Aquauã, número 31. Era um hectare de terra, onde o grupo tentou fazer uma espécie de redenção agrícola. Os militantes plantavam, colhiam, vendiam sua colheita e alguns moravam lá. Porém, o local era aberto para toda a comunidade. Foi o momento em que o grupo mais teve contato com pessoas de todos os tipos que iam ver o que os ambientalistas estavam fazendo. Além de plantar, fazer reuniões e militar, o grupo fazia pães, e teve a oportunidade de apresentar

a alimentação integral para a comunidade, o que era arroz integral, proteína de soja, shoyu, missô, entre outros. Como não teve sustentação econômica, o projeto se manteve apenas por três anos.

4.2.3.2 O Circo Marimbondo

O CIRCO MARIMBONDO tem atuado em conjunto com o GESP-AT - Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra - na sua luta pela preservação do ambiente natural e do ser humano na qualidade de sei que vive em comunidade. O CIRCO MARIMBONDO através de sua arte, leva a mensagem teatral e ecológica a muitos lugares do município e região, incluindo, ainda, a causa ecológica na história do teatro de bonecos do Rio Grande do Sul.

Os espetáculos do Circo foram desenvolvidos nas dependências das escolas, em teatros, praças, shoppings, parques de rodeio. Desde que fosse providenciado local adequado para instalação de equipamentos de som (e iluminação - quando o ambiente fosse fechado), bem como a bancada para manipulação de fantoches e bonecos. As apresentações eram feitas, em geral, através de esquetes (mini-histórias), abordando o compromisso que todos temos com a qualidade de vida do homem e de todos os habitantes do planeta. As peças fizeram uso de bonecos de luva, de balcão, teatro de ator, contação de história, marionetes.

Alguns espetáculos do Circo Marimbondo:

Peça Infantil: A Arca de Noé e outras Histórias, em 2000.

Teatro de bonecos - Circo Marimbondo - GESP - AT

Peça Infanto-Juvenil: *Um homem sem princípios, nem fins*

Em 1997.

Teatro de bonecos - Circo Marimbondo - GESP-AT

Peça infantil: *O negrinho do pastoreio em Um caso ecológico.*

Em 1995 -96- 97.

Teatro de fantoches - Circo Marimbondo e GESP-AT Peças: *O belo riozinho e O pássaro da chuva*

Em 1992 - 93 - 94.

Teatro de ator e bonecos - Grupo de Teatro amador: “Mulheres de Atenas”

Peça: *O mistério da Caixa de brinquedos.*

Em 1991.

Teatro de fantoches - Circo Marimbondo

Peças: *A margarida friorenta, A lenda da cobra grande e Uma história de natal.*

Em 1988 - 89.

4.2.3.3 O Bicho do Mato

O jornal “O Bicho do Mato” surgiu numa iniciativa do GESP para manter uma mídia alternativa. Em tamanho ofício, foi produzido pelo Grupo Ecológico em papel jornal com patrocínio. A princípio era para ser bimestral, foi ficando semestral e depois anual. As muitas tarefas dos militantes do GESP-AT, impediram que ele mantivesse a sua periodicidade frequente, mas uma vez outra, o GESP torna a publicá-lo. O Bicho do Mato traz matérias dos próprios ecologistas, bem como informações sobre os outros movimentos sociais.

4.2.4. GESP-AT e suas parcerias

Em 1983, a entidade já estava criada e algumas parcerias foram acontecendo naturalmente. O embasamento para as discussões políticas, que, naquele tempo acontecia dentro do Partido dos Trabalhadores. O PT já tinha uma estrutura formada em Passo Fundo e, de certa forma, a mídia identificava o movimento como uma facção do PT porque o grupo estava, em parceria, acompanhando a questão da reforma agrária. O GESP-AT já se mobilizava no caso da Fazenda Annoni, aqui no RS, a questão dos sem teto, da insalubridade dos empregos. O grupo começou a participar de tal forma, que ajudou a elaborar a legislação para a constituição, como por exemplo o capítulo de meio ambiente sobre a lei 9795, no qual há uma determinação do Ministério de Educação e Cultura, para o educador colocar meio ambiente como um dos cinco grandes temas a serem trabalhados em outras disciplinas, como Educação Física, Matemática, Português, entre outras. Esse tipo de parceria com partidos, entretanto, não foi efetuado com um partido em especial, mas alianças em grandes causas. Também não foi algo que aconteceu isoladamente em Passo Fundo. Desde a primeira eleição para vereador, para deputado estadual, governador, presidente, havia a busca dos movimentos ecológicos para que os candidatos sentassem com os ambientalistas e discutissem uma pauta de compromissos. Foi criada, inclusive, uma espécie de *lista verde*. Essa lista continha nomes de políticos realmente envolvidos com a causa ecológica.

No decorrer do tempo, os grandes parceiros do GESP foram os movimentos sociais de base: a pastoral da terra, os sindicatos, o movimento das barragens: CRAB (Comissão Regional dos Atingidos por Barragens - Erechim - Atualmente mudou de comissão para Movimento Regional: MAB) aqui no Rio Grande do Sul, abrangendo o caso da Barragem do Itá, de Machadinho, o movimento dos sem-terra, na luta pela ampliação da área de domínio da Mata Atlântica, a chamada floresta de amortização, o GESP entrou junto com a SOS Mata Atlântica na luta. Na questão indígena, havia um contato grande com o *CIMI*

- Comissão Indigenista Missionária, o que proporcionou a oportunidade de trazer pessoas para palestrar em Passo Fundo sobre a causa indígena. Também parcerias em causas mais específicas, como preservação de ecossistemas: SOS Pantanal, SOS Amazônia, lutas em nível regional - região Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como foi o caso da Estrada do Colono que atravessa o parque da Foz do Iguaçu, onde os militantes GESP foram lá, e junto com outras entidades, bloquearam a estrada. Também há o contato frequente com o *Comitê da Cidadania contra Fome, miséria e pela vida*, bem como com o *Fórum da Agro-ecologia*- promotor das Feiras Ecológicas com alimentos sem veneno.

Ao assumir essa posição política “sócio - cultural - ecológica”, de abordar o caráter social da ecologia, foram criadas certas dificuldades para o Grupo Ecológico, algumas barreiras para parcerias empresariais pelo fato do grupo estar em atos públicos, greves, atos dos professores. As pessoas da comunidade, em geral, diziam: “Ah! Isso é política, política...!” Mas o GESP acreditava que não havia como resolver sem discutir, sem participação de todos. Agindo dessa forma, o Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas tomou-se um marco no ambientalismo do Rio Grande do Sul. Muitas entidades do Sul acompanharam essa decisão do GESP, que conseguiu introduzir um pensamento mais crítico para o movimento.

Outra parceria importante que o Grupo fez até hoje foi com as escolas. Preto, ao comentar essa parceria lembra de uma experiência muito rica para o Grupo:

Foi quando saíram escolas de vários pontos da cidade manifestando-se com o mesmo objetivo, que foi a questão do gás. Saiu gente lá do CECI, lá do quartel do 20, saiu gente do centro da cidade, enfim, foram várias escolas que saíram de vários pontos da cidade, nós nos reunimos no Centro e foi uma experiência lindíssima, que eu tenho muito viva, até as cenas das coisas. E a escola sempre esteve aberta. Em algumas escolas saíram grupos de Ciência, em outra surgiu o GESP- mirim, tem várias experiências que saíram muito ricas. Para mim foi uma experiência muito bonita entrar dentro da sala de aula, levar um questionamento, dali professores passaram a dar um norte, e a gratificação veio hoje com essa lei 9795, dizendo que a ecologia tem de permear os outros conteúdos... o que termos como intertransdisciplinaridade, coisas que a gente falava e as pessoas diziam: “ Não pode, não pode misturar “e hoje está aí, é uma lei.

Ao se falar em parcerias, é importante ressaltar que o Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas é uma espécie de segunda geração do movimento ecológico em Passo Fundo. Segundo Paulo Fernando Cornélio, a primeira pode ser considerada a Sociedade Botânica, que foi fundada em 1972. Há pronunciamentos registrados na imprensa, do ambientalista Hass, filho de Arlindo Hass, numa entrevista, em 1974, portanto, há mais de 20 anos, dando

depoimentos semelhantes aos que os ambientalistas fazem hoje. Com algumas coisas diferenciadas devido ao próprio avanço da ciência da Ecologia, mas, falando sobre as questões militares, armamentistas, sobre os recursos naturais. A relação com a Sociedade Botânica e seus militantes, principalmente o Dr. Paulo Fragomeni, uma pessoa muito conhecida e respeitada em Passo Fundo pelo seu trabalho em defesa da natureza, sempre foi a de “herdeiros”. A primeira sede oficial do Grupo foi emprestada pela Sociedade Botânica, no Campus III, da Universidade de Passo Fundo. A sala, cedida pela Universidade para a SBPF, foi repassada para o Sentinela, inclusive com os documentos de fundação da SBPF, que são protegidos e guardados até hoje. A parceria com a Sociedade Botânica mantém-se ativa e, quando grandes causas movem o GESP-AT ou a SBPF, em separado, urna entidade busca apoio na outra.

Outra parceria importante foi estabelecida em meados da década de 90 (94-95) com a ADFG (Associação Democrática Feminina Gaúcha), com sede em Porto Alegre, RS. Liderada pela gaúcha Magda Renner, uma das primeiras pessoas do RS a defender causas ecológicas, junto com Lutzemberger. A ADFG era filiada a entidade ambientalista inglesa: Amigos da Terra Internacional. Em 90, os Amigos da Terra Internacional ofereceram para a ADFG a possibilidade de “apadrinhar” algumas entidades ecológicas e emprestar-lhes o nome de Amigos da Terra. O GESP foi um dos escolhidos. Desde então passaram a assinar o nome da entidade como Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas - Amigos da Terra (GESP-AT) e a integrar a rede internacional Amigos da Terra.

A Prefeitura Municipal de Passo Fundo tem apoiado a entidade nesses anos de existência, e, apesar de não serem parcerias fixas, esteve junto ao Grupo em Encontros Estaduais, apoiou no Projeto Circo Marimondo em 1997, e cedeu uma sala nos fundos do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, na av. Brasil, centro da cidade, onde funciona a sede da entidade atualmente. Há ainda atua em conjunto no projeto da manutenção da Reserva Biológica Arlindo Hass, área de preservação passada para comodato para a Sociedade Botânica de Passo Fundo há aproximadamente 20 anos atrás. Esse projeto foi retomado pelo GESP-AT, pela Sociedade Botânica e pela Universidade de Passo Fundo, para efetivar a reserva e desenvolver projetos de pesquisa no local.

4.3 CAPÍTULO II - RELAÇÕES ENTRE A IMPRENSA E A ECOLOGIA

A imprensa é resultado da busca incessante de métodos de relacionamentos sociais comunicativos, onde pessoas de aspectos sócio-culturais⁴² e políticos de diferentes naturezas podem ter acesso à uma informação comum que facilite seu processo de convivência, de interação na comunidade. A formação de uma pauta de discussão, que pode até mesmo reger conversas e decisões da família e de grupos de trabalho, entre outros, envolve a todos num comportamento baseado em instrumentos como o jornal, que, por estar escrito e poder ser lido em qualquer lugar, por quantas vezes forem necessárias, toma-se um produto não só de interesse de momento, como de caráter documental. Essas características não são modernas, elas datam de muito tempo atrás. Segundo DeFleur (1993, pg. 64), o jornal que encontramos nas bancas atualmente, resulta de uma combinação que vem sendo desenvolvida no tempo.

Ainda antes do nascimento da Cristo, os romanos pregavam em locais públicos folhas com notícias chamadas *acta diurna*. Os chineses e os coreanos usavam tipos esculpido em madeira e papel para imprimir, vários séculos antes de eles aparecerem na Europa. No século XVI, bem depois da impressão ter chegado à Europa, o governo veneziano imprimiu uma pequena folha com notícias que podia ser comprada com uma *gazeta* (pequena moeda). O emprego da palavra “gazeta” com referência a jornais sobreviveu até hoje.

Assim como o jornal, a ideia de sociedade e de planeta Terra, também veio sendo desenvolvida através dos tempos, como já tratamos no Capítulo I. A necessidade - entretanto - premente - da noção da fragilidade do equilíbrio do ecossistema da Terra ter de ser propagada através de um meio que se tomou de massa, não foi um processo a ser polido através do tempo com o transcorrer natural dos fatos históricos. A inserção do assunto ecologia, no âmbito da grande imprensa e no da imprensa local, foi um trabalho árduo desenvolvido pela sociedade através de sua movimentação organizada.

Em junho de 1972, em Estocolmo, a Assembleia Geral das Nações Unidas, atendendo a necessidade de estabelecer uma visão global e princípios comuns que levassem a humanidade a preservação e melhoria do meio ambiente, estipulou 23 princípios básicos, entre eles, o seguinte:

19. É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais tanto às gerações jovens como os adultos, dispensando a devida atenção ao setor das populações menos privilegiadas, *para assentar as bases de uma opinião pública bem informada* e de uma conduta responsável dos indivíduos das empresas e das comunidades, inspirada no sentido de sua responsabilidade, relativamente à proteção e melhoramento do meio ambiente, em toda sua dimensão humana (Declaração sobre o ambiente humano - Estocolmo - 1972)

42 Redação da época.

Vinte anos depois, em fevereiro de 1992, estava previsto para Curitiba, Paraná, o Seminário para jornalistas sobre população, meio ambiente e desenvolvimento - preparatório para a Rio-Eco 92.⁴³ O Seminário, promovido, entre outras, pela FENAJ - Federação Nacional de Jornalistas, teria a meta de preparar os jornalistas que iriam cobrir a RIO-92. Os temas das palestras: *Conferência de Estocolmo, a participação do Brasil na Rio-92, mulher, meio ambiente e movimentos sociais*. Ora, vinte anos depois, os jornalistas brasileiros ainda necessitavam de informações, em seminário, sobre estes assuntos? Seria para unificar as abordagens? Ou seria por puro afastamento desses profissionais da realidade social nacional? Talvez a academia devesse em algum momento se debruçar sobre estas questões. Mesmo que isto acarretasse uma quebra com o motocontínuo da produção de informação de consumo que hoje alimenta os profissionais da comunicação. Ao delinear o que fazer em termos de ensino de Comunicação, Marques de Melo (s. d, p. 39) se aproxima deste ideal:

Estamos certos de que as mudanças indispensáveis nas escolas de Comunicação exigem alterações bem mais profundas. Essas alterações estão identificadas com a reformulação completa de nosso sistema educacional, no sentido de adaptá-lo às necessidades de um desenvolvimento sócio-econômico autônomo e democratizante, de um desenvolvimento cultural fiel aos valores populares da nação, que não se confundem absolutamente com os interesses da classe dominante. No âmbito do ensino superior, isso pressupõe a edificação de uma universidade independente, multifuncional e criativa, aberta aos dinamismos sociais, bem como predisposta a atuar como vanguarda das transformações políticas e culturais da sociedade.

Parece-me que o autor se aproxima do que espera de um processo científico e *politicamente correto*: a soma da teoria e da prática. Essa postura faltou, não só no meio acadêmico, como no ensino básico e médio, nos anos de ditadura militar e nos seus subseqüentes. Na entrevista realizada com o Carlos Eduardo Sander, o Preto, um dos fundadores do GESP-AT, esse tipo de relação entre a teoria e prática foi mencionado. Segundo o ativista, foi fundamental, para sua vida, a realização do Censo de 1980 em Porto Alegre, RS. Ver a realidade das pessoas mais pobres e o estado de moradia que possuíam, fez com que sua militância ecológica começasse.

Como estudante, nós não fomos criados para nos politizarmos, para saber o que acontecia com o nosso vizinho. Não existia no escopo da estrutura aquela preocupação com o coletivo, tudo era muito abafado. Quando eu fiz o censo em Porto Alegre, no Mono da Cruz, eu morava na cidade e subia o morro para fazer o censo, isso me impactou muito. Havia a pobreza, uma situação completamente diferente do que se conhecia, o não acesso às coisas, a fome. Inclusive, algumas perguntas do censo tinham a

43 INFORMATIVO on Fórum Global 92 p. 06.

função de dar uma resposta direcionada, por exemplo, se a casa tinha três metros quadrados de parede de alvenaria e o resto era de madeira, isso não contava, a casa era descrita como alvenaria. Ali, eu entrevistei bandido, traficante, trabalhador e aquele caldeirão de situações me acordou muito.

Se esse *caldeirão de situações* acordou alguns, outros foram se acordar muitos anos mais tarde, em alguns casos, tarde demais. Num pré-levantamento realizado nos arquivos da entidade, seguindo um método bem positivista, contando quantas notícias abordavam a questão ecológica associando-a a atuação da entidade, foram localizadas, nos jornais *O Nacional* e *O Diário da Manhã* - alvos desse trabalho - de 1983 a 1998, um total de 404 matérias. Sendo que a grande maioria delas, era resultado da movimentação da entidade na busca de criar fatos, como seminários, apresentações de teatro, abaixo-assinados entregues ao prefeito, ou denúncias de casos graves envolvendo a comunidade, que não podiam ser evitadas.

Na grande imprensa, a situação não parece ser muito diferente. Em 1994, as fundações SOS MATA ATLÂNTICA e KONRAD ADENAUER, promoviam uma espécie de oficina para jornalistas. O Laboratório Ambiental para a imprensa realizado no Vale do Ribeira em São Paulo reuniu ecologistas e jornalistas para discutirem o papel da imprensa na conservação do meio ambiente. Novaes (1994, p 650), jornalista, justificou o porquê do encontro:

Os últimos 15 ou 20 anos têm-nos mostrado que a questão ambiental não tem fronteiras. Não tem fronteiras políticas, não tem fronteira administrativa, não tem fronteira nenhuma. Estamos aprendendo a cada dia mais que tudo é global, tudo é planetário, tudo se comunica, tudo se interliga, tudo se relaciona.

Em outubro de 1997, o *Laboratório* voltou a reunir jornalistas de várias partes do país, acadêmicos do curso de Comunicação Social / Jornalismo da UFMS e educadores ambientais para discutirem as diversas possibilidades de captar e comunicar a mensagem ambiental. Para a Professora Doutora Graça Caldas, “o exercício da cidadania ambiental só pode ser efetivado aqui em Campo Grande, no Pantanal, no resto do Brasil, se houver uma ação conjunta de cientistas e jornalistas atuando em sintonia com a sociedade brasileira. Os ecossistemas representados no Pantanal Mato-grossense, assim como os demais ecossistemas brasileiros, devem ser amplamente divulgados.” (1997, p. 23)

No *I Seminário Internacional de Jornalismo e Meio Ambiente*, realizado nos dias 17 e 18 de junho de 1998, em São Paulo, abordou-se as questões ambientais da atualidade e o papel da imprensa na difusão de notícias, como formadora de opinião na sociedade e como agente de educação ambiental. O evento foi organizado por Imprensa Editorial, que edita a revista *Imprensa*. Segundo Sinval de Itacarambi Leão (1998, p.52-56), diretor e editor da revista *Imprensa*, o tema

ecologia já teve maior destaque no jornalismo. Principalmente na Eco 92. Na ocasião, o espaço dado ao assunto pelos veículos brasileiros foi o maior de sua história. Após esse momento, vem ocorrendo um esvaziamento progressivo da pauta ecologia nos meios de comunicação: “Esse fenômeno reflete-se até mesmo nas páginas de *Imprensa*. Na avaliação da imprensa, a ecologia passou a perder pontos no ranking das principais preocupações das pessoas”. Além das observações de seu diretor, a revista *Imprensa* publicou, na edição de julho de 1998, um resumo do que foi falado no Seminário. Entre os debatedores, estava Novaes, que traçou um quadro da atual situação ambiental e alertou: “Caso não haja uma mudança geral de comportamento das pessoas e políticas públicas preventivas, caminharemos para um esgotamento dos recursos naturais e teremos um nível de devastação e poluição que o planeta com certeza não suporta.” No mesmo evento, Garo Batmanian, representante do *World Wild life Foudation*, faz algumas considerações sobre o papel dos políticos, ONGs, imprensa e cidadãos na busca por um desenvolvimento sustentável. Diz a matéria da revista *Imprensa*

Segundo Garo, esse papel é fundamental, pois programas setoriais do governo, uma vez integrados, permitiriam fortalecer uma política de desenvolvimento sustentável, que deveria se concentrar na Secretaria de Planejamento e não estar isolada no Ministério do Meio ambiente. A profissionalização das ONGs, na opinião dele, trocaria a onda de denúncias por estudos baseados em dados técnicos. À imprensa caberia o papel de fiscalizar o governo, resgatando promessas políticas e checando se foram postas em prática pela sociedade. Por fim, para que esse modelo de desenvolvimento tenha êxito, Garo atribui aos cidadãos a principal responsabilidade.

Quando o assunto foi as estratégias das ONGs para conseguir espaço na mídia, Paulo Adário, jornalista e representante do Greenpeace, disse que um dos maiores desafios da imprensa é tratar o assunto como questão política e econômica. Para ele, o fato de gerar notícia é o que torna a sua entidade extremamente eficaz. Segundo ele, *o papel do jornal é trazer luz aos conflitos*. Para o jornalista gaúcho Vilmar Berna, editor do *Jornal do Meio Ambiente* e presidente da ONG Defensores da Terra, não é só o jornalista que tem de se especializar no assunto, as ONGs também têm de aprender *a vender seu peixe*. Como exemplo, Berna citou o que os Defensores da Terra tiveram de fazer a fim de ganhar espaço na mídia para mostrar a poluição na Lagoa de Piratininga, no Rio de Janeiro. “Descobrimos que estavam morrendo patos silvestres. Animais mortos renderam boa foto. A mídia precisa de imagens e personagens. O jornalista está atrás da informação e o ambientalista usa essa informação para mudar a realidade.”

A pergunta a ser respondida é: Estamos num limiar de uma comunicação realmente social, ou vivemos *sob uma cortina de fumaça verde?* - Como define o

documento produzido e distribuído pela AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural - de Porto Alegre, RS, no 19º Encontro Estadual de Entidades Ecológicas, em São Borja, RS, em 1998, comentando a situação da imprensa em relação ao meio ambiente. Diz o documento:

Hoje os tempos são outros. Vimos o fim dos governos militares no Brasil e América Latina, ao que seguiu a distensão do conflito entre capitalismo e o comunismo. A ascensão do neo-liberalismo e a normalização democrática da política brasileira diluíram a dimensão política da questão ambiental. Atualmente a ideologia consumista e predatória da civilização industrial - com seus shopping centers, seus produtos descartáveis, seu lixo e seus estragos irreversíveis na saúde pública e na natureza - triunfa como uma nova religião. Os meios de comunicação de massa promovem uma verdadeira lavagem cerebral confundindo o consumismo com a própria felicidade. O vocabulário ambientalista foi apropriado pelos governos, pela mídia e pela indústria; o “verdismo” virou moda e até grife. As estratégias de marketing e publicidade lançam uma cortina de fumaça verde sobre a realidade, impedindo uma compreensão pública mais efetiva da problemática ambiental e das mudanças necessárias para solucioná-la (...) vivemos atualmente o paradoxo da aparente consagração definitiva das teses do movimento ecológico sem as esperadas e necessárias transformações na ideologia do consumismo ilimitado e suas contrapartidas nos planos político, econômico, tecnológico e comunicacional - informacional (AGAPAN – 01/05/1998).

Segundo a pesquisa realizada pela Agência Escala Comunicação e Marketing (Pereira, 1998) para a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, do total de 1.318 entrevistados, em 13 municípios da grande Porto Alegre, 74,9% dizem assistir a programas na TV sobre esse assunto, 58,8 % interessa-se por ler informações sobre o meio ambiente e 59% atribui a causa da destruição e poluição do meio ambiente à falta de consciência das pessoas. Esse estudo - que integra o projeto Pró-Guaíba, para melhorar as condições ambientais da bacia hidrográfica do Rio Guaíba - levantou ainda aspectos do comportamento ecológico dos gaúchos daquela região, o que deve ser feito para preservar o meio ambiente e uma avaliação do quanto e quem ajuda a melhorar a situação ambiental. Nesse item, a imprensa recebeu a nota de 5,88, sendo que 14,6% não responderam à pergunta.

4.3.1 Aspectos ecológicos do estado do Rio Grande do Sul

O estado do Rio Grande do Sul conta com formações vegetais variadas como a Mata Atlântica, no litoral Norte, o espinilho, na fronteira oeste devido ao encontro do clima tropical e do temperado, das correntes marítimas e dos animais de diferentes regiões climáticas. Segundo o Rio Grande's Site (Infomídia produções, 1998-9), de acordo com os aspectos climáticos, geológicos, de plantas e animais, os especialistas em biogeografia - ciência que estuda a distribuição da

vida sobre o globo terrestre - dividem o mundo em diferentes reinos. A América do Sul encontra-se no chamado “Reino Neotropical”. Dentro dele, existem diversas regiões que, por sua vez, são divididas em subregiões ou províncias, em função de suas características de fauna e flora.

O Brasil se encontra, quase todo, na região conhecida como Guiano-Brasileira, em que, de modo geral, predomina o clima tropical. A outra grande região da América do Sul é a Andino-Patagônica, de clima temperado. O Rio Grande do Sul está justamente na área de encontro dessas duas regiões. Isto faz com que, em seu território, possam ser encontrados exemplares de fauna e flora das duas áreas, e de diversas sub-regiões de cada uma delas.

Os índios⁴⁴ foram os primeiros habitantes desse estado. Eles pertenciam às comunidades dos Guaranis, Kaingángs, Guaianás, Tapes, Carijós, Minuanos e os Gueonas. Apesar do *descobrimento* em 1500, nem os espanhóis, nem os portugueses se interessaram pelo Rio Grande do Sul, pois não havia prata, nem ouro. Entre 1580 e 1640, Portugal e Espanha uniram-se, formando uma só nação. Essa união favoreceu a chegada de portugueses e espanhóis ao estado. As nações indígenas começaram a ser sucessivamente dizimadas, escravizadas pelos estrangeiros e pelos bandeirantes paulistas. Koteck (1996, p. 64-65) relata um fato estarrecedor. Ele conta que várias batalhas entre os bandeirantes e as missões jesuíticas foram travadas. A última delas - a grande batalha de Mborore - aconteceu por volta de 1640. Nesse combate, o Rio Grande perdeu cerca de 2000 índios, entre mortos e escravizados⁴⁵.

Depois dos açorianos, os primeiros imigrantes a chegarem a esse estado foram os alemães, em 1824, mais tarde, em 1875, vieram os italianos.

44 Atualmente, reconheço que a forma adequada para me dirigir aos povos originários é “indígenas”. À época, eu ainda não conhecia essa discussão de terminologia e identidade.

45 Quando fiz essa dissertação de Mestrado, havia algumas pautas importantes, das quais eu não tinha conhecimento mais aprofundado. Neste fragmento de meu texto, cito os indígenas e os colonos europeus, sem mencionar os negros. Infelizmente, acabei por reforçar a “A omissão e o silenciamento da presença negra na história do RS”, como se referiu o Prof. Jorge Euzébio Assumpção, no dia 17/11/2016, em uma palestra intitulada: **Rompendo o silêncio: O negro na história e historiografia do Rio Grande do Sul**. Este tópico foi resgatado pela Revista Instituto Humanitas Unisinos – IHU, por João Flores da Cunha em 19 de novembro de 2016. “O professor afirmou que a data de chegada dos primeiros negros ao Rio Grande do Sul é incerta, mas, considerando-se o início da colonização lusitana, em 1737, tem-se mais de 150 anos de presença negra escrava no estado (até a abolição da escravatura, em 1888). Ou seja, o Rio Grande do Sul tem “mais anos com presença de mão-de-obra escravizada do que sem”, disse o professor. Assim, “não é possível falar da história do Rio Grande do Sul sem falar dos negros escravizados”, segundo ele.” Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/562518-o-negro-no-rio-grande-do-sul-uma-historia-de-omissao-e-esquecimento>.

Como a dissertação está sendo publicada em livro, espero corrigir a minha falha, com essa indicação bibliográfica, fazendo justiça a essa parte da população sul-rio-grandense. A seguir, quando conto a origem de Passo Fundo, fiz menções a essa questão dentro do texto.

Coincidência ou não, antes de 1824, aproximadamente 40% da área do Rio Grande do Sul era coberta por florestas naturais. Atualmente, a cobertura atinge apenas 1,8. Considerado o *Celeiro do Brasil*, pelas suas produções agrícolas, o Rio Grande do Sul hoje enfrenta problemas sociais e ambientais como todos os outros estados do Brasil.

4.3.2 A cidade de Passo Fundo

Em Passo Fundo, localizado no planalto médio do estado, onde a vegetação era formada principalmente de pinheiros, o desmatamento também descaracterizou a paisagem. O município está localizado em um centro geográfico que o torna divisor das águas das bacias do rio Uruguai e da bacia do rio Jacuí, confluyente do Guaíba *Curuti* em guarani, significava *Pinhais* e era assim chamado o território de Passo Fundo, no século XVII. Segundo Paulo Fernando de Oliveira Cornélio (1991, p. 04) um dos fundadores do GESP-AT, essa relação com as águas sempre foi o principal motivo para a denominação da cidade. Os Tapes, em guarani, chamavam o rio de *Curiti* ou de *Uruguai-mirim*, posteriormente os índios Coroados passaram a chamar o rio de *Goyoen* (muita água - rio fundo). *Os antigos moradores e profundos conhecedores desta região, os indígenas, quando deram o nome de Curiti, nome primitivo do rio Passo Fundo, era porque nessa região existiam vastas florestas de Pinheiros-do-Paraná (Araucária augustifolia).*

A partir daí, a cidade passou a se chamar Passo Fundo, por esse e por outros motivos. Segundo Ávila (1996, p. 17-19), historiador passo-fundense, o fato de se tornar um lugar de passagem para tropeiros, ervateiros e tropas de guerra fixou o nome da cidade.

“passo” significa, no sentido que ele tem na expressão, “passo fundo”, passagem. Passo ou vau é o lugar pouco fundo de um rio, e onde se pode transitar a pé ou a cavalo. Um passo para tropas de animais não depende apenas das condições do próprio rio mas depende de ambas as margens. Assim, na época em que se formou a povoação de Passo Fundo, e mesmo muito tempo antes, na época que a região era habitada apenas pelos índios, e depois quando chegaram os jesuítas, lá pelo ano de 1630, e depois quando chegaram os bandeirantes, o passo era um lugar de passagem obrigatória. Pode-se dizer que num raio de muitos e muitos quilômetros era o único lugar de passagem. O “passo” adquiriu muita importância no século XIX por dar passagem às tropas de mulas, cavalos e bois. Para os índios, jesuítas e bandeirantes o “passo” era importante, para os tropeiros era imprescindível! Mas não foram só as tropas de animais que por aqui passaram. Por aqui também passaram as tropas militares que se envolveram na Guerra dos Farrapos e na Revolução Federalista de 1893. Por aqui, na década de 1860, passaram muitas tropas que se dirigiam para a guerra do Paraguai as estradas sempre tiveram para Passo Fundo um significado especial. Primeiro as trilhas indígenas, também usadas pelos

jesuítas e bandeirantes, depois os caminhos dos ervateiros e tropeiros. Passo Fundo nasceu a beira de uma estrada de tropas. Depois vieram as carretas e as carroças. No final do século XIX foi a vez da estrada de Ferro. O trem representou, desde aquela época, muito para a cidade e o município. A madeira de nossas matas, as tropas de animais, todo o tipo de mercadoria e os passageiros passaram de trem. Em 1923 os borgistas, chimangos, usaram em Passo Fundo um trem como trincheira ambulante para desalojar. Em 1930/1932 o trem foi a ponte entre os passo-fundenses e a revolução. Mais tarde foi a vez das rodovias e de mais uma ferrovia. Hoje as estradas do Mercosul também passam por Passo Fundo. (...) Pouco antes de 1835, a população do povoado e arredores era de quase 600 pessoas. Uma parte importante desta população era formada por caboclos, mestiço de branco e índio, descendentes da gente das bandeiras, índios aculturados, biridas vindos da Província de São Paulo, negros escravos e libertos. Os colonos italianos e alemães e de outras nacionalidades da Europa chegaram a partir de 1840 aproximadamente.

A relação do município com o rio que lhe deu o nome, porém, não podia ser das piores. Suas margens estão praticamente desmatadas, os esgotos cloacais e dejetos sólidos, como lixo residencial e de empresas são jogados sistematicamente dentro dele e a atitude mais séria que a prefeitura tem tomado tem sido a de dragar o rio, eventualmente, para retirar o *excesso* de lixo.

4.3.3 Imprensa Local

Enquanto a imprensa no mundo já estava em plena modernização, enquanto na Europa era lançado o jornal de meio *penny*, tornando os jornais mídia massiva, em Passo Fundo a imprensa começava a nascer. O primeiro periódico impresso de nossa cidade foi o ECHO DA VERDADE, semanário dominical, fundado em 1890. Era um órgão de propaganda republicana e deixou de circular em novembro de 1891. A seguir houve uma disputa política, um acirramento entre antagonismos políticos, que culminou com a guerra civil de 1893-95, que fez nascer e desaparecer rapidamente periódicos. A partir de 1915, com o surgimento de A VOZ DA SERRA, os jornais começaram a durar um pouco mais que os primeiros, sendo que na década de 20, nascia o JORNAL DA SERRA que, no início da década seguinte, foi transferido para Carazinho. Em 19 de Junho de 1925, foi fundado O *Nacional*, um dos jornais estudados por essa pesquisa e, em 28 de novembro de 1935, surgiu O *Diário da Manhã*, o outro jornal a ser estudado. Segundo Ávila (1997, p. 16), esses dois jornais mudaram a fisionomia da imprensa local.

O *Nacional* e o *Diário da Manhã* distinguem-se dos periódicos que os antecederam em Passo Fundo por várias características: a relativa longa duração; a periodicidade diária; a independência em relação à linha de um partido político, o que não significa não possuir uma orientação político-ideológica bem definida.

Atualmente circulam em Passo Fundo alguns outros jornais locais: O Cidadão, O Rotta, A Nota, além dos jornais de associação de bairro, de instituições como a UPF, entre outros. Mas, os jornais *O Nacional* e *O Diário da Manhã* ainda são os mais importantes por sua frequência e aceitabilidade pela comunidade local.

Um dado curioso a ser cruzado com esses já citados, é o de que os passo-fundenses que estudavam e aprendiam a ler na época do lançamento do primeiro periódico é ínfimo. Ávila (1998, p. 06) aponta os números:

Passo Fundo não nasceu à sombra de uma escola, nem teve uma escola entre seus primeiros prédios. O primeiro morador, o Cabo Neves aqui chegado em 1827, era analfabeto, de igual modo que os que o acompanhavam. O primeiro letrado a fixar-se no incipiente povoado deve ter sido o Capitão Fagundes dos Reis, comissário da área a partir de 1830. (...) Com tão precária rede escolar não é de admirar que dos cerca de 19.000 habitantes recenseados em 1890 em todo o município de Passo Fundo apenas 2.000 declararam saber ler e escrever. Quase 17.000 eram analfabetos.

Segundo dados do IBGE, divulgados no final de 1999, a população de Passo Fundo é de 155.297 habitantes, sendo que o total de analfabetos é de aproximadamente 8-9 %, o que pode significar, em tese, que o número de pessoas habilitadas a lerem os jornais e participarem das discussões político-ideológicas que esses possam despeitar, é maior do que o número de leitores do primeiro periódico. O que não significa que realmente haja um maior número de leitores *de jornais*. Sabe-se que as pessoas selecionam o que mais atrai seu interesse dentro do jornal, de acordo com seus gostos e afinidades, devido à falta de tempo para se dedicarem a essa leitura, bem como à fartura de opções de informação que são disponibilizadas pelas TVs e pelas Rádios.

No caso das notícias ou matérias sobre a questão da ecologia, em Passo Fundo, a imprensa local demorou muito tempo até se convencer de que os ecologistas do GESP AT não queriam apenas agredir à prefeitura ou aos honrados empresários poluentes. Que os ecologistas não eram *hippyes* ou arruaceiros. A relação a imprensa e a ONG apenas começou a se harmonizar por volta de 1992, por ocasião da ECO 92, quando a imprensa local se curvou à ênfase dada pela mídia nacional e internacional ao tema e começou a chamar os ecologistas locais para entrevistas, para pedir informações sobre temas que envolviam conhecimento na área e que estavam em pauta no jornal. Esse distanciamento, porém, não é uma característica local. Arnt (1994, p.72-73), jornalista do Instituto Socioambiental, discorreu sobre a relação imprensa e meio ambiente na explanação que fez no *Laboratório Ambiental para a Imprensa* promovido pelas fundações SOS-Mata Atlântica e Adenauer.

Houve uma emergência das questões ambientais no Brasil no final dos anos 80, estimulada de fora para dentro. Isso gerou da parte dos editores de jornais, dos donos dos jornais, que devem ser entendidos como agentes

fundamentais da modernização do Brasil, no sentido de que a imprensa exprime o discurso dos formadores de opinião pública, fora do Estado, que carregam um sentimento de modernização nacional e tentam agendar as aspirações nacionais para tentar mudar as coisas. Houve um sentimento de contrariedade muito grande de quem ignorava esses temas (e continua a ignorar até hoje e continua tratando com má vontade), por ter sido obrigado a mexer com isso por força das pressões internacionais.

Para Arnt, essa contrariedade dos jornalistas é uma quase negação da identidade nacional, que ele qualifica como um processo que se desenvolve a longo prazo, e que no caso do Brasil, estaria estreitamente ligada aos índios, camponeses, ambientalistas, às florestas.

O que é identidade nacional? Para mim são aqueles componentes que fazem um país ou uma sociedade ter e construir, ela própria uma imagem de si a partir do momento que você tem alguma coisa, que vale a pena assumir, empunhar e defender. São traços distintivos, traços positivos da sua diferença em relação aos outros.

Há, nesse discurso de Arnt, muita semelhança com a situação da cidade de Passo Fundo. A questão da negação das origens da cidade, por exemplo. Há nesse município, uma fonte chamada *Fonte da Mãe Preta* que, tradicionalmente, servia de ponto de encontro para os escravos. Foi próximo a essa fonte que o Cabo Neves, primeiro morador da região, escolheu para fixar sua moradia. A Fonte da Mãe Preta, entretanto, é mal cuidada e não aparece como um ponto turístico do município. O próprio Cabo Neves dificilmente é lembrado, talvez porque era analfabeto e um militar de baixa patente. A necessidade de transformar esse lugar numa reprodução da Europa, fez com que sistematicamente a paisagem fosse modificada, recebendo árvores exóticas, modelos de casas típicos da Alemanha e Itália. E, principalmente, acompanhando a visão de alguns colonos de que *mato é sujeira* o desmatamento e as queimadas são práticas corriqueiras. Essas considerações foram feitas pelos militantes do GESP-AT, durante um passeio histórico-ecológico com pessoas da comunidade, no dia 05 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente, de 1999. Sendo o povo de Passo Fundo, em sua maioria de descendentes de imigrantes europeus, teria alguma possibilidade de se espelharem nas matas de araucária, ou no *Goyoen*?

Pois, segundo os depoimentos colhidos a partir de entrevistas feitas com jornalistas ligados aos jornais locais, essa seria a principal função desses veículos de comunicação: espelhar a comunidade Leoni Serpa atuou no jornal *O Diário da Manhã* no período compreendido entre 1991 e 1999. Sua formação acadêmica está em curso. Faz Comunicação Social - Jornalismo - na Universidade de Passo Fundo. Nesses quase dez anos, no Jornal *O Diário da Manhã*, passou por várias etapas, repórter, chefe de redação, responsável por um projeto de interiorização

e regionalização do jornal e de um caderno de agricultura que já não é mais editado. Atua, atualmente, na Agência Experimental de Jornalismo da FAC/UPF. A jornalista explica, na sua concepção, o que é imprensa local:

Jornal feito pelo telefone, ou por *fax*, ou *release*, não é o verdadeiro. Você tem de ir lá, vivenciar isso com a comunidade. Mas, vendo, hoje, a comunicação da forma está se procedendo e pelo o que estou obtendo de conhecimento, pelo que estou observando do mundo, vão existir os grandes veículos, como ZH, Correio⁴⁶, mas sempre irá existir a necessidade de se ter o jornal local, alguma coisa que identifique a *cara* das pessoas dessas cidades, desses lugares (...) as pessoas querem um reflexo, elas querem se ver. Por mais que existam grandes jornais que abordem grandes assuntos de uma forma muito mais elaborada. Esse jornais são necessários porque eles refletem um espelho. Nem que eles sejam meio parciais, nem que, muitas vezes, eles sejam meio tendenciosos e nem que mesmo, às vezes, eles não consigam expressar na sua essência, o que é uma comunidade local, mesmo assim eles são importantes.

No estudo feito do discurso jornalístico das matérias sobre a questão hídrica, entretanto, observou-se que esse espelho se mostra como os espelhos de um parque de diversões. Aumenta ou diminui o aspecto da informação de acordo com a fonte que a oferece, levando em conta, inclusive, a quem serve o enfoque dado a ela. Também a importância de sua existência fica ambígua ao se observar o conjunto das informações que esse tipo de veículo fornece ao leitor. A respeito das fontes, Leoni Serpa (*ex-DM*) também faz uma observação:

Quem é a *cara* da cidade? Essa é a pergunta. São os organismos oficiais da cidade, são aqueles que estão sempre aparecendo? Então, quer dizer, tem uma mazela aí para ser preenchida que são outras pessoas, que poderiam mostrar sua *cara*. Aí você tem de discutir o que é prioritário para um jornal. Afinal de contas, qual é a linha editorial, o que você pretende? No nosso jornal local, na área política, por exemplo, depende de quem está no poder. Claro, sempre se pautou em um *pano de fundo* do jornal que é a questão comunitária. As questões que estavam *pipocando* na comunidade.

Outro aspecto abordado pela jornalista F.T., do jornal *O Nacional*, cita uma característica do jornalismo local, que também foi observada pelos outros dois entrevistados:

O jornalismo local é um jornalismo heróico. Pois há dificuldades de equipamentos, de fontes qualificadas. Luta-se, inclusive na formação de equipe - que precisa pessoas inteligentes, ágeis, que leiam, que tenham ideia de pauta, sejam criativas - e quando você acha que conseguiu, as pessoas não estão mais lá. É uma bravura. Luta-se por tudo e contra muita coisa. Luta-se contra interesses econômicos, políticos, entre outros. Luta-se contra o tempo, pois tudo é de roldão.

⁴⁶ Refere-se a Zero Hora e Correio do Povo como principais jornais do Rio Grande do Sul.

A importância da comunicação de nível local está na própria importância que os municípios têm adquirido ultimamente. As grandes decisões, que antes eram tomadas apenas no âmbito do Governo Federal aos poucos começam a ser repassadas para as administrações municipais. Assim como também aumentou a população das cidades em relação as outras décadas. A falta de condições para a população se manter no campo, ou em pequenas comunidades, no interior, faz com que os municípios fiquem superpovoados. Segundo o Dowbor (Intercom, 1996)⁴⁷, o processo de urbanização em nível mundial é muito forte:

Em 1965 tínhamos 34% de população urbana, em 1988, esta proporção atingiu 47%. No mesmo período o número de cidades de mais de 500 mil habitantes passou de 217 para 435 (...) A população nos países em desenvolvimento estará quase dobrando nessa década. No caso brasileiro, passamos de 50% de população urbana, em 1965, para 75% em 1988. Em 1980 cerca de 52% da população vivia em cidades de mais de 500 mil habitantes, e a pressão continua forte. O crescimento da população urbana foi de 3,6 % ao ano no período de 1980-88, quase o dobro da taxa de crescimento geral da população (Dowbor, 1996, p. 51-2).

Diante desse volume de pessoas - e junto - um grande volume de problemas sociais também, o espaço local torna-se, não só numa grande busca de soluções, como também um espaço de transformações. Os diversos segmentos da sociedade deveriam tentar deixar as vaidades e os interesses pessoais de lado e se dedicar a formação de parcerias que realizem através de debates e discussões uma valorização da cidade da qualidade de vida que ela pode proporcionar. À comunicação resta a necessidade de ser imparcial, a divulgação dos fatos de forma isenta, sem proteger a esse ou aquele segmento, para que o processo de transformação que o momento exige seja para melhor. A respeito disso, Dowbor (1996, p. 56) declara:

A comunicação tem um papel chave a desempenhar nessa área. Quando passamos da fase da democracia representativa, com seus “foros políticos”, para uma democracia participativa onde os atores sociais significativos têm de desempenhar um papel ativo e permanente, a flexibilidade da comunicação tem de ser outra. (...) Em conseqüência, é na ampliação da capacidade de trabalho dos municípios e das comunidades que reside grande parte da modernização geral dos governos dos países em desenvolvimento. Urge trabalhar as novas formas de informação e de comunicação que corresponderiam a estas necessidades.

Estão com razão os jornalistas quando dizem que o jornal local deve estampar a “cara” da cidade, talvez agora seja o momento de se avaliar o quanto a forma como isso tem sido feito tem sido útil ao desenvolvimento da própria cidade.

47 DOWBOR, Ladislau. Espaço local, atores sociais e comunicação. In Comunicação e Meio Ambiente - Coleção Intercom n° 5, São Bernardo do Campo: IMS-FCS, 1996.

4.3.4 Caracterização dos jornais *O Nacional* e *O Diário da Manhã*

A evolução dos jornais em termos de formato, qualidade de texto e diagramação seguiu passos semelhantes. Os dois jornais - *O Diário da Manhã* e *O Nacional* - têm mantido uma certa competição desde suas fundações. Nesse tempo pesquisado, eles foram ficando mais organizados visualmente, fazendo mais uso de fotografias, charges, cores, enfim, a imprensa local foi ficando mais velha e mais bonita. No ano de início das amostragens - 1983 - os dois se encontravam em formato *standart*, entretanto, a partir de dezembro de 1985, *O Diário da Manhã* passou a ter formato menor, tipo *tablóide*. A partir de agosto de 1991, *O Nacional* o seguiu. Sendo que, para esse veículo, foi um retomo às origens, pois, até outubro de 1932, o seu formato havia sido o *tablóide*. Em relação à diagramação, em ambos os veículos, o que em 83 parecia ser uma *acomodação* de matérias, percebe-se já no início da década de 90, como *diagramação*. A capa começa a ser mais cuidada, valorizada. Em fins da década de 80, início da de 90, a publicidade começa a ser colocada dentro do jornal, ao contrário dos primeiros exemplares avaliados, no início dos anos 80, que traziam até propaganda de profissionais liberais como dentistas, advogados, na capa. No ano de 2000, os dois jornais estão coloridos, as editorias estão bem definidas, há o uso de fotografias para valorizar as matérias e os seus cadernos são organizados sobre temas variados, de acordo com datas especiais, como as datas comemorativas, bem como, por temas como saúde, cultura, entre outros.

Em relação à competição entre os dois jornais, a jornalista de *O Nacional* - F.T., reconheceu que há, mas que ela afirma que essa não impede os veículos de manterem algumas diferenças:

Claro, no outro dia você vai olhar o seu concorrente. Olha, eles têm essa notícia e nós não temos?! Claro que há matérias que você procura, persegue e você consegue, aí você diz para a fonte, olha, vou largar primeiro. Segura a informação. Mas nem precisa pedir, as pessoas já sabem disso. Agora, se sai uma notícia no Diário da Manhã que eu não dei, eu não me importo se saiu no DM, eu publico no outro dia também. Porque a minha redação é diferente. O meu enfoque já vai ser diferente. Porque os meus leitores não são os mesmos. Podemos ter 50% de leitores comuns aos dois, mas a outra metade, cada um pega o jornal da sua preferência. Então, o seu jornal nunca vai atingir a unanimidade. Eu não vou atingir a unanimidade do DM, nem eles a minha.

O jornal *O Nacional* começou a ser publicado numa sexta-feira, dia 19 de junho de 1925, tendo como diretor o Sr. Herculano Annes. A história de *O Nacional* começou com o Sr. Múcio de Castro, que iniciou suas atividades no jornal quando tinha 15 anos de idade. Ele desenvolveu funções em todos os setores, foi jornalista, repórter, redator, gerente e proprietário. Múcio de Castro

faleceu em 30 de agosto de 1981. Atualmente, esse veículo está sob a direção do Sr. Múcio de Castro Filho. Desse sobrenome, o Brasil conhece Tarso de Castro. Nascido em 1941, Tarso foi um dos criadores do *Pasquim*, que inaugurou um novo tipo de jornalismo no nosso país. O jornalismo da verdade e da irreverência. Trabalhou ainda na Folha de São Paulo, Folhetim, Folha da Tarde, Afinal, Status, entre outros. Tarso de Castro se tomou um nome respeitado, não apenas no jornalismo de Passo Fundo, mas também no eixo Rio-São Paulo. Tanto, que em 20 de maio de 1991, quando morreu, no Hospital de Clínicas de São Paulo, com 49 anos, a Assembleia Legislativa de São Paulo suspendeu a sessão para velar seu corpo, que, depois, foi sepultado em Passo Fundo. A coluna que Tarso de Castro mantinha no jornal *O Nacional*, imprimia nesse um caráter contestatório, um caráter de universalidade, que, depois de sua morte, não só desapareceu do jornal, como fez esse perder também em independência e brilhantismo.

Segundo o Sr. Múcio de Castro Filho, em conversa com essa pesquisadora, “jornalista mesmo era meu irmão”. Ele se considera um empresário da comunicação. Sua história dentro do jornal começou com a venda de publicidade, e agora, como administrador, administrar o jornal como um “negócio”. Um negócio que parece estar indo bem, pois, ainda nos anos 80, *O Nacional* foi o primeiro veículo da mídia impressa do Estado a informatizar totalmente a sua linha interna de produção. A área gráfica de *O Nacional*⁴⁸ foi responsável por uma série de inovações. Ainda nos anos 70, implantou o sistema *off-set* e nos anos 90, com a chegada de um dos mais modernos sistemas de impressão rotativa *Goss Community* com capacidade para rodar 18 mil jornais/hora. Também adquiriu equipamentos como gravadora de chapas com controles eletrônicos e processadora de filmes. Ainda, no ano de 2000, a produção dobrou com a instalação de mais uma unidade da linha *Goss Community*. Essa, além de permitir uma produção de 36 mil jornais/hora, também agilizou os serviços em policromia, que garantem a impressão colorida.

*O Nacional*⁴⁹ também conta com serviço da Agência do Estado, uma empresa jornalística que lhe envia notícias e imagens via satélite. Além de ser impresso em papel, *O Nacional* ainda pode ser acessado na internet pelo endereço <https://www.onacional.com.br/>.

48 O Nacional - Edição Especial de Aniversário - 19-06-2000. Pg. 04

49 Vale a pena ler o texto: “Eu e O NACIONAL”, escrito pelo Acadêmico da Academia Passofundense de Letras – APL, Gilberto Cunha, no qual ele aborda o fato de que o jornal O NACIONAL, de Passo Fundo, completou, no dia 19 de junho de 2025, 100 anos de circulação no formato impresso. Segundo o articulista: “Dessa trajetória, me considero no direito de reivindicar 30%.” Além de ser uma leitura agradável, a descrição dos detalhes enriquecem a história do jornal, que contei em 2000. Texto publicado em 18 de Jun de 2025. Disponível em: <https://www.onacional.com.br/opinia0,47/2025/06/18/eu-e-o-nacional,130756>.

A *Empresa Jornalística Diário da Manhã* foi criada em 28 de novembro de 1935. E o jornal *O Diário da Manhã* de Passo Fundo foi o primeiro jornal criado pela Empresa. Este atinge hoje, aproximadamente, 15 municípios na Região da Produção do RS e conta com tiragem média de 8 mil exemplares/dia, oferecendo encartes como DM CONEXÃO, CADERNO SAUDE, REVISTA DM e SOCIAL, CLASSIFICADOS e DM DIREITO E CIDADANIA. Além do jornal, em Passo Fundo, a empresa conta com uma emissora FM. A Rádio *Diário da Manhã FM 98.7*.

O jornal *O Diário da Manhã* começou suas atividades em Chapecó - SC - em 1979, ele circula nessa cidade e atinge toda a região Oeste de Santa Catarina, desde então. Sendo o primeiro jornal diário a se fazer presente no Município de Chapecó. Em dias úteis, o jornal tem 16 páginas, nos finais de semana, conta com 24 páginas e mais o acréscimo dos cadernos especiais: DM SAÚDE, CLASSIFICADOS e páginas de informática e social. Na cidade de Carazinho - RS, *O Diário* foi criado em 1980, sendo também nessa localidade, o pioneiro em circulação diária, atingindo mais de 15 comunidades. Em Carazinho circulam os cadernos: DM RURAL, DM DIREITO E CIDADANIA e DM VESTIBULAR. Na cidade de Erechim, o jornal foi criado em 1986, atingindo, aproximadamente, 38 municípios. A tiragem média supera 5,6 mil exemplares/dia. Os cadernos se repetem, acrescentando apenas DM ESPORTE e DM ESCOLA.

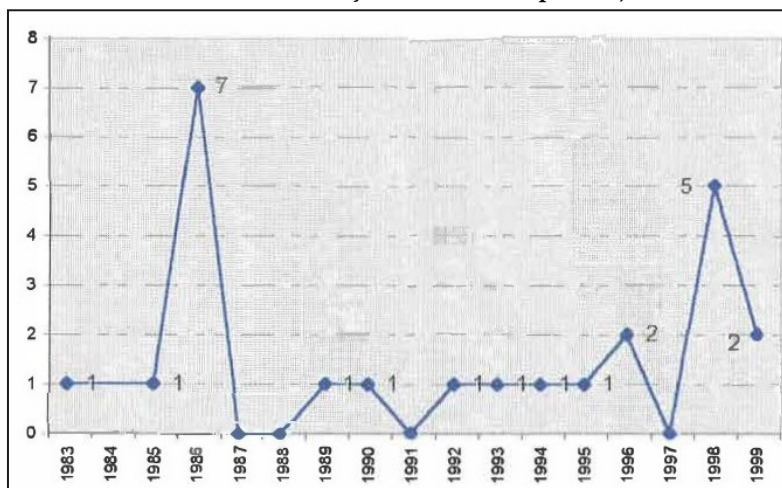
Essas informações foram coletas do folder informativo sobre o jornal, bem como com entrevista com seu editor chefe. A proprietária do jornal, Sra. Janesca Martins Pinto, devido aos seus muitos afazeres, não teve tempo para ser entrevistada, embora a nossa insistência tenha sido grande.

4.4 CAPÍTULO III - LEVANTAMENTO E TABULAÇÃO DE DADOS SOBRE AS MATÉRIAS VEICULADAS NOS JORNAIS O NACIONAL E O DIÁRIO DA MANHÃ, ENTRE 1983 E 1999, ABORDANDO AS QUESTÕES AMBIENTAIS E ECOLÓGICAS DE PASSO FUNDO

4.4.1 Veiculação de matérias sobre o GESP-AT no âmbito do jornal O Diário da Manhã

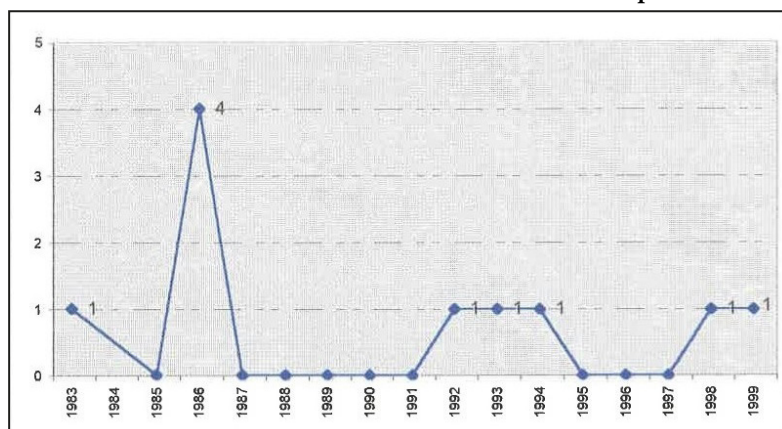
4.4.1.1 Gráficos representativos

Gráfico 1 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre a atuação do GESP-AT por ano, 1983 a 1999.



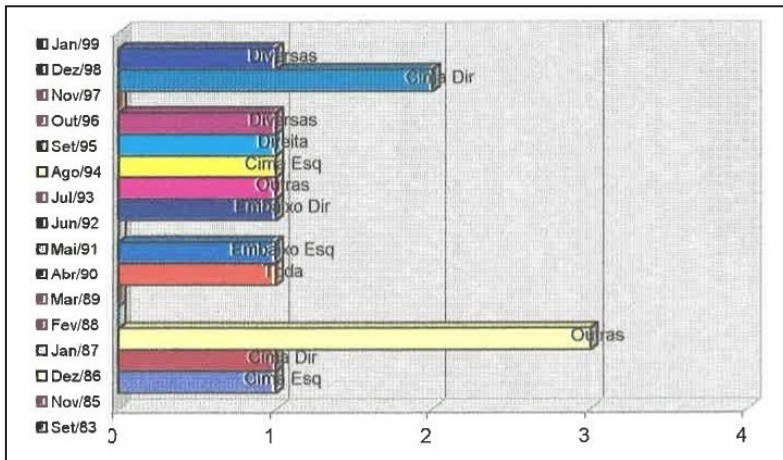
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 2 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre o GESP-AT incluindo chamadas de capa - 1983 a 1999.



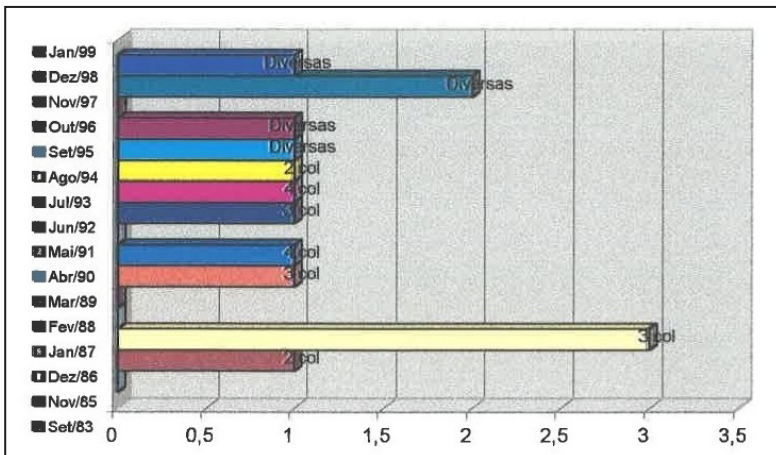
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 3 - Representação da posição das matérias sobre GESP-AT na diagramação das páginas do Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 4 - Representação do espaço ocupado pelas matérias GESP-AT em termos de número de colunas no Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



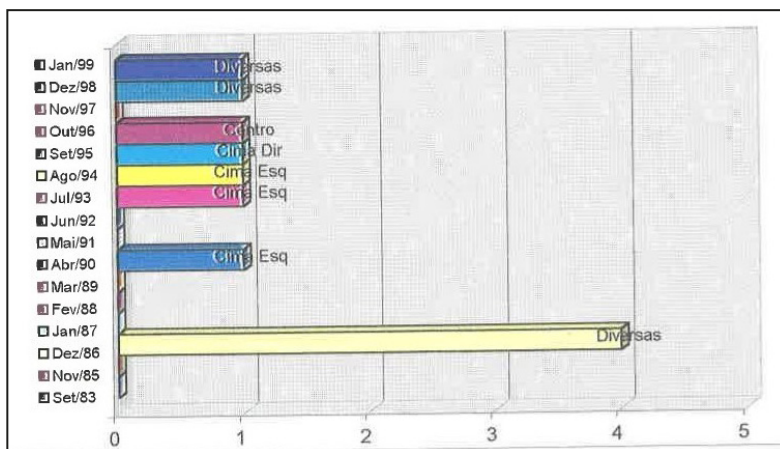
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 5 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre o GESP-AT utilizando o recurso da fotografia - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 6 – Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre GESP-AT no Jornal O Diário da Manhã – 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.1.2 *Leitura dos Gráficos*

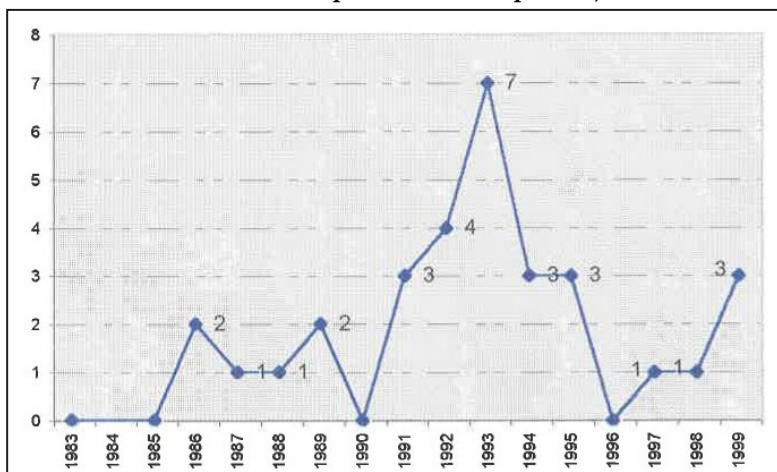
Os gráficos revelam que, dos trabalhos efetuados pelo GESP-AT, na década de 80, as matérias que mais divulgaram o trabalho da entidade ambientalista nas páginas do jornal *O Diário da Manhã* (Gráfico 1), foram sobre duas grandes campanhas que a ONG desenvolveu em dezembro de 1986: a campanha para a preservação do ecossistema distinto da praça da antiga Gare da viação férrea, em detrimento do projeto de instalar um posto de gasolina próximo ao local e da preservação da arborização já existente na Avenida Presidente Vargas, esvaziando o projeto da Prefeitura Municipal que queria substituí-la integralmente, em todo o trajeto da avenida, por palmeiras reais. Foram oito notícias, com localização (Gráfico 3) em lugares variados das páginas, com uma média de 03 colunas (Gráfico 4). Dessas, quatro obtiveram chamadas de capa (Gráfico 2) e, em quatro foi utilizado o recurso da fotografia (Gráfico 5) para apoiar/valorizar a notícia. A localização dessas fotos (Gráfico 6) mantiveram-se em sua maioria sem posição padrão em relação ao texto escrito.

Na década de 90, as matérias sobre a ONG mais valorizadas em termos de incidência (Gráfico 1), nas páginas do jornal *O Diário da Manhã*, foram centradas, em dezembro de 1998, na divulgação da sua participação nas Feiras Ecológicas efetuadas na praça da Mãe, na avenida Brasil. Também a participação da Comissão Provisória dos Comitês de gerenciamento das Bacias Hidrográficas do Alto Jacuí e de Passo Fundo e atividades na Reserva Biológica Arlindo Haas. Ao todo foram treze inserções. Dessas, apenas cinco obtiveram chamada na capa (Gráfico 2), sendo que incidência maior na capa foi em dezembro de 1998. Quanto a localização (Gráfico 3) nas páginas, o assunto não mereceu uma coluna especial para o tema, aparecendo sempre em posições diferentes. O número de colunas (Gráfico 4) permaneceu numa média de três, excetuando no caso da discussão sobre o novo Código de Arborização Urbana, quando obteve cinco colunas. Houve pouco uso de fotografia (Gráfico 5) nas amostras dessa década, na média uma por matéria. A localização (Gráfico 6) dessas fotos dentro da matéria foi variada, sendo que, em apenas dois casos, repetiram o lugar: em cima e à esquerda.

4.4.2 Veiculação de matérias sobre a questão do LIXO no âmbito do jornal O Diário da Manhã

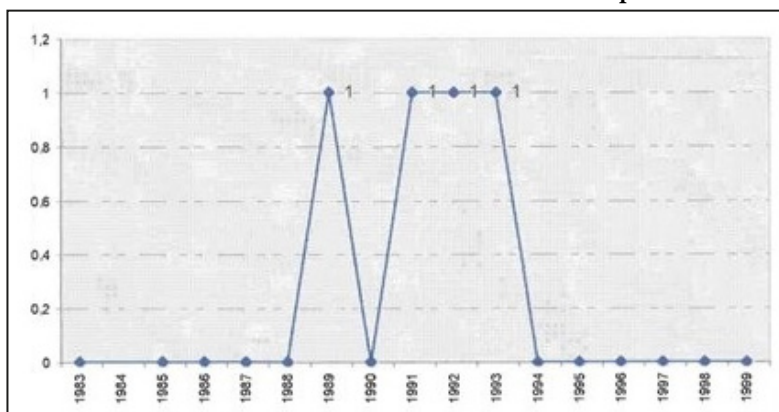
4.4.2.1 Gráficos representativos

Gráfico 7 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre a questão do LIXO por ano, 1983 a 1999.



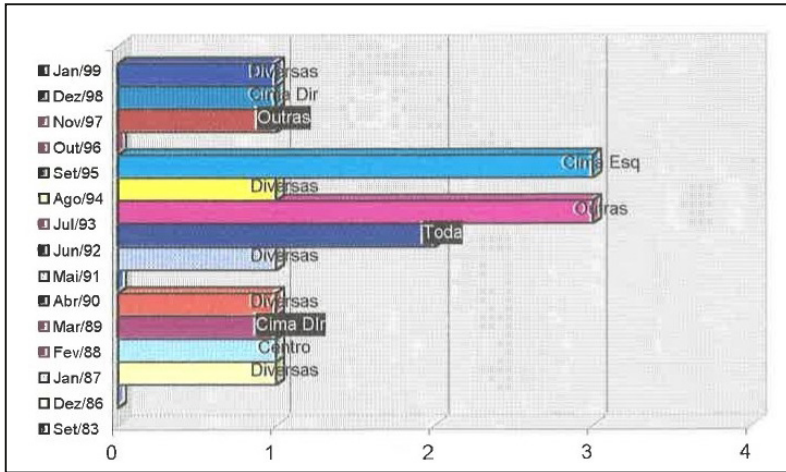
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 8 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre LIXO incluindo as chamadas de capa - 1983 a 1999.



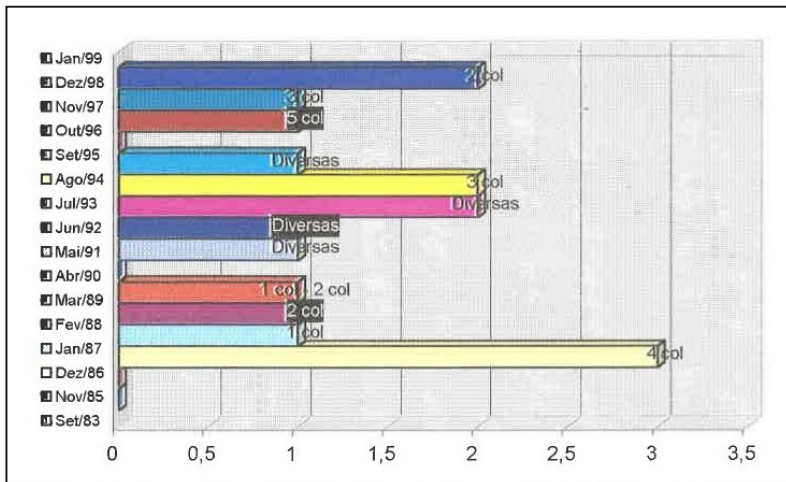
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 9 - Representação da posição das matérias sobre LIXO na diagramação das páginas do Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



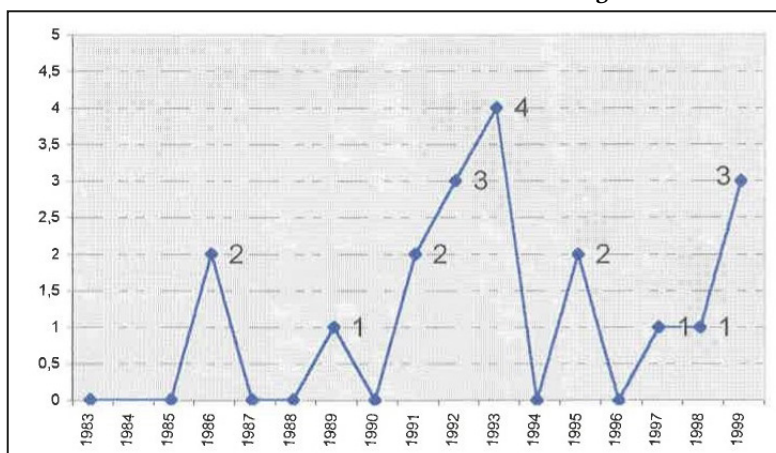
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 10 - Representação do espaço ocupado pelas matérias sobre LIXO em termos de número de colunas no Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



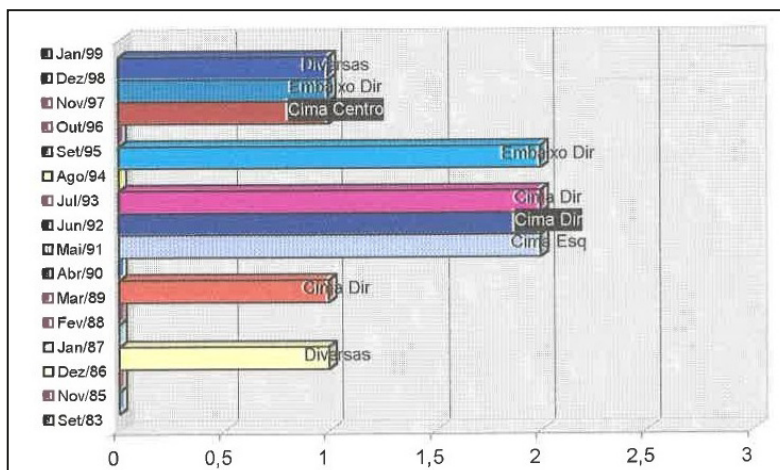
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 11 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre LIXO utilizando o recurso da fotografia - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 12 - Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre LIXO no Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.2.2 Leitura dos Gráficos

Os gráficos revelam que a questão do lixo em Passo Fundo não excedeu a seis aparições (Gráfico 7) nos meses selecionados da década de 1980 nas páginas do jornal *O Diário da Manhã*. Sendo que, apenas em dezembro de 1986, no caso de denúncias a respeito do abandono da Praça Tochetto, onde havia acúmulo de lixo, o tema obteve quatro colunas (Gráfico 10), nos demais manteve-se a média de duas colunas. Em março de 1989, obteve sua única chamada de capa (Gráfico

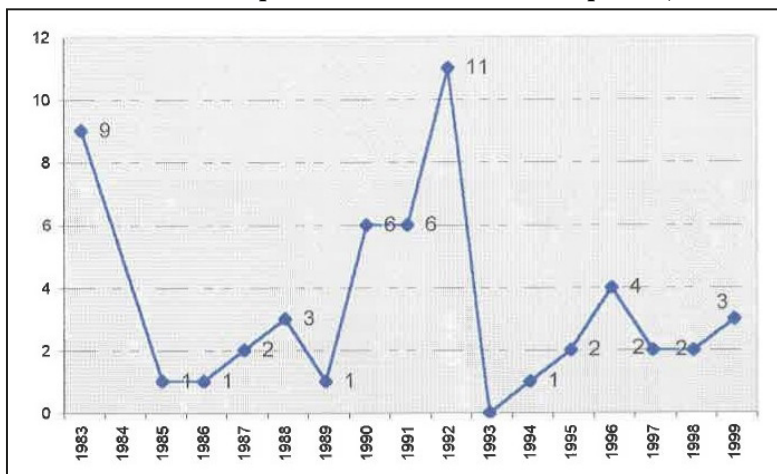
8), quando foi denunciado o fato de haver animais domésticos alimentando-se no depósito de lixo da Prefeitura Municipal. Esses dois casos também foram os contemplados com fotografias (Gráfico 11) sobre o assunto. A localização das fotos (Gráfico 12), entretanto, não manteve linearidade, nem constância, pois, nessa década foram registradas três fotos em lugares diferentes.

Na década de 90, o tema lixo aparece (Gráfico 7) poucas vezes novamente, numa média de três a quatro vezes na amostra pesquisada. Sua maior incidência foi em julho de 1993, quando totalizou sete inserções do tema, ocasião em que abordou a atuação da Usina de Reciclagem de Lixo, também a questão dos vasilhames de agrotóxicos, bem como a terceirização da coleta do lixo em Passo Fundo. O assunto foi página interna apenas por ocasião da ECO-92. E, as matérias, em geral, não excederam a média de três colunas (Gráfico 9). O assunto obteve três capas (Gráfico 8). A primeira em 1991, na ocasião da desativação do chamado “lixão” da cidade e a abertura de um novo. Depois, em 1992, duas: uma fala sobre o ex-lixão e a nova usina de reciclagem e a outra lança uma campanha que irá premiar a vila que limpar as “bocas de lobo”. A última capa sai em 1993, numa matéria sobre a comida que vira lixo, aborda o tema pelo aspecto do desperdício. Na busca a respeito do uso de fotos (Gráfico 11) para ilustrar as matérias, observou-se que, na década de 90, por ocasião da Eco-92, foi quando o jornal mais usou esse recurso, fazendo uma média de três a quatro matérias com fotografia. Teve uma queda em 1994 e voltou a ser usado em 1998-99, com três matérias com fotos, quanto a localização (Gráfico 12) delas, a maioria ficou em cima, à direita ou esquerda do texto escrito.

4.4.3 Veiculação de matérias sobre a questão do MEIO AMBIENTE no âmbito do jornal O Diário da Manhã

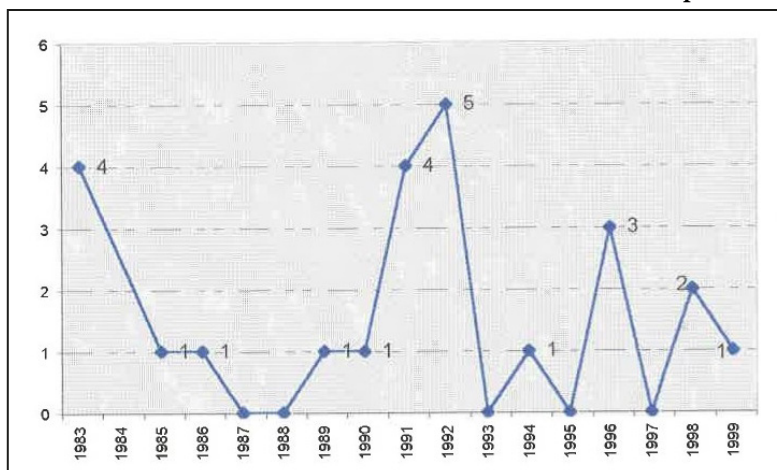
4.4.3.1 Gráficos representativos

Gráfico 13 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre a questão do MEIO AMBIENTE por ano, 1983 a 1999.



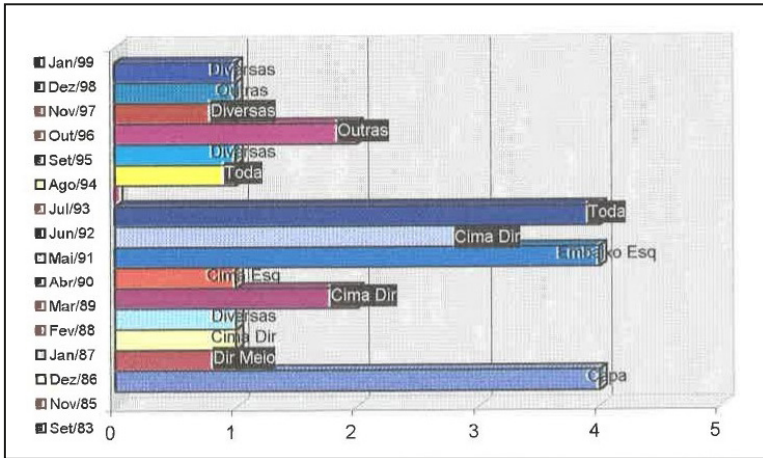
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 14 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre MEIO AMBIENTE incluindo chamadas de capa - 198 a 1999.



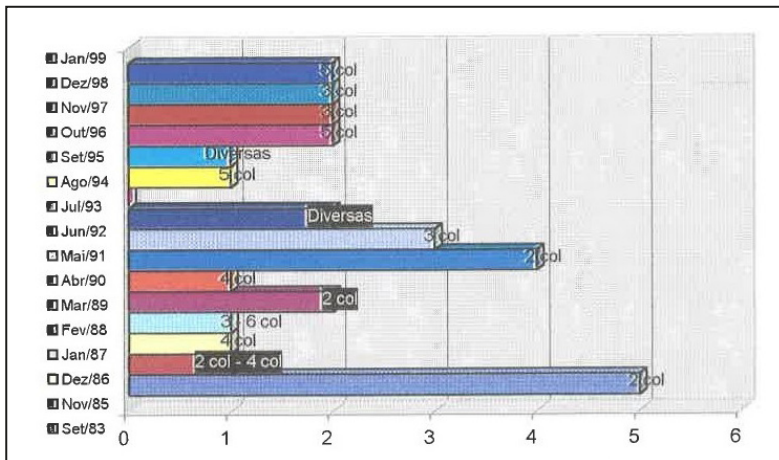
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 15 - Representação da posição das matérias sobre LIXO na diagramação das páginas do Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



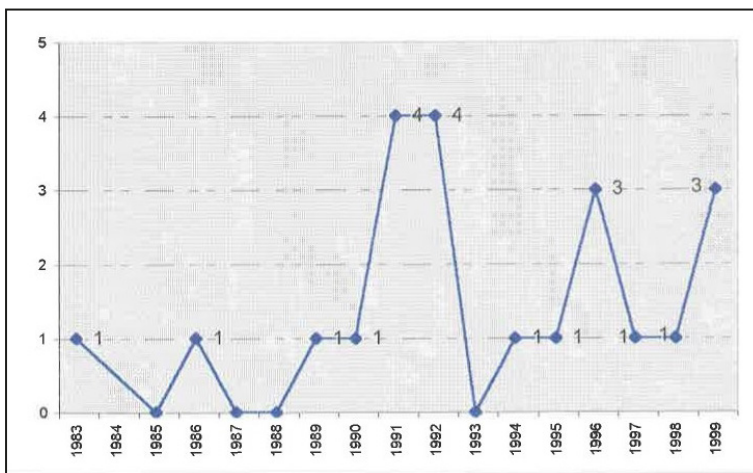
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 16 - Representação do espaço ocupado pelas matérias sobre LIXO em termos de número de colunas no Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



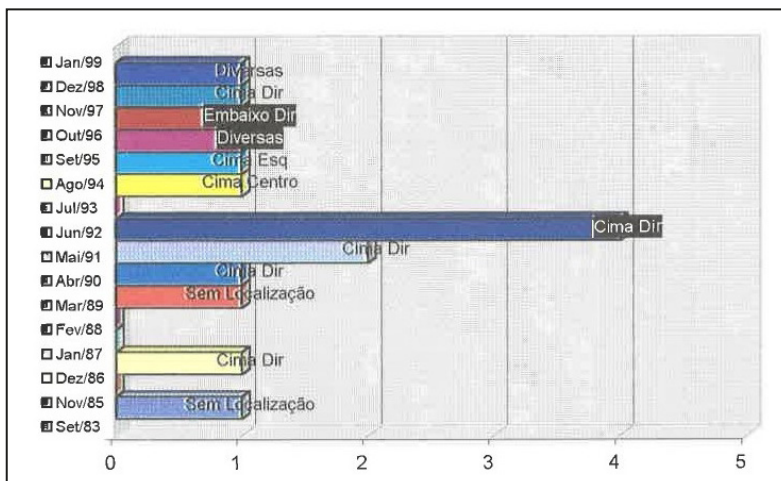
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 17 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre MEIO AMBIENTE utilizando o recurso da fotografia - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 18 - Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre MEIO AMBIENTE no Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.3.2. Leitura dos Gráficos

Os gráficos revelam que as matérias que mais divulgaram a questão *Meio Ambiente* - onde estão incluídos ECO-92, seminários, eventos - em geral - com tema relacionado à ecologia, agricultura orgânica e educação ambiental - nas páginas do jornal *O Diário da Manhã* (Gráfico 13), na década de 80, ocorreram

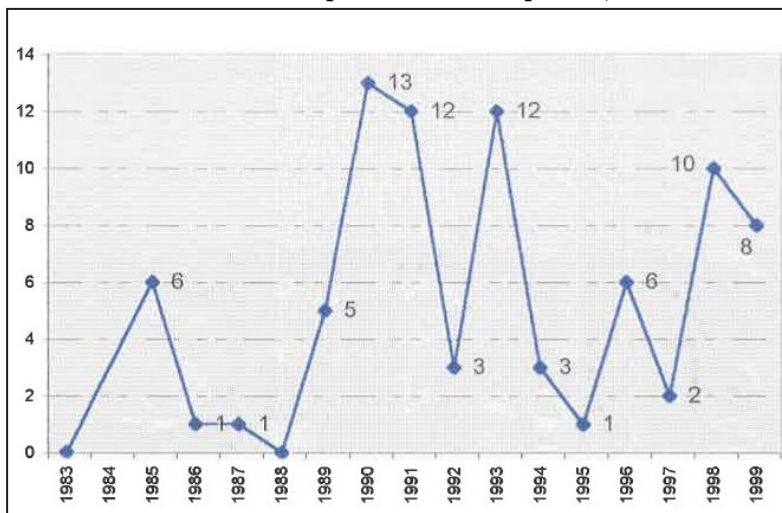
em setembro de 1983 (nove inserções). Elas versavam sobre o VI Simpósio de Meio Ambiente promovido pela Sociedade Botânica de Passo Fundo, sobre uma solenidade especial de Dia da Árvore, também promovida pela S.B.P.F., bem como o I Simpósio de Plantio Direto ou de conservação do solo. Numa delas, menciona-se o protesto de um grupo de estudantes de agronomia que se autodenominam “Sentinela dos Pampas”. Essas matérias aparecem em diferentes lugares (Gráfico 15) nas páginas, sendo que quatro delas são capas (Gráfico 14) do jornal. As colunas ficam numa média de quatro. Apenas em 1988, ao referir-se à poluição causada pela pedreira municipal, na época, o jornal utiliza quatro colunas. O uso de fotografias (Gráfico 17) é irrelevante nesse tema. Três fotos, sem posição (Gráfico 18) repetida, para toda a década pesquisada.

Na década de 90, a maior incidência (Gráfico 13) do tema deu-se antes e durante a realização da ECO-92. Em 1990-91, chegou a seis inserções, em 1992, a onze inserções. Depois disso, o assunto teve uma queda violenta, não saindo da média de duas matérias até 1999. As notícias publicadas em 1990-91 foram a respeito do III Encontro Latino Americano Anti-nuclear, organizado por entidades ecológicas da América Latina, incluindo o Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas; também abordam um Seminário Regional de Educação Ambiental promovido pela UPF. Ainda, enfocaram a questão dos agrotóxicos, sugerindo que o capitalismo provoca o uso indiscriminado dos mesmos. A localização (Gráfico 15) dessas matérias na página foi variada, embora a quantidade de colunas (Gráfico 16) tenha aumentado, numa média de três colunas por matéria. O evento da Eco-92 deu cinco capas (Gráfico 14) para o meio ambiente nessa década. Bem como influenciou no uso de fotografias (Gráfico 17) para ilustrar as matérias. A localização (Gráfico 18) das fotos, porém, manteve-se aleatória. Ao todo foram dezesseis fotos utilizadas.

4.4.4 Veiculação de matérias sobre a questão do HÍDRICA no âmbito do jornal O Diário da Manhã

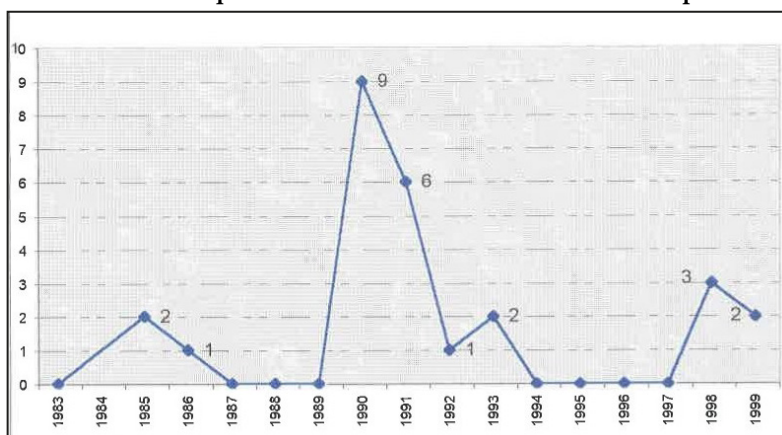
4.4.4.1 Gráficos representativos

Gráfico 19 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre a questão HÍDRICA por ano, 1983 a 1999.



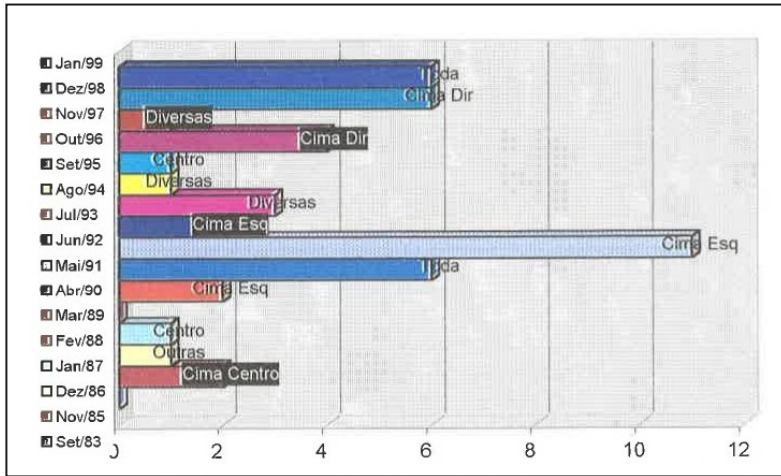
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 20 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre a questão HÍDRICA incluindo chamadas de capa - 1983 a 1999.



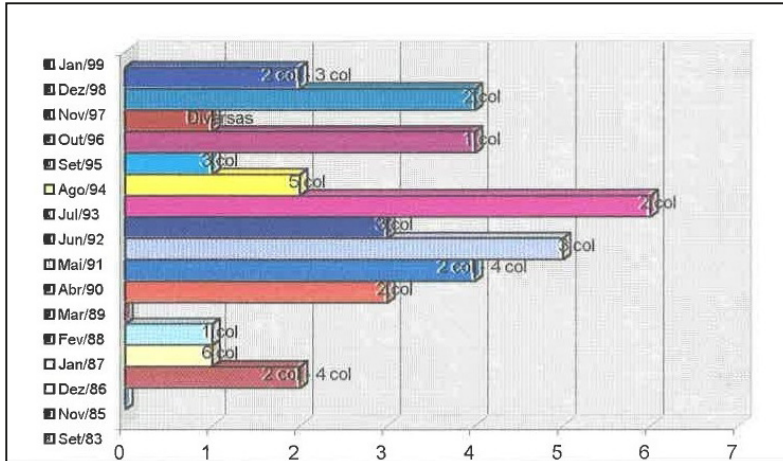
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 21 - Representação da posição das matérias sobre a questão HÍDRICA na diagramação das páginas do Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



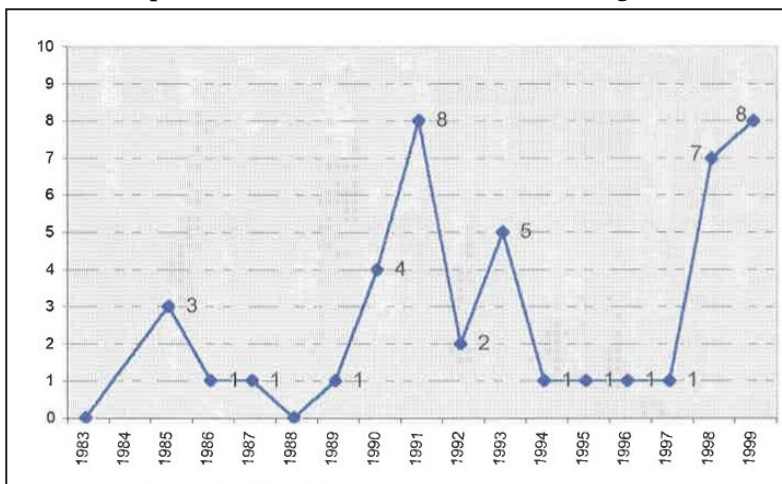
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 22 - Representação do espaço ocupado pelas matérias sobre a questão HÍDRICA em termos de número de colunas no Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



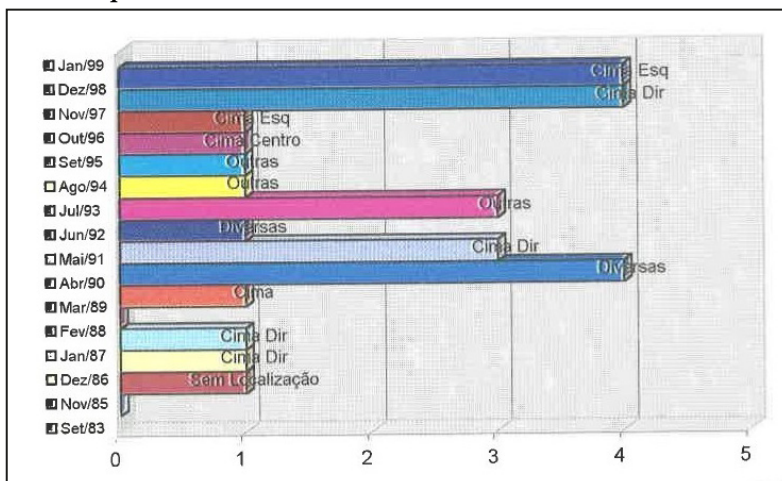
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 23 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Diário da Manhã veiculou matérias sobre a questão HÍDRICA utilizando o recurso da fotografia - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 24 - Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre a questão HÍDRICA no Jornal O Diário da Manhã - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.4.2 Leitura dos Gráficos

Os gráficos revelam que, na década de 80, as matérias encontradas com mais frequência nas páginas do jornal *O Diário da Manhã*, sobre a *questão hídrica* foram entre 1985-86, nos casos sobre a qualidade da água, questionando o trabalho da CORSAN. Aparecem também aspectos da captação da água

problematizada pela seca e, especialmente, a poluição do rio Passo Fundo. A poluição das águas e do ambiente, como um todo, pelo Curtume Ciplame é matéria constante nessa fase, embora as matérias não tenham uma posição (Gráfico 21) padrão nas páginas e as colunas (Gráfico 22) dadas para o assunto não estejam, na média, mais do que duas por matéria. Nessa década, o uso de fotos para enriquecer os artigos é irrelevante (Gráfico 23).

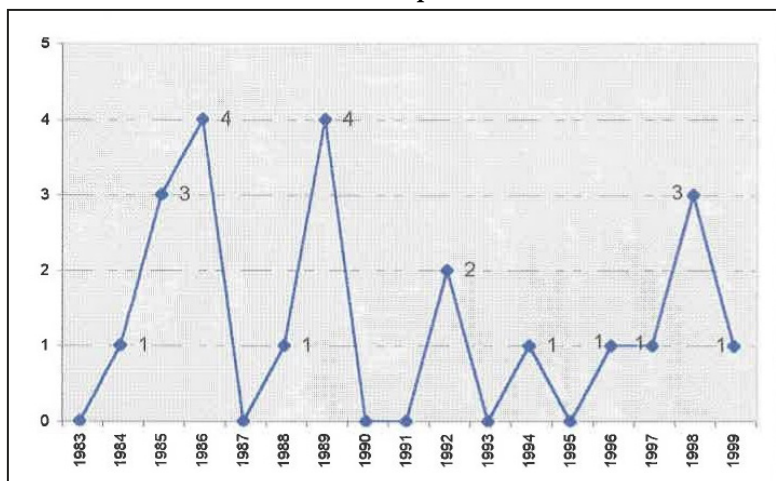
Na década de 90, a maior incidência de matérias sobre a água, (Gráfico 19), nas páginas do jornal *O Diário da Manhã*, foi no mês de abril, com a questão do fechamento do curtume CIPLAME. Esse caso esteve treze vezes na mídia impressa, sendo que nove vezes foi chamada de capa (Gráfico 20) e, em seis notícias, a informação tomou toda a página numa média de 03 colunas. O recurso da fotografia foi ocupado em quatro matérias (Gráfico 23), sendo que elas não mantiveram uma posição (Gráfico 24) com frequência, alternando-se. O caso CIPLAME teve intensa participação dos movimentos sociais, incluindo as manifestações do GESP-AT.

A questão hídrica, em maio de 1991, obteve sua segunda maior incidência: doze inserções (Gráfico 19). Foi no caso de suspeita de cólera no município e região. O assunto foi muito veiculado pela mídia local. Devido à ECO-92, a questão hídrica também foi abordada muitas vezes em 1992 e, em julho de 1993, com a volta da poluição por parte do curtume CIPLAME na vila Ricci, bem como a preocupação com a canalização de riachos por parte da Prefeitura Municipal. Em dezembro de 1998, volta a aparecer com força o tema da poluição das águas, há um Seminário sobre esgoto cloacal e diversas denúncias de desrespeito à questão hídrica do município. A localização dessas matérias na página variou na maior parte dos casos (Gráfico 21), sendo que apenas uma vez, em junho de 1992, ocupou a página inteira.

4.4.5 Veiculação de matérias sobre o GESP-AT no âmbito do jornal O Nacional

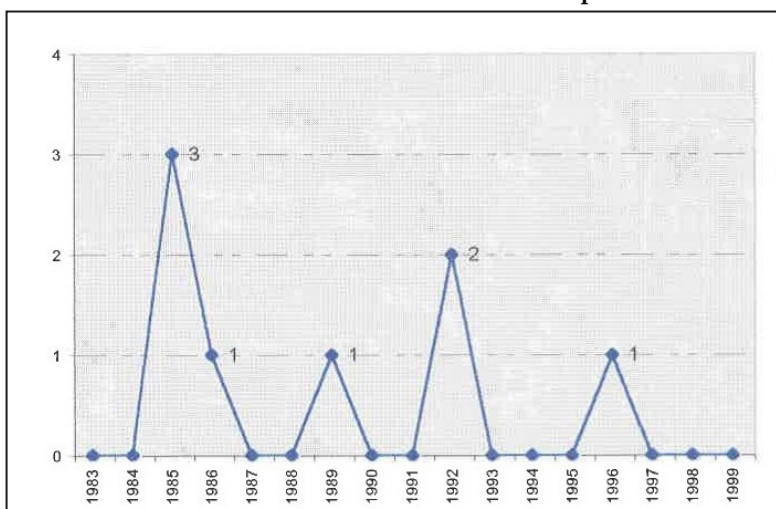
4.4.5.1 Gráficos representativos

Gráfico 25 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre GESP-AT por ano - 1983 a 1999.



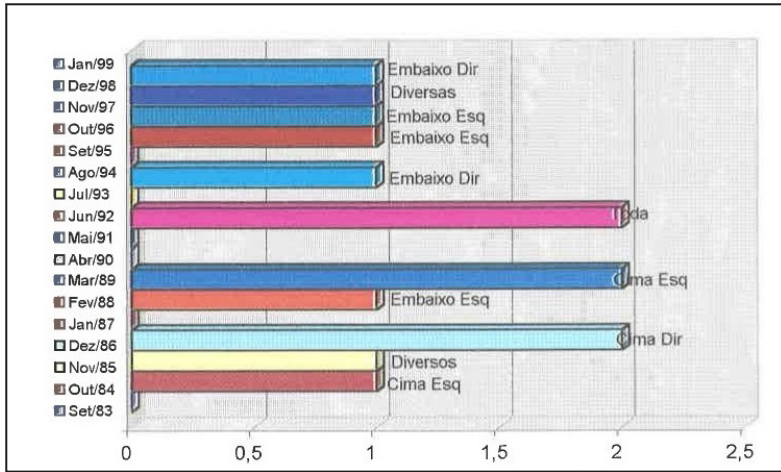
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 26 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre GE SP-AT incluindo chamadas de capa - 1983 a 1999.



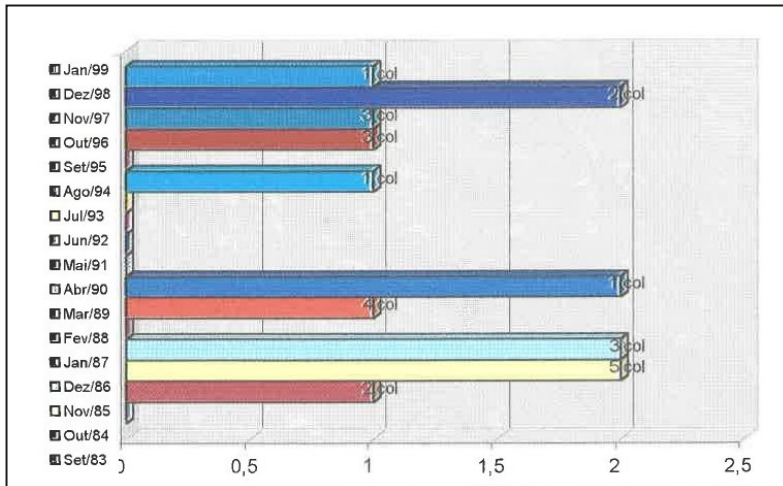
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 27 - Representação da posição das matérias sobre GESP-AT na diagramação das páginas do Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



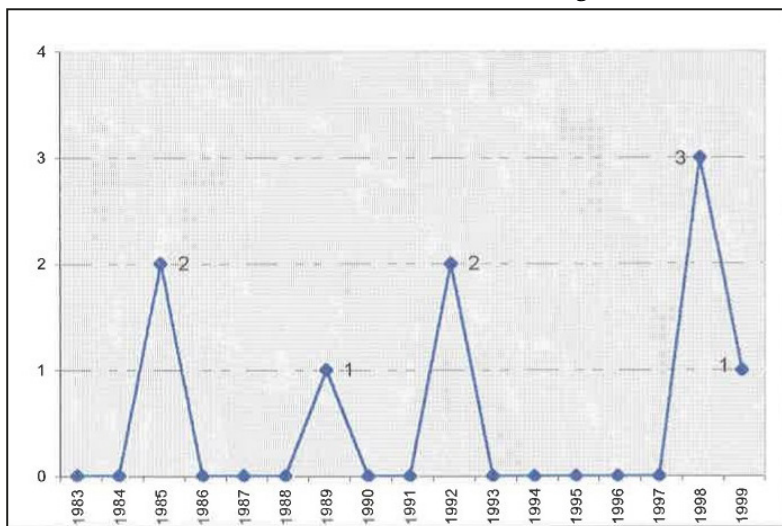
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 28 - Representação do espaço ocupado pelas matérias sobre GESP-AT em termos de número de colunas no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



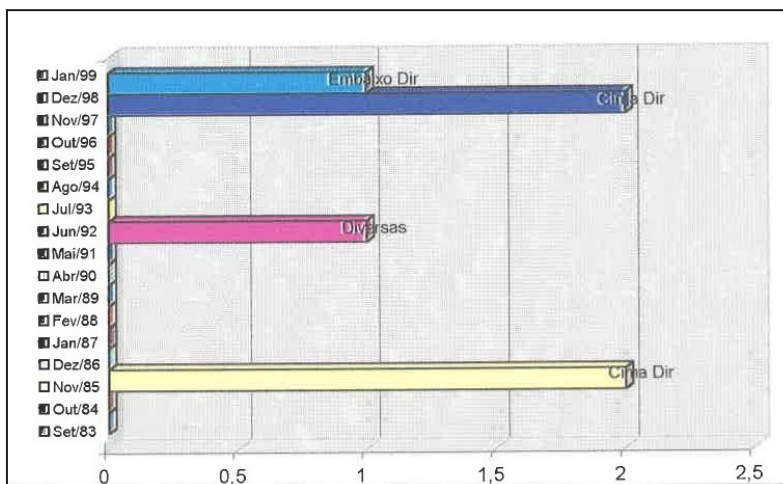
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 29 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre GESP-AT utilizando o recurso da fotografia- 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 30- Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre GESP-AT no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.5.2 Leitura dos Gráficos

Os gráficos revelam que, dos trabalhos efetuados pelo GESP-AT, na década de 80, as matérias que mais marcaram presença nas páginas do jornal *O Nacional*, foram em dezembro de 1986 e em 1989. Em 1986, foi no caso da instalação do

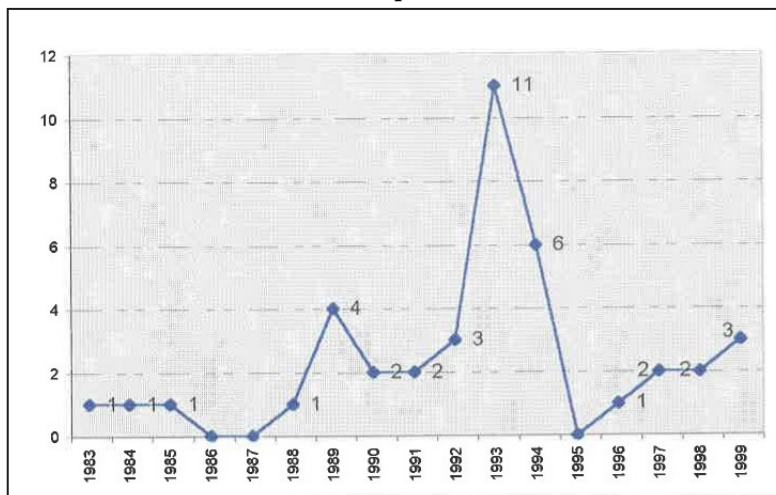
posto na Gare. Essa luta rendeu matérias em dois anos consecutivos. A nova arborização na Av. Pres. Vargas foi o outro fato relevante. As notícias foram dispostas, em geral, na parte de cima da página, à direita, com uma média de duas colunas. Nesse período, obtiveram chamadas de capa as notícias sobre o caso da fazenda Anoni, em 1985, quando o GESP participou do Comitê Pró-Colonos, recolhendo donativos para os mesmos e quando o Grupo participou do ato público promovido pelos colonos reivindicando as terras da Anoni. Em 85, já se veiculava notícias sobre o caso da construção de uma zona de preservação ambiental na praça da Antiga Gare. Quando, em 86, a Câmara de Vereadores rejeitou por unanimidade o Posto na Gare, o caso mereceu capa novamente. A entidade ecológica só voltou a aparecer na capa do jornal *O Nacional* em 1989, com a campanha efetuada pela entidade para captar assinaturas em documento elaborado para a Constituinte Estadual. Essas matérias, entretanto, tiveram um saldo baixíssimo de utilização do recurso da fotografia para apoiar/valorizar a notícia. Elas apareceram apenas em 1985, duas vezes e em 1989, uma vez. A localização dessas fotos manteve-se em cima, à direita do texto escrito.

Na década de 90, houve uma queda na aparição do GESP-AT nas páginas do jornal *O Nacional*. Ele apareceu somente nove vezes, na amostra pesquisada. Sendo que a maior incidência ocorreu em 1992 (duas vezes) e em 1998 (três vezes). Em 92, as matérias abordaram a participação da ONG no Fórum Global do *Rio* de Janeiro em ocasião da ECO-92. As duas matérias obtiveram chamada na capa, sendo que uma delas dizia: “Sentinela dos Pampas participou da ECO-92”. Essa foi a incidência maior de capa na década de 90. Em 1998, o Grupo ganhou três espaços no *O Nacional*, quando participou das Feiras Ecológicas promovidas pelo Fórum de Agro - ecologia, bem como assinalando sua participação no Comitê de Gerenciamentos de Recursos Hídricos. Quanto a localização nas páginas, o assunto não mereceu uma coluna especial, marcada para o tema, aparecendo em posições diferentes, porém mantendo-se, no geral, embaixo, na página. O número de colunas permaneceu numa média de duas colunas. Houve pouco uso de fotografia nas amostras dessa década, registramos apenas duas em 92, três em 1998 e uma em 1999. Em 92-8 os motivos já foram mencionados e, em 1999, a foto ilustrou a matéria sobre a participação do Grupo em mais uma Feira Ecológica promovida pelo Fórum. A localização dessas fotos dentro da matéria foi variadas entre: embaixo, à direita do texto, e em cima, à direita do texto.

4.4.6 Veiculação de matérias sobre a questão do LIXO no âmbito do jornal O Nacional

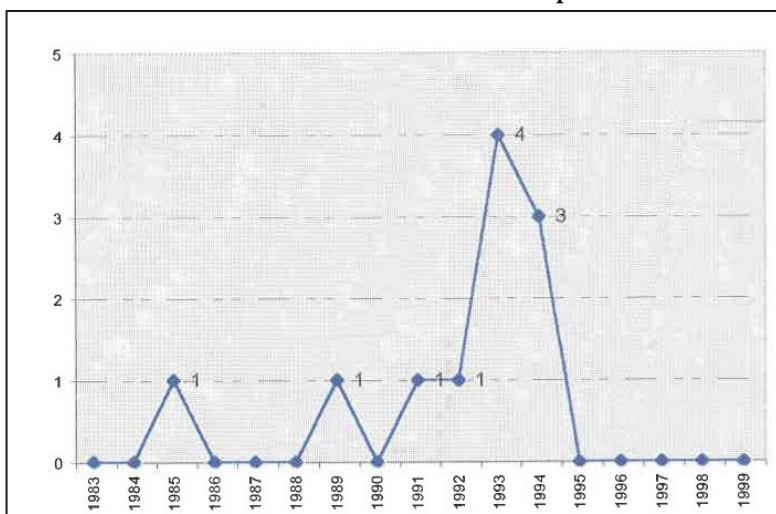
4.4.6.1 Gráficos representativos

Gráfico 31 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre LIXO por ano - 1983 a 1999.



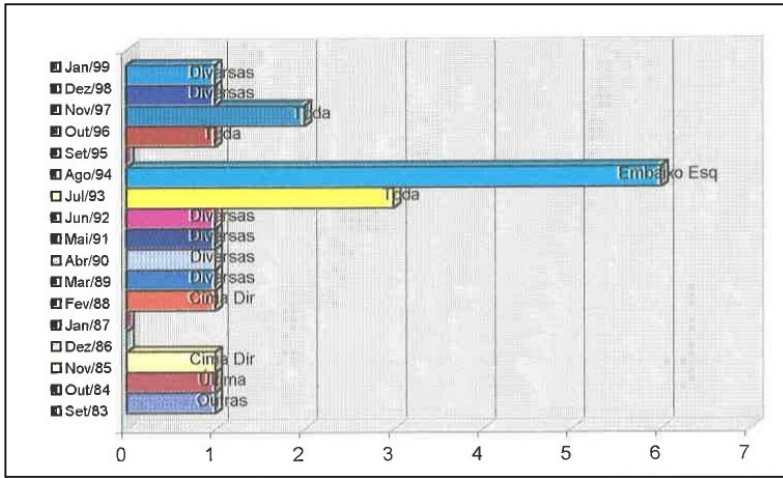
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 32 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre LIXO incluindo chamadas de capa - 1983 a 1999.



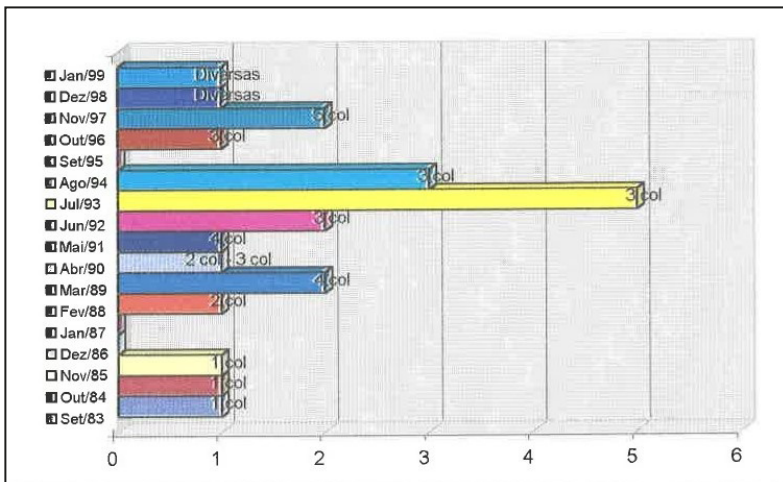
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 33 - Representação da posição das matérias sobre LIXO na diagramação das páginas do Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



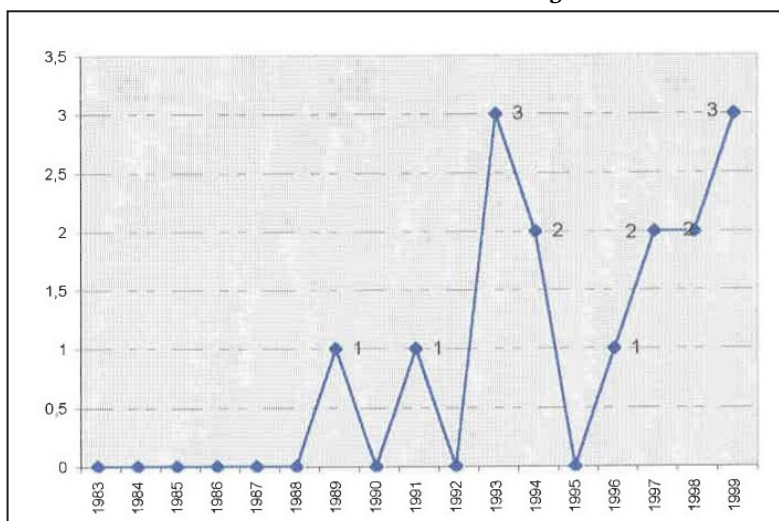
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 34 - Representação do espaço ocupado pelas matérias sobre LIXO em termos de número de colunas no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



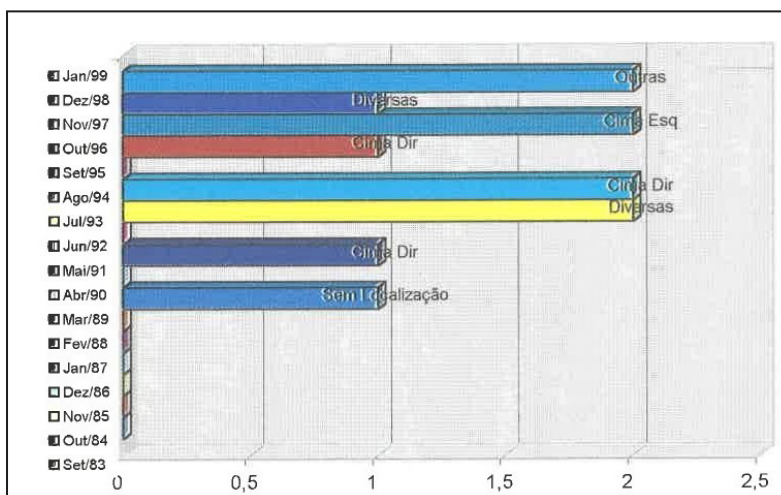
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 35 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre LIXO utilizando o recurso da fotografia - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 36 - Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre LIXO no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.6.2 Leitura dos Gráficos

Os gráficos revelam que, na década de 80, as matérias mais valorizadas em termos de incidência, nas páginas do jornal *O Nacional*, sobre a questão do LIXO foram insignificantes. Numa média de uma por ano construído,

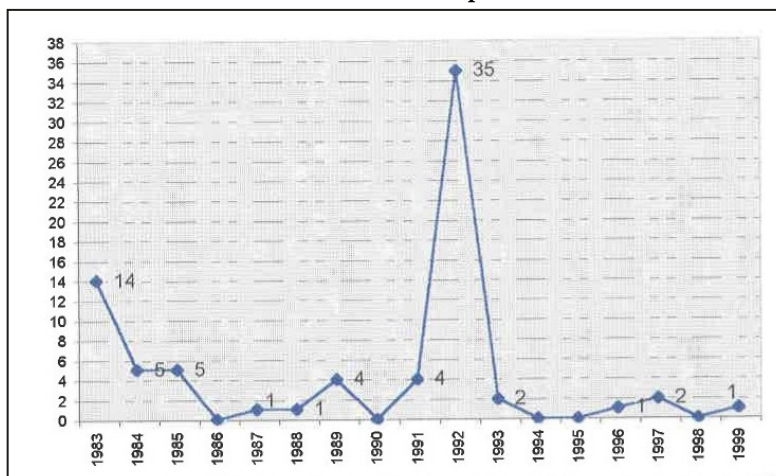
destacando-se apenas em 1989, no caso da concorrência para administração da Usina de Reciclagem de lixo de Passo Fundo, na questão do lixo abandonado no perímetro urbano e reclamações da população em relação ao recolhimento do lixo por parte dos responsáveis. Esses assuntos aparecem em quatro notícias, com exposição em lugares variados das páginas, com uma média de duas colunas, excetuando em 1989, quando foi abordado o abandono do lixo em um matagal em pleno centro da cidade. Essa matéria foi apresentada em quatro colunas. Nos anos 80, apenas duas ocorrências obtiveram chamadas de capa e, em apenas uma, foi utilizado o recurso da fotografia para apoiar/valorizar a notícia. Foi no caso da comprovação de que havia animais domésticos -porcos- se alimentando no depósito de lixo da cidade.

Na década de 90, provavelmente devido ao descaso dos responsáveis nos anos anteriores, a questão do lixo se tornou emergente e foi abordada com mais frequência. No total, trinta e uma inserções do tema. A maior ocorrência aconteceu em 1993, com onze matérias. Elas foram centradas na questão da terceirização da coleta do lixo, também há o enfoque do desperdício dos alimentos que se transformam em lixo. Essas matérias abordam o aproveitamento de cascas, farelos, sementes para fazer comida. Há ainda a questão do lixo pelas ruas na cidade e um leilão de lixo reciclado efetuado pela Prefeitura Municipal. Quanto à localização nas páginas, em linha geral, o assunto não mereceu uma coluna especial, marcada para o tema, aparecendo sempre em posições diferentes. Porém, em 1993 e 1994, aconteceu do jornal abordar o tema em página inteira. Foi no caso da confecção de alimentos a partir de cascas etc, em 93 e, em 94, como havia a discussão sobre a Usina de lixo de Passo Fundo estar processando o lixo da cidade vizinha - Marau -, o recolhimento do lixo em Passo Fundo, também estava em discussão no momento. O jornal apresentou esses casos até em página inteira, e, excetuando em 97, quando focalizou a construção de casas a partir de “Relix” - papel reciclado, em cinco colunas, o número de colunas ocupadas pelo tema, no O Nacional, permaneceu numa média de três. Dessas, apenas obtiveram chamada na capa: quatro, em 93, e três, em 94, nos casos já referidos. Em relação à década de 80, em 1990, houve aumento expressivo no uso de fotografias, treze, ao todo. A maior parte nos casos já mencionados, e em 98, por ocasião da discussão em torno de amenização do problema. As matérias contam a experiência do Movimento dos Meninos e Meninas de rua que faziam arte do lixo. Em 1999, as fotos ilustram novas ações dos cidadãos para solucionar o problema. As notícias relatam as atividades do Lions de fazer coleta de lixo e limpeza às margens das rodovias que circundam a cidade. A localização das fotos dentro das matérias foi variada, sendo que em apenas dois casos repetiram o lugar: em cima, à direita do texto escrito.

4.4.7 Veiculação de matérias sobre a questão do MEIO AMBIENTE no âmbito do jornal O Nacional

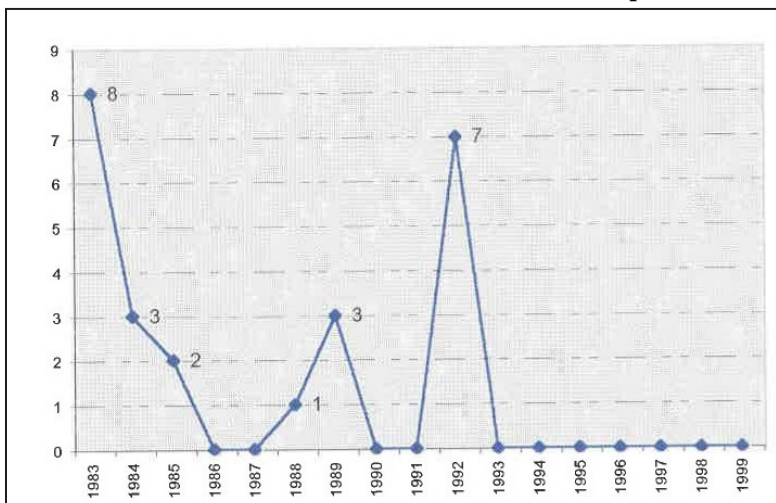
4.4.7.1 Gráficos representativos

Gráfico 37 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre MEIO AMBIENTE por ano - 1983 a 1999.



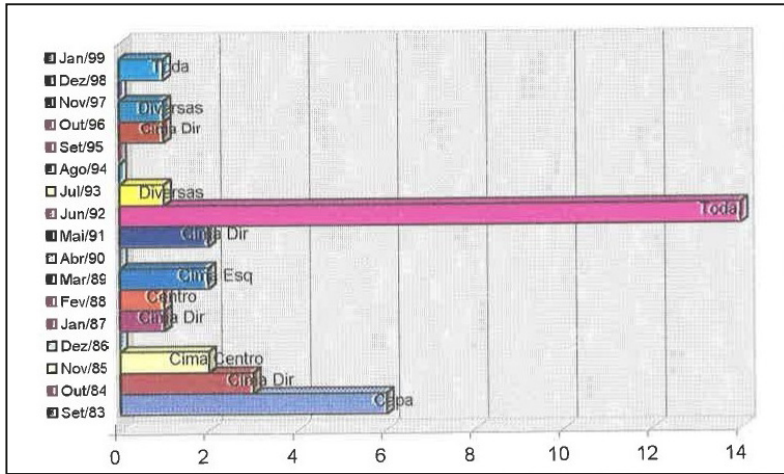
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 38 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre MEIO AMBIENTE incluindo chamadas de capa - 1983 a 1999.



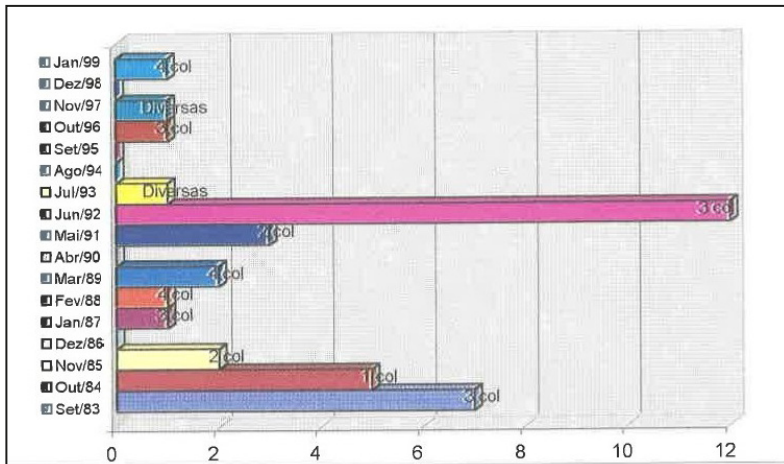
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 39 - Representação da posição das matérias sobre MEIO AMBIENTE na diagramação das páginas do Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



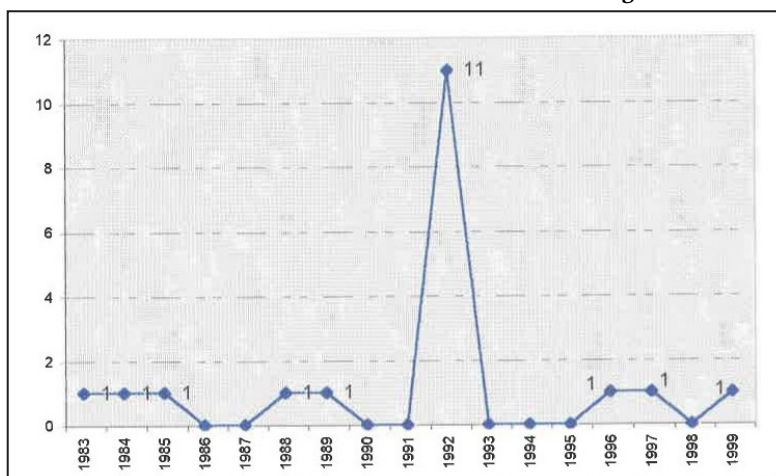
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 40 - Representação do espaço ocupado pelas matérias sobre MEIO AMBIENTE em termos de número de colunas no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



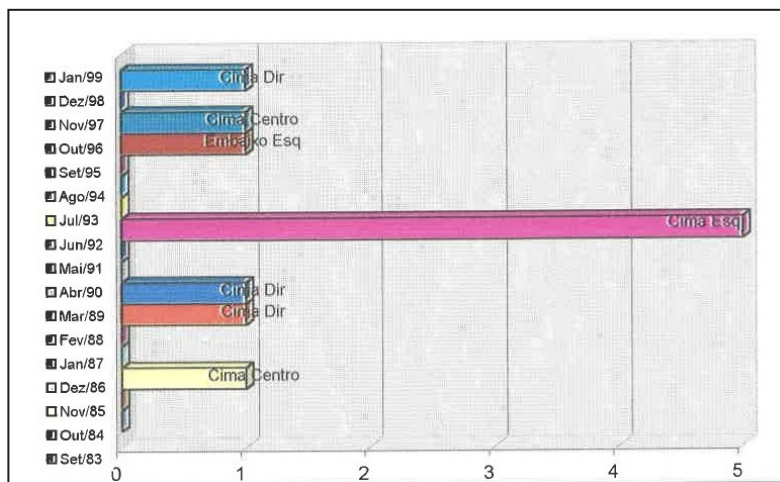
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 41 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre MEIO AMBIENTE utilizando o recurso da fotografia - 1981 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 42 - Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre MEIO AMBIENTE no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.7.2 Leitura dos Gráficos

Os gráficos revelam que, na década de 80, as matérias envolvidas com a questão *Meio Ambiente*, onde estão incluídos esclarecimentos sobre a ECO-92, seminários, eventos - em geral - com tema relacionado à ecologia, agricultura orgânica e educação ambiental - nas páginas do jornal *O Nacional*, - estiveram numa média de cinco, ao longo da década. Tendo uma exceção apenas em

1983, quando o assunto obteve quatorze inserções. Essas quatorze inserções se devem ao fato da amostra ter sido colhida em setembro e, portanto, ser tomada pelos seminários de meio ambiente, que sempre acontecem nessas datas comemorativas, bem como as atividades comemorativas do Dia da Árvore, e manobras de assentamento de colonos, efetuadas pelo INCRA, na Amazônia.

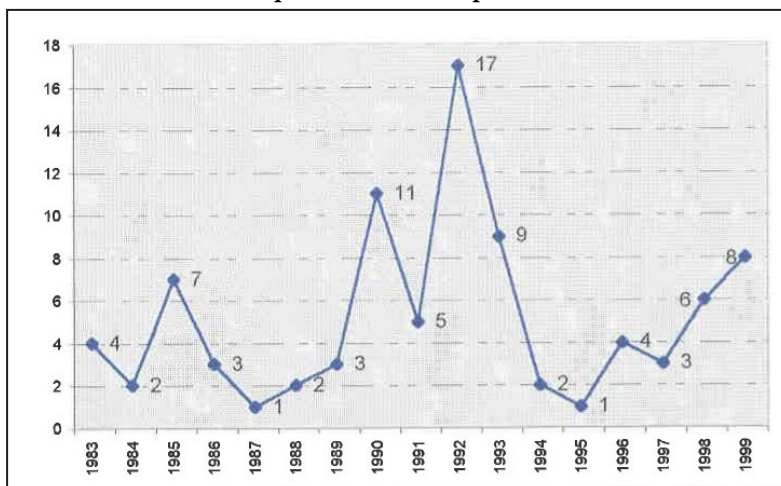
Essas notícias, com exposição em lugares variados das páginas, tiveram uma média de três colunas. Delas, quatorze obtiveram chamadas de capa, nos assuntos já mencionados e, em pouquíssimos casos (05) foi utilizado o recurso da fotografia para apoiar/valorizar a notícia. A localização dessas fotos manteve-se no centro e, em cima, à direita do texto escrito.

Na década de 1990, ao fazermos um paralelo entre antes de 92 e depois, percebemos uma espécie de supervalorização das questões ambientais devido ao advento internacional da ECO-92. Em 1992, temos o registro de trinta e cinco matérias, no mês da amostra. Nos dois anteriores, apenas quatro e, nos sete anos posteriores, o registro de apenas seis matérias nas páginas do jornal *O Nacional*. Dessas, as sete que obtiveram chamada na capa foram justamente as que envolviam esse megaevento, mas o assunto não mereceu uma coluna especial, com periodicidade, marcada para o tema, aparecendo sempre em posições diferentes. Em 92, entretanto, *O Nacional* fez um caderno sobre meio ambiente. Abordando as principais causas ecológicas com um enfoque politicamente correto. As pessoas entrevistadas, que deram suporte para as matérias, eram pessoas da comunidade envolvidas seriamente com a causa ecológica. Entre elas, dois membros do GESP-AT. O número de colunas permaneceu numa média de três, excetuando o caso do Caderno Especial. Houve pouco uso de fotografia nas amostras dessa década, apesar disso no caso especial da ECO-92, foram usadas onze fotografias. Porém, somando o antes e o depois, temos o número ínfimo de três fotos. A localização dessas fotos dentro das matérias foi variada, mas, no geral, elas estiveram em cima, à direita, à esquerda ou no centro, do texto escrito.

4.4.8 Veiculação de matérias sobre a questão do HÍDRICA no âmbito do jornal O Nacional

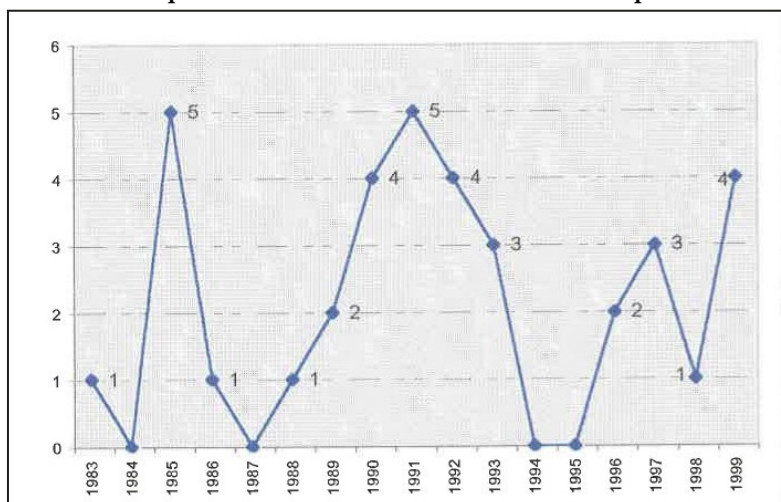
4.4.8.1. Gráficos representativos

Gráfico 43 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre a questão HÍDRICA por ano - 1983 a 1999.



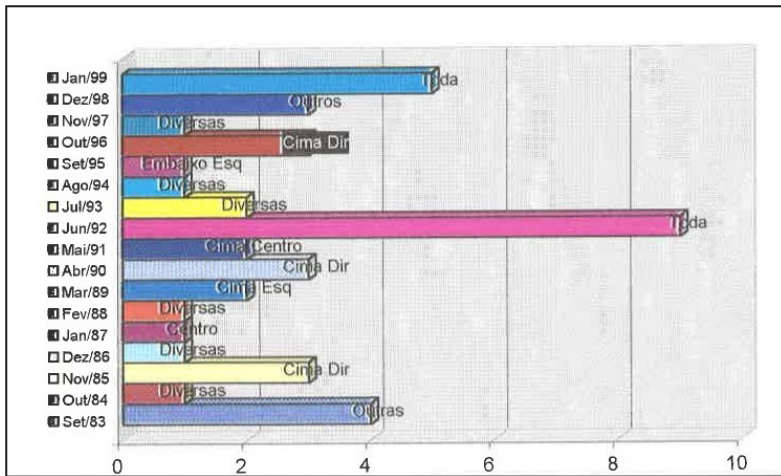
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 44 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre a questão HÍDRICA incluindo chamadas de capa - 1983 a 1999.



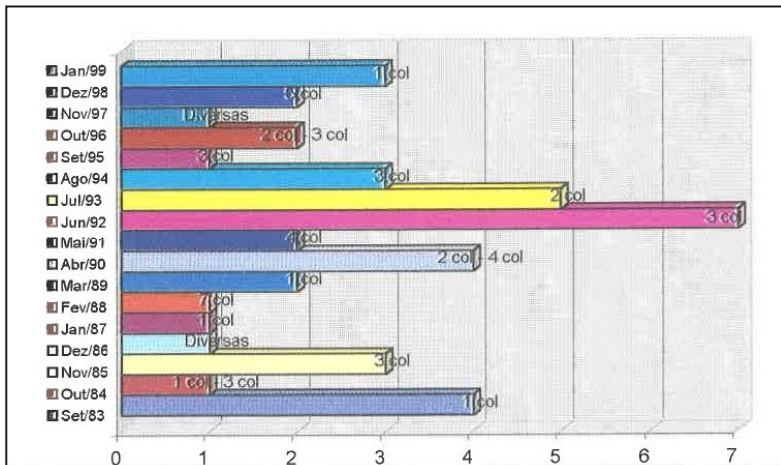
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 45 - Representação da posição das matérias sobre a questão HÍDRICA na diagramação das páginas do Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



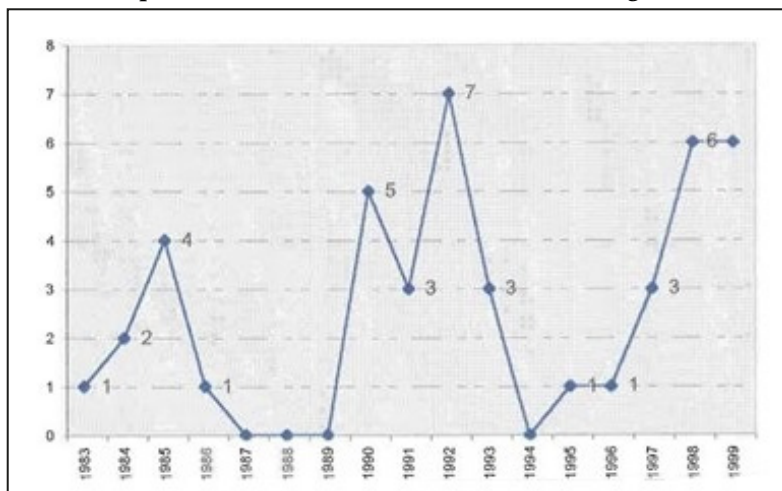
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 46 - Representação do espaço ocupado pelas matérias sobre a questão HÍDRICA em termos de número de colunas no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



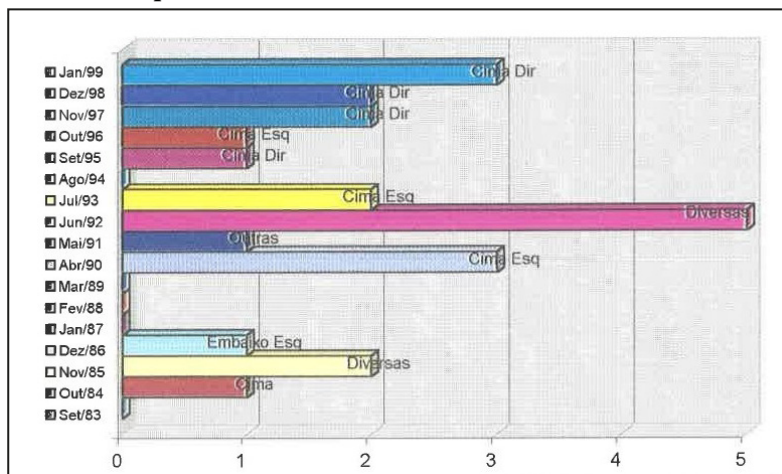
Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 47 - Representação do número de vezes em que o Jornal O Nacional veiculou matérias sobre a questão HÍDRICA utilizando o recurso da fotografia - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

Gráfico 48 - Representação da posição das fotografias no âmbito das matérias veiculadas sobre a questão HÍDRICA no Jornal O Nacional - 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

4.4.8.2. Leitura dos Gráficos

Os gráficos revelam que, na década de 80, das categorias pesquisadas, GESP AT, lixo, Meio Ambiente e a questão hídrica, as matérias sobre a questão HÍDRICA foram as que mais pareceram nas páginas do jornal *O Nacional*, excetuando o caso ECO-92. Elas somam um total de vinte e uma notícias, distribuídas quase que, uniformemente, ao longo da década. Sendo que sua

maior incidência foi em 1985, o que coincide com o início da deflagração do problema causado pela poluição do curtume CIPLAME. Além disso, o conteúdo das matérias cobra da CORSAN - Companhia Riograndense de Saneamento - a qualidade da água que é consumida pela população. Ao todo são registradas sete matérias englobando esses assuntos. A localização delas nas páginas não seguiram uma ordem, variando sempre de posição. Dessas, dez obtiveram chamadas de capa. Sendo que, em 1985, foi o ponto máximo, cinco chamadas de capa. Os assuntos foram a captação de água pela CORSAN e a poluição da água da sanga que passava no Bairro São Luiz Gonzaga, onde havia despejo de detritos humanos, acúmulo de lixo e detrito nas margens, bem como o problema das embalagens de produtos químicos usados em uma granja próxima à sanga mencionada na reportagem e que, naquela ocasião, eram jogadas na água. Apontam também a poluição do rio Passo Fundo. Para apoiar/valorizar as notícias, foi utilizado o recurso da fotografia em poucos casos, sendo que, nessas mencionadas foram onde este recurso apareceu mais: quatro vezes. A localização dessas fotos, entretanto, não seguiu nenhuma ordem, elas apareceram em lugares diferentes a cada matéria.

Na década de 90, as matérias mais valorizadas em termos de incidência, nas páginas do jornal *O Nacional*, foram centradas em três assuntos básicos: em 1990, onze matérias sobre o caso CIPLAME, que vinha se arrastando desde 85-86; em 1992, dezessete matérias sobre a ECO-92 e, afinal, em 1993, com um possível surto de cólera assustando a população. Ao todo, na década de 90, a questão hídrica abocanhou sessenta e seis (66) inserções nas páginas desse jornal. Com localizações das mais variadas nas páginas, essas matérias obtiveram páginas inteiras, em 92, como assunto da ECO-92 e, em 1999, acusando o grave estado de poluição dos recursos hídricos de Passo Fundo. Foi também esse assunto que obteve um grande número de chamadas na capa, sendo que incidência maior de chamadas na capa foi em 1991, com o caso de suspeita de cólera na região. O número de colunas permaneceu numa média de três, excetuando os casos de página inteira e, em 1998, com a realização do II Seminário Municipal sobre o tratamento de Esgoto Cloacal, quando o assunto obteve cinco colunas. A questão hídrica superou os outros assuntos em relação ao uso de fotografias nas matérias. Tanto nas amostras dessa década, quanto da outra. Começando em 1990, com cinco fotos para reforçar a matéria sobre a suspeita de cólera, mantendo uma média de três nos outros anos, obtendo sete fotografias em 1992 e seis em 1999. A localização destas fotos dentro das matérias parece seguir uma ordem. A sua grande maioria foi posicionada à cima, à direita ou esquerda, do texto escrito.

4.5 CAPÍTULO IV - ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS QUESTÕES ECOLÓGICAS A PARTIR DO PROJETO GRÁFICO E DO USO DOS SISTEMAS ANALÓGICOS NOS VEÍCULOS O NACIONAL E DIÁRIO DA MANHÃ

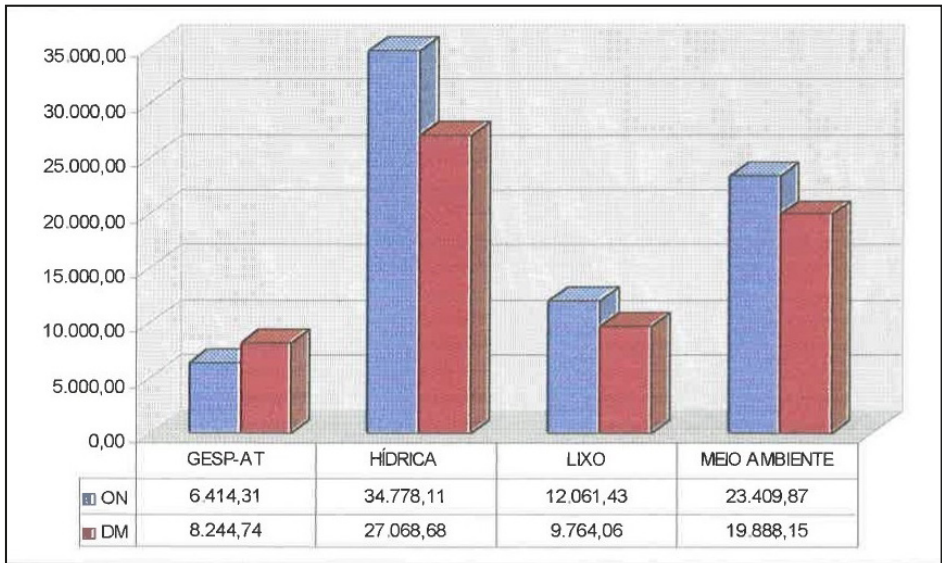
A partir do levantamento da ocorrência de matérias sobre as questões já mencionadas, no âmbito dos jornais *O Nacional* e *O Diário da Manhã*, através da técnica de ano construído cuja amostra foi extraída a partir de 1983 até 1999, verificou-se que, no caso do jornal *O Diário da Manhã*, essas questões tiveram mais impacto e, portanto, apareceram mais vezes no jornal, principalmente, por ocasião da ECO 92, por ser uma questão de âmbito internacional e, ainda, em três casos que envolveram diretamente os poderes econômicos do município. Apesar dos problemas ambientais terem se agravado e esse Órgão relatar os fatos cada vez mais, pode-se perceber que, na maior parte das vezes, esse relato veiculava as justificativas do poder público municipal sobre os casos. Na análise de *O Nacional*, pode-se perceber que a situação se repete de forma semelhante, embora *O Nacional*, tenha noticiado menos o meio ambiente, seus relatos se mostraram, em geral, comprometidos com o poder público ou com o capitalismo de alguma forma. Observou-se que o meio ambiente ganha espaço a medida que seus defensores pressionam os jornalistas. Se isso não acontecer, prevalece o critério: interesse econômico. Essa análise está de acordo com a pesquisa feita, tanto, quanto com a opinião dos jornalistas entrevistados. O jornalista do Diário da Manhã - L.D., declarou:

As questões ambientais no meio impresso passo-fundense não têm um critério de real interesse ecológico, mas sim de relações pessoais e relações de manchete de informação. A disputa entre os dois jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã* faz com que os temas sejam balizados, digamos, se você tem um caso de poluição do Rio Passo Fundo, às vezes, as relações políticas com a Prefeitura Municipal fazem com que a notícia ganhe uma gradação de importância menor, mas ao mesmo tempo, se o jornal concorrente demonstrar um grande interesse por esse assunto os dois se posicionam para falar sobre o tema. Nesse meio tempo, tem a influência dos grupos ecológicos que, com sua voz, geralmente procuram não os editores, mas sim os jornalistas que conseguem exercer influência para que a notícia seja divulgada. É uma barganha que começa no início da tarde e se estende até o fechamento da edição.

Quanto à evolução do tratamento das questões a partir do *projeto gráfico* da página, que vem a ser a forma peculiar de cada veículo valorizar o tema a partir da localização na página, bem como os centímetros quadrados ocupados pelo assunto, o número de colunas e, ainda, se a matéria obteve chamada de capa, pode-se observar que a década de 90 qualificou os dois veículos. As matérias passaram a ser dispostas de maneira mais regular nas páginas, sendo

que os jornais começaram a definir melhor suas editoriais. Se, na década de 80, havia casos em que uma notícia aparecia circundada por anúncios, convites para enterro, atualmente, isso não acontece mais. Os jornais, como um todo, estão mais limpos e organizados, e, embora a ecologia não tenha uma posição frequente e definida nesses veículos, houve um acréscimo significativo no espaço dado aos temas. A saber:

Gráfico 49 - Representação da evolução da quantidade de espaço disponibilizado pelos Jornais *O Diário da Manhã* e *O Nacional* para os assuntos GESP-AT, questão HÍDRICA, questão do LIXO e MEIO AMBIENTE nos anos de 1983 a 1999.



Fonte: Pesquisa de Campo

O uso dos sistemas analógicos para dar destaque às questões ecológicas, como fotografias, ilustrações, charges, *cartoons*, entre outros, também denotou uma evolução positiva. A participação eventual de chargistas como Alexandre Oliveira e Geraldo Fernandes no jornal *O Diário da Manhã*, trouxe criatividade e arte às páginas do veículo, embora não tenha sido encontrada com frequência nas amostras estudadas. No jornal *O Nacional*, o uso desse recurso foi bem inferior. Sendo encontrada apenas uma charge, de cunho político. Quanto ao uso de fotografias, este aumentou consideravelmente na década de noventa em ambos os jornais. Embora, em *O Diário da Manhã*, tenha havido uma média de uma foto por matéria e, em *O Nacional*, uma média de três fotos por matéria.

Esse avanço demonstra que os jornais procuraram melhorar sua informação acrescentando a mensagem da imagem. Em linha geral, ambos padronizaram a posição da foto, em cima à direita do texto escrito. Essa posição

favorece a leitura, pois acomoda a imagem ao lado do texto escrito de forma harmônica, sendo que, deve-se observar o princípio de que existe o hábito dos leitores em olhar primeiramente para o canto direito das páginas ímpares do jornal. Esse hábito, inclusive, influencia o preço dos anúncios. Segundo Erni da Rosa, Chefe de Redação de *O Diário da Manhã*, os anunciantes pagam mais para estar veiculados nessas páginas. Como a imagem traz informações imediatas, esse primeiro contato do leitor com ela, aumenta o impacto da notícia a partir da visão/imagem do fato jornalístico e não da leitura dele, da decifração do código escrito alfabético, o que exige mais tempo e compreensão por parte do mesmo.

A avaliação da evolução do tratamento do tema, no período dessas duas décadas, só enfraquece a imagem de *O Nacional* e *O Diário da Manhã* quando analisados os conteúdos das matérias. Apesar de mais bonitos, os periódicos não aprofundaram sua forma de tratar as questões do meio ambiente em âmbito regional. Quando se trata de assuntos em nível nacional, como desmatamento na Amazônia, casos de saúde, como tabagismo, alcoolismo, entre outros, a imprensa analisada se posiciona de forma politicamente correta, dando as duas faces dos problemas, mostrando os prós e os contras, entrevistando ecologistas, médicos etc. Porém, quando os problemas ambientais envolvem autoridades da cidade, envolvem capital e nomes de expressão, o tratamento é outro. Os veículos limitam-se, na maior parte das vezes, a publicar as matérias produzidas pela agência de notícias da Prefeitura Municipal, ou ainda, a evitar cuidadosamente o assunto. Demonstrando assim que, numa cidade de porte médio como Passo Fundo, a imprensa ainda é extremamente comprometida com o poder econômico e com seu aparato ideológico. Gindrê (2000, s/p) ao comentar essa relação da imprensa com o poder cita Foucault e explica:

Em Foucault, vamos encontrar o “poder” não como algo espacializável, um “objeto” que uns teriam e outros não. A microfísica de Foucault prevê uma espécie de hidrodinâmica da sociedade, em que o poder circula por canais que nos ligam de todos a todos. O poder seria, então, uma “relação”.

Chega-se à conclusão de que a forma como a imprensa local estabelece seu elo com o poder, é exatamente essa, ela não fala sobre ele, ela faz parte.

4.5.1 A mediação da ONG GESP-AT, a imprensa local e a questão hídrica

Para se discutir essa questão é interessante se reportar novamente ao valor da água para o planeta Terra, embora isso já tenha sido abordado no trabalho. A questão hídrica é tão preocupante que já houve dois grandes eventos mundiais para discutir o assunto. Em 1998, no Marrocos, a chamada Comissão Mundial da Água, chegou à conclusão de que a água realmente vai acabar se ninguém fizer nada. Em março de 2000, em Haia, na Holanda, aconteceu

o segundo Fórum Mundial de Águas. Nesse ano foi criado o Movimento da Água - programa mundial para conscientizar a população sobre os riscos do desperdício e da poluição. A Comissão Mundial da Água, ligada às Nações Unidas, prevê que em 2025⁵⁰ a humanidade gastará 20% mais de água do que hoje. Porém, ela está cada vez mais escassa. Apenas 2,4% da água do Planeta é potável. Desse total, 75% não podem ser consumidos porque estão sob forma de gelo ou debaixo da Terra. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 1 bilhão de pessoas no Planeta sofrem com falta de água. E mais, para pelo menos 10 milhões de pessoas, a água pode matar, pois ela está contaminada e transmite doenças como diarreia, hepatite e cólera. No Brasil, em 1998, foi aprovada pelo congresso a Lei de Recursos Hídricos, que vai gerenciar o aproveitamento das bacias hidrográficas do Brasil por meio de comitês regionais. Para regulamentar a implementação dessa lei está sendo criada a Agência Nacional da Água (ANA) que ainda não foi votada no Congresso.

Esse assunto tem sido pauta dentro das reuniões do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas desde a sua fundação. O atual presidente do GESP-AT, o engenheiro Agrônomo Marco Hoffman, atuante na entidade ecológica há aproximadamente 10 anos, tem desenvolvido, além das atividades de militância ecológica, suas atividades profissionais totalmente voltadas para a agricultura orgânica, faz considerações graves sobre a forma como a questão da água é tratada na imprensa local:

A imprensa, em geral, tem tratado a questão da água. Se formos olhar pelo lado da quantidade, talvez pudéssemos dizer, que está bem. Tem apresentado o assunto com frequência⁵¹. Porém, se formos olhar do lado da qualidade, do efeito que isso possa ter em quem lê, aí, talvez pudesse ter aspectos a melhorar. Muita coisa na imprensa é feita com rapidez e não com um trabalho mais consistente. Por isso, muito daquilo que se escreve, muitas vezes as pessoas lêem da mesma forma e sem gravar. Eu não sei se as pessoas já têm consciência do problema grave da água, eu não consigo perceber isso na prática, porque ainda há muito desperdício, tanto

50 Atualizando esta conta, Matheus Chaves (18/11/2025 - 13h42), no site “Olhar Digital”, resgata: “Conforme informações do Relatório Global de Monitoramento da Água do Banco Mundial, intitulado “Seca Continental: Uma Ameaça ao Nosso Futuro Comum”, divulgado em novembro deste ano, houve um aumento de 25% no uso global de água desde 2000.” Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2025/11/18/ciencia-e-espaco/relatorio-revela-aumento-de-25-no-consumo-global-de-agua-no-periodo-de-20-anos/>.

Pelo visto, o dito aumento da população mundial, o desenvolvimento econômico vil e desenfreado e os padrões de consumo exagerados fizeram a Comissão Mundial da Água errar em 5%. Para mim, está claro que a má administração do saneamento, sucateamento das redes públicas de distribuição e o uso deste bem comum para fins comerciais de particulares têm mais peso do que o adolescente que escova os dentes com a torneira aberta. Enfim, apenas uma opinião. Afinal, tudo depende de uma nova atitude de convivência com os recursos naturais – que não são infinitos, como se imaginava.

51 Sic

de particulares, quanto de indústrias, de comércio. A própria Companhia que fornece água, talvez não tenha noção do que está acontecendo, porque é conhecido o problema de que há vazamentos que se perpetuam e não são consertados. Isso também ocorre aqui em Passo Fundo. A água tornou-se uma questão extremamente preocupante. Não é brincadeira que ela possa gerar guerras, já há casos na África nesse sentido. Nós temos muito a aprender sobre a qualidade da água, que ela não é um recurso infinito e que a gente pode acabar com ela sim. Por isso, se o papel da imprensa é aquele de despertar discussão, levar o assunto para a população, muitas vezes a forma como ela tem trabalhado não é aquela que impacta no sentido formar uma consciência exata na população sobre o assunto.

De todas as causas polêmicas expostas, tanto pelos jornalistas, quanto pelos ecologistas a respeito da questão da veiculação de matérias sobre ecologia, a única em que todos concordam é a de que o surgimento da entidade Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas levantou, em âmbito local, a discussão do tema meio ambiente. Segundo a jornalista do *ON*, F.T., antes da entidade expor a situação, não se pensava em termos de problemas ambientais. Mas não exatamente porque não se queria, e sim porque a população estava vivendo na ilusão da fartura. Nunca se imaginava que a água poderia ter um fim, ou que o acúmulo do lixo chegaria ao ponto que chegou:

O Meio Ambiente era urna coisa que o pessoal não dava muita importância. O GESP surgiu na administração do Carrion e foi por ali que o grupo começou num crescendo que chegou até hoje. Para nós – jornalistas - da imprensa, foi muito bom e continua sendo muito bom porque precisamos também de um trabalho assim para nos dar sustentação. Quando surgiu o GESP, nós tínhamos a quem procurar para perguntar alguma coisa. Se quiséssemos saber alguma coisa sobre o meio ambiente - sobre uma sanga, a própria qualidade da água, a questão do rio Passo Fundo (que continua a mesma coisa, ninguém fez nada.) Nós tínhamos a quem recorrer. Então para gente era muito importante, pois quando o assunto esbarrava na sociedade, principalmente nos órgãos oficiais, nos governantes, a gente sentia que eles não gostavam muito de dar informação. E foi difícil o espaço no começo, mas depois, o meio ambiente foi tomando conta. Foi se tomando importante. Começou a ser debatido no mundo inteiro e começou a vir muita coisa à tona e daí o Grupo ganhou, consolidou seu espaço na imprensa.

Essa mesma opinião, de que a figura do jornalista, sua postura profissional influencia diretamente no espaço cedido para a causa ecológica está presente nos três depoimentos dos primeiros militantes e fundadores do GESP. João Manoel Camargo Filho, estudante de agronomia, na época da fundação do Grupo e, hoje, Engenheiro Agrônomo formado, com muitos cursos de formação na área da Agricultura Orgânica, foi um dos primeiros a fazer palestras e atuar junto aos órgãos de comunicação, divulgando a causa. Ao ser perguntado, na entrevista, sobre a relação entre a ONG e a imprensa, ele deu a sua visão do fato, que, em síntese, é a mesma:

Há uma diferença entre as matérias publicadas a partir das informações do GESP e independente delas, por parte da imprensa, por uma questão de linha ideológica. Às vezes, quando o órgão da imprensa vai fazer a matéria, coloca dentro de sua linha, que nem sempre é aquilo que o Movimento ecológico acredita. Eu posso falar de ecologia, defendendo uma posição de uma empresa que está fazendo uma coisa ecológica, e tal, mas é bem diferente de uma posição do Movimento. Os ecologistas sempre foram a favor de uma descentralização seja do que for. Então, a imprensa pode pegar o caso da central de Itaipu, que está fazendo uma preservação de peixes, tratando água, fazendo orquidário, tal e coisa e divulgar como ação ecológica. Mas, nós sempre fomos contra o alagamento. São duas entidades falando sobre o meio ambiente, mas com posições bem diferentes. Então eu acredito que muita coisa se deve ao próprio jornalista, que está no órgão. Isso nós vimos esse tempo todo, quando o Movimento é mais conhecido do jornalista, sai uma posição mais aberta e mesmo que o dono do jornal tenha uma posição mais fechada sobre a questão. Nesse tempo de militância, pude comprovar que muita matéria passou em função do jornalista que estava no jornal.

Embora, tanto os jornalistas entrevistados, quanto os ecologistas tenham uma mesma visão das funções da imprensa local, observamos divergências na forma de aplicar esses conceitos. Em alguns casos, como no caso do Curtume CIPLAME, observamos que O *Nacional* teve uma cobertura extremamente parcial dos fatos, embora a sua redatora-chefe tenha relatado o esforço que foi feito para dar imparcialidade no caso. O jornal chegou ao cúmulo de fazer uma matéria de capa, de quase meia página, com o título: *Passo Fundo venceu*, quando o curtume - que estava parado por ordem judicial por estar poluindo o meio ambiente - obteve autorização para voltar a trabalhar. Já, O *Diário da Manhã*, teve um procedimento semelhante no relato de um suposto caso de morte causada por cólera no município de Ibirapuitã, cidade do interior do RS. As primeiras notícias acusam o prefeito pela questão do saneamento básico e tratam a vítima como “*ancião*”. À medida que o tempo vai passando e o caso não se comprova, a vítima começa a ser tratada como “*o biscateiro*” e o prefeito aparece como um sujeito sério, transferindo a responsabilidade para o governo federal: “*o único problema de abastecimento é com a vila Nova, mas não pôde ser resolvido até agora por falta de verbas. O pedido de financiamento, junto à Caixa Federal, diz ele (o prefeito), dorme nas gavetas do órgão há quase um ano*” (DM - 09/05/91).

Isso reflete uma preocupação que todos - leitores e jornalistas - trazem a respeito da objetividade e imparcialidade das informações transmitidas pelo jornal. F.T, ao se referir ao caso CIPLAME, conta como foi difícil ser fiel à verdade e ao mesmo tempo não contradizer os diversos tipos de interesse que estavam implícitos no caso.

A questão do CIPLAME foi na administração do DIPP. A questão era assim. A gente tinha de se posicionar. Era uma empresa, que gerava empregos. Aí entra a questão econômica, entra a questão ambiental que também é importante - muito importante -e tinha uma coisa assim - o Curtume já estava no meio da cidade, antes da cidade crescer, apesar disso, a empresa tinha de se adaptar para continuar ali. Não se adaptou, deu aquele *estouro* todo. Então, como a gente ia seguir para fazer aquele material? Não podíamos deixar de noticiar porque era um fato. Estava no meio da cidade. O pessoal estava *berrando* na rua, vinha na prefeitura, vinha na Câmara. Vieram os moradores, me lembro dos moradores. Lembro do presidente da Associação dos moradores. Foram feitas várias manifestações na cidade, não lembro mais direito. Era um inferno. Então, eu disse, vamos fazer assim: Vamos noticiar os fatos: o que o empresário diz, o que os moradores dizem, o que o prefeito fala e o que a lei manda fazer. Pronto. Não precisa chamar o dono do curtume de sem-vergonha. Pronto. É só noticiar os fatos. E pronto e seguimos essa linha aí. Noticiamos ouvindo os dois lados e noticiamos. Não tinha como não noticiar e também não tinha como só defender o meio ambiente, não podia também. Eu sei que, de repente, as matérias podem até não ter agradado muito ao pessoal do meio ambiente. Mas nós também não podíamos fechar uma fábrica. De repente, se a imprensa tivesse batido nesse sentido até teria fechado.

Segundo Koff (1993), em seu ensaio sobre *O problema da imparcialidade e os limites da ética Jornalística*, a questão da verdade na notícia é uma construção social que reflete o pensamento dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Nesse caso, embora a jornalista tenha se colocado corretamente a respeito da postura que deveria ter sido adotada pelo jornal, não foi isso que aconteceu e também, nas suas últimas afirmações ficou claro que, na verdade, o jornal tinha de se posicionar porque não queria que a fábrica fechasse. O jornal optou por uma suposta neutralidade como forma de não se colocar a favor do fechamento da fábrica, embora toda a sociedade e a justiça, inclusive, estivessem dizendo que isso seria o correto.

Essa postura está comprovada no editorial assinado pelo diretor do Jornal, Senhor Múcio de Castro:

Há muito tempo os segmentos representativos desta cidade vêm numa preocupação crescente com os destinos quase que agonizante do setor industrial de nossa cidade. Devido à crise econômica em que o país tem vivido, as principais indústrias locais vêm diminuindo sensivelmente sua produção e, conseqüentemente, reduzindo seu quadro de funcionários. Como se isto não bastasse, devido a posição geográfica de Passo Fundo, várias empresas começam a providenciar a transferência de suas matrizes para a capital do Estado e para outros centros maiores do país. Como isto é visível aos olhos de todos, que aqueles que realmente acreditam na reversão deste quadro acima de tudo, depositam seu amor e confiança nesta cidade se encontram atônitos com o fato ocorrido na Sexta-feira passada, quando foi interdito o curtume Ciplame e efetuada

a prisão de seu diretor dr. Marcos Holzback. Como se produzir, pagar impostos e dar emprego configurasse um delito contra a sociedade.

Mas o que realmente nos causa maior espanto é que tal espetáculo contou com o patrocínio do titular da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente de Passo Fundo, que ao invés de procurar municiar a dita empresa de como adequar o sistema anti poluente já implantado, preferiu permitir que as diligências chegassem a este ponto.

Nós como passo-fundenses não podemos deixar de nos unir e ir à luta para salvar o crescimento industrial e social do nosso município, corrigindo os problemas que o progresso possa trazer ao meio ambiente e a condição de qualidade de vida do nosso povo. Pois se permitirmos, que pessoas que só vêm à frente seus interesses pessoais e políticos, destruam nossas fontes empregadoras e geradoras de crescimento, não seremos dignos da cidade em que vivemos.

E é em nome desta cidadania, que com respeito, exigimos uma atitude forte do chefe do Executivo Municipal no enfrentamento desta questão, que envolve não somente a CIPLAME e seus seiscentos funcionários, mas sim o futuro de nossa sociedade (ON - 04/04/1990).

A luta do jornal segue tão explícita, que no dia 05 de abril de 1990, quando a empresa consegue obter a liminar para voltar a trabalhar, o jornal comemora como uma vitória do município. Apesar de não trazer fotografia, a manchete se apresenta em letras garrafais, ocupando quase meia página de capa do jornal: *Curtume CIPLAME: PASSO FUNDO VENCEU*. A notícia começa dando o histórico da reunião que obteve a “vitória”: *No dia de ontem uma comissão de Passo Fundo formada por* (dá uma extensa nominata dos componentes Abre o segundo parágrafo com mais nomes) *reunidos das 11h às 13h com membros do departamento do Meio Ambiente da Secretaria da saúde do Estado, e* (cita mais nomes das pessoas do município presentes). *De acordo com informações do presidente da ACISA, Luiz Carrão, “o grupo de Passo Fundo”* (segue com a opinião do presidente solicitando a reabertura e faz novo parágrafo dando dados técnicos que viabilizarão o funcionamento da empresa.) *Segundo Carrão, neste prazo de 10 dias, que foi dado a empresa, no dia de hoje ela deverá encaminhar projeto do sistema já existente para estudo por parte da secretaria”*. Com isto destacou o presidente da ACISA, (continua a opinião entusiasta do Presidente da ACISA). *Por fim, Carrão fala que foi do trabalho e da união de diversos segmentos de Passo Fundo, entre eles a ACISA, a prefeitura, câmara de vereadores, imprensa - em especial O Nacional - que conseguimos reabrir o curtume CIPLAME*. (continua a opinião e a matéria encerra assim: *Valeu o empenho de todos, ressaltou o presidente da ACISA e prosseguiu* (termina com a opinião orgulhosa do Pres. da ACISA). Essa matéria trazia seis colunas, ocupando 413 cm² e foi publicada no dia 05/04/1990.

Se a imprensa local tem como objetivo refletir as pessoas da comunidade, suas reivindicações, suas expectativas, nesse caso, o Jornal *O Nacional* refletiu apenas um segmento da sociedade: o que administra economicamente o

município. Mas, não é assim que ela se vê. F. T., ao expressar o que entende por imprensa local, diz que a busca para abrir espaço para os movimentos sociais sempre foi árdua, e que aos poucos isso foi acontecendo. Com essa afirmação concordam os ecologistas do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas, que viram na jornalista uma porta para a entrada das ideias e das lutas ecológicas dentro do jornal. Seu trabalho sempre esteve dividido entre os interesses da direção do jornal e sua postura profissional como jornalista, como ela mesmo afirma:

Sabe, quando eu comecei, o jornal não tinha uma linha muito definida. Ia por aqui, por ali, me lembro que começou o Movimento dos Sem-Terra... era uma luta para achar um espaço. Aqueles movimentos estavam se organizando e era uma luta para achar um espaço. O CPERGS estava começando também. Mas aí a gente - aos poucos - foi conseguindo, encaixando, encaixando - A gente se desenvolveu como profissional junto com o CPERGS. Muita gente que está no CPERGS hoje, a gente ajudou a projetar, até costumamos dizer: Esse aí foi nós que criamos. Desde cedo. Os movimentos sindicais começaram naquela época - 82 - aquilo começou a ferver mais aqui em Passo Fundo. E... lembro, naquela época era tudo nem sei o que era, era comunista, sabe, o mundo era um *tendel*. Então era muito difícil a gente conseguir um espaço mas aos poucos a gente foi conseguindo. A sociedade mudou, as coisas foram se acomodando, todo mundo foi achando seu espaço. Então, naquela época, o Seu Múcio tinha um editorial, o jornal tinha um editorial, hoje ele não tem. Não sei porque não tem, mas eu também não me meto porque se eu for por uma linha, ela vai ser completamente diferente, não vai ser a linha que está aí. Então, quem tem de escrever é o dono. Embora o jornal acabe indo de *roldão*, não adianta. O que é, é. Não adianta.

Embora continue apregoando uma postura politicamente carreta, embora seja reconhecida entre os movimentos sociais do município como pessoa de postura ilibada, a redatora-chefe de O *Nacional* continua deixando entrever, nas entrelinhas, o sistema capitalista que rege o jornal. A dificuldade para “encaixar” acontecimentos ligados aos movimentos sociais de base, a aceitação de que a notícia vai ser permitida ou não “pelo dono”, assim como seu enfoque também será decidido por ele “se eu for por uma linha, vai ser completamente diferente”.

Das 89 notícias sobre a questão hídrica analisadas - do O *Nacional* - apenas 08 denotam que o jornal foi a campo conferir e pesquisar os dados que divulgou. E, 33, revelam a postura de divulgar os casos a partir de argumentos de entrevistados. Em 34, percebe-se claramente o aspecto de *realese* da notícia, onde o jornal valoriza o trabalho da Prefeitura Municipal, de suas secretarias, dando um enfoque quase partidário aos fatos.

Esse *inconsciente coletivo* de mostrar a versão oficial dos fatos, atinge também o trabalho do O *Diário da Manhã* L. D., jornalista que atua em Passo Fundo no Jornal O *Diário da Manhã* e também no Jornal DCE da Universidade de Passo

Fundo, com passagem pelo Jornal *O Nacional*, em 1993, como chargista e editor do caderno infantil - desse jornal - durante três anos, e também com formação acadêmica em curso, incluiu esse tipo de postura de controle e administração, em sua definição de jornal local:

Os jornais locais são uma forma de *administrar* o município, eles funcionam como administradores do município porque as posturas, as notícias que são divulgadas neles, servem até mesmo para um diálogo entre as entidades, entre os grupos. A importância do jornal local é calçada nesse ponto, já que não se pode esquecer que a imprensa é um dos maiores movimentos que faz com que uma sociedade evolua, você não vai ter a divulgação de determinados assuntos que você tem no jornal local, numa ZH, num Correio do Povo. Portanto, quem vai ler esses jornais locais realmente vai completar, vai ter a oportunidade de completar a coisa mais importante que se tem na leitura, que é a absorção da ideia, e a transmutação para ação porque é uma ação feita do local.

Quanto à relação do jornal com aos órgãos oficiais, como prefeitura, ou órgãos que - de alguma forma tenham ligação com o poder - L.D. estabelece uma relação apaixonada entre o jornal e o município. Talvez confundindo a noção de município como um todo a com sua cúpula administrativa e deixando bem longe termos como objetividade, imparcialidade, veracidade, embora faça uso dos referidos termos:

Na verdade, não existe um *forçamento* da situação, mas...para que a notícia saia, mas existe um orgulho real. Geralmente, solicitam que façam matéria ou então ocorre algum fato, relacionado à Usina de reciclagem das embalagens de agrotóxicos, por exemplo, que faz com que nós procuremos a Prefeitura, é uma ação do jornal, não é uma ação da prefeitura. A prefeitura realiza o fato, mas ela não nos ordena que nós façamos a cobertura, mas sim, existe o interesse tanto, porque existe a comunicação entre o poder executivo e o jornal uma sincera consonância de ideias sobre a importância da usina de reciclagem.

O fato do Movimento Ecológico do Município ser totalmente contra a Usina de reciclagem de embalagens de agrotóxicos do município, pois vê nela um gasto que os cofres públicos não precisariam suportar já que se sabe que há formas saudáveis de se produzir alimentos sem o uso de agrotóxicos e que, se alguém tem de ser responsável por esse tipo de lixo, esse alguém é a própria empresa que o produz, pois ela fica com o lucro apenas - de todo o processo. A consciência de que os cidadãos do município ficam com a saúde abalada e ainda têm de pagar para consumir o lixo que sobra de seu próprio envenenamento, esse fato, para o jornal não parece ser de *consonância de ideias*, então.

Os jornalistas, entretanto, repetem um discurso muito semelhante ao da maioria da sociedade, se confessam partidários da causa, procuram ser imparciais, ouvir todas as partes, mas estão cientes de que se depender de

tomar uma decisão de enfrentamento, isso é com o editor do jornal. L.D., ao comentar um caso polêmico como o caso dos alimentos transgênicos, explica esse comportamento:

No caso da agricultura orgânica, no caso dos transgênicos, nós demos imparcialidade a essas matérias, foi dado liberdade de opinião, inclusive entre jornalistas, internamente, havia opiniões divergentes. Um dos editores do jornal tinha uma opinião favorável aos transgênicos, mas ele não influenciou para que o jornal opinasse sempre favoravelmente a isso, houve uma imparcialidade que foi respeitada. À medida que a sociedade de P F. se manifestou no meio impresso, buscou a imprensa para se manifestar, foi a mesma medida que saíram notícias sobre esses temas. Portanto, a influência desses grupos, a influência dessas pessoas para divulgar fatos foi muito importante, principalmente quanto a ações. O fato de um determinado grupo realizar urna palestra, ou então um seminário sobre o tema, faz com que a gente coloque a postura que foi colocada nesse determinado espaço, respeitando o chamado “animus narrandi” juridicamente falando, ou seja, nós estamos narrando o fato como ele ocorreu. Se o palestrante desse determinado fato se mostrou favorável, nós vamos fazer uma matéria narrando o que os argumentos no qual ele considerou, do qual embasou sua postura favorável e se for contrário, da mesma forma. Nesse caso dos transgênicos, a postura adotada foi basicamente em tomo de argumentos, em torno de argumentos de ambos os lados, mas não de um trabalho investigativo, porque o trabalho investigativo no caso seria bem mais complexo. A EMBRAPA se manifestou, os Grupos Ecológicos se manifestaram, o governo do estado se manifestou, a Universidade se manifestou, palestrantes, seminaristas, inclusive ocorreu caso de uma jornalista de Brasília vir para cá, colhendo informações sobre os transgênicos e elogiando o pessoal que trabalhava na área e nos repassando informações e nos passando dados.

Porém, observando os termos usados pelo jornalista, nota-se que a sensação de ser dono da verdade está implícita no jornal e, por consequência, na fala de seus funcionários: *nós demos imparcialidade (...) foi dado liberdade de opinião*. Ora, só se dá alguma coisa que se *tem*. Então a liberdade de opinião dentro do jornal - percebe-se - é facultativa. Acontece de acordo com a sua vontade e consonância de ideias. E essa consonância de ideias acontece de forma empírica, sob critérios que o leitor jamais vai conhecer, pois a busca de um caráter investigativo, em ambos os veículos, não foi percebida significativamente no âmbito da amostra estudada. *Nesse caso dos transgênicos, a postura adotada foi basicamente em torno de argumentos, em torno de argumentos de ambos os lados, mas não de um trabalho investigativo, porque o trabalho investigativo no caso seria bem mais complexo.*

Das 83 notícias sobre a questão hídrica analisadas - do O Diário da Manhã - apenas 20 denotam que os jornalistas foram a campo conferir e pesquisar os dados que divulgam. E, 56 revelam a postura de divulgar os casos a partir de argumentos, sendo que destas 56, 43 reproduzem os argumentos oficiais.

No exemplo abaixo, os termos (grifados) usados na divulgação da reunião dão a entender o quanto o trabalho da administração municipal é sério e ágil. A oportunidade para colocar o nome do vice-prefeito junto ao do prefeito, parece servir ao fato de que, posteriormente, ele foi candidato à sucessão do prefeito Dipp.

PREFEITURA AGILIZA COBRANÇA DE SERVIÇOS DA CORSAN
Com o objetivo de *agilizar* a cobrança dos serviços que a CORSAN precisa realizar no município para cumprir convênio existente entre o estado e o executivo municipal, estarão reunidos amanhã em Passo Fundo, os técnicos da CORSAN para junto com representantes da Prefeitura definir o programa cronológico de obras a serem executadas.

Em contato com o diretor presidente da CORSAN, Luiz A.C.

o prefeito Airton Dipp definiu a reunião de quarta-feira, quando estarão em P. F. o diretor da divisão de projetos da rede de esgotos da CORSAN e o chefe de projetos da companhia, na oportunidade, vão se reunir com o secretário municipal de obras e viação, Vanderley Borowski, e o responsável pela rede do município, Délcio B. O encontro acontecerá a partir das 15h, na sede da secretaria de obras, quando será definido o projeto da rede de esgoto cloacal em P. F. bem como a implantação das estações de tratamento e bombeamento. Segundo informou o prefeito Airton Dipp, a partir daí a prefeitura estará cobrando *eficazmente* da CORSAN a concretização destes serviços, conforme reza o contrato entre as duas partes. Em caso de os trabalhos não serem feitos, a prefeitura poderá a qualquer momento, via judicial, tomar para os trabalhos da CORSAN no Município.

Com esse encontro, a prefeitura (administração Dipp - Salton) começa a cumprir o que foi prometido na campanha eleitoral, isto é, fazer com que a CORSAN realize os serviços necessários para a comunidade (DM - 15/03/89, p. 05).

Outro exemplo, mais atual, trata-se do fato da prefeitura estar canalizando o riacho da BRAHMA. Ao invés de verificai as verdadeiras causas de um riacho estar poluído e misteriosamente ganhar o nome da empresa que atua nas suas margens, ou ainda, se essa medida seria a mais correta no caso da poluição, o jornal utiliza expressões como *diminuir a possibilidade da população contrair doenças*, e mais, diz que com esse trabalho a prefeitura estaria *beneficiando* outras vilas também. E conclui com o depoimento do arquiteto Bedin - representante da prefeitura na ocasião: *É mais um trabalho da administração Dipp/ Salton em termos de saúde pública, pois muitas doenças serão evitadas com esse trabalho.* DM 27.06 .92.

Uma coisa se comprova, realmente, a partir da observação das amostras, que a imprensa, na pessoa de seus jornalistas, tenta inserir as causas ambientais na pauta do jornal. Porém, o que a militância da ONG sente é, que, quando o poder econômico está envolvido diretamente com os fatos, o jornalista volta a ser um simples funcionário do jornal e quem manda é a administração que, por também fazer parte do poder econômico forte do município, publica apenas o que quer Hoffman, ao citar um fato gravíssimo acontecido recentemente em

Passo Fundo envolvendo água, ecologia e dinheiro, comprova a postura da imprensa local:

Sempre que nós, do GESP, precisamos de cobertura da imprensa com relação a ações em prol da conservação da água, nós tivemos, mas, ao ter de confrontar o poder econômico, aí naturalmente a imprensa do interior fica ao lado do poder econômico. Por exemplo, no caso da instalação do Shopping Bourbon, da Cia Zaffari, que está foi construído dentro da área que deveria ser de preservação de mata ciliar do rio Passo Fundo. Há uma área que todo rio tem de ter pois ele sempre terá excesso de água em alguns momentos, sairá água para fora, então, ele sempre tem de ter essa área. É uma área que pertence ao rio. Além do que, é lei, é legal, todos os rios devem manter uma mata ciliar de tamanho variável segundo a largura do rio. E no caso do lado do Bourbon, a largura teria de ser de 30 metros. Isso não foi cumprido apesar de todos os esforços dos ecologistas. E a imprensa ficou ao lado do poder econômico e não ficou do nosso lado, a visão dos ecologistas foi suprimida das páginas dos jornais. Em relação a esse tipo de situação, nós temos uma dúvida muito grande, porque quando se trata de enfrentar o poder econômico forte, a imprensa poderá não estar do nosso lado, como já aconteceu, ou seja, não estar do lado da preservação ambiental. Mesmo quando isso é uma questão legal.

O mais lamentável em relação ao caso Bourbon é que ele foi instalado na frente da Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Por esse prédio passam diariamente as pessoas mais influentes e atuantes da cidade. No mesmo terreno da Prefeitura Municipal fica instalada a Câmara dos Vereadores. Todos esses importantes segmentos da sociedade passam por cima do rio Passo Fundo pelo menos umas quatro vezes por dia, visto que para chegar a Prefeitura tem de ter acesso pela ponte. O ponto onde o Shopping foi instalado foi exatamente o ponto que deu origem ao nome da cidade: O “Passo” por onde os tropeiros passavam.

4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS⁵²

A conclusão desse trabalho, apesar de óbvia, não é simples. A imprensa local comporta-se como uma mediadora entre os variados segmentos da sociedade, procurando integrá-la em uma noção de comunidade, mas, também, tenta manter sua sobrevivência como empresa, num sistema de capital que não respeita os recursos naturais e tampouco tem compromisso com as gerações futuras. É isso. É óbvio, mas não é simples. Ao avaliar-se a rede de conceitos que permeia essa conclusão, se vê que ela está repleta de labirintos e vielas que podem matar seres vivos no Brasil todo. Isso é possível, porque a imprensa local de Passo Fundo, representada nessa pesquisa pelos Jornais O Diário da Manhã e O Nacional, desenvolve ações muito semelhantes às de seus parceiros jornalísticos de todo o país. Em linha geral, a imprensa é comprometida. Esse comprometimento não surpreende, mas entristece. A grande maioria da população brasileira acompanha os fatos do país pela sua imprensa. Na cidade, a população acompanha os fatos pela imprensa local. Expressões como: *É verdade, deu no rádio*. Ou ainda: *É verdade, eu vi no Jornal*, estão presentes no dia a dia do cidadão comum. O que a imprensa faz, entretanto, é trair o seu consumidor, veiculando matérias que passam por uma avaliação de ideologia, valores pessoais e, até mesmo, de preço. O estabelecimento de uma comunicação eficiente e de cunho social, como é esperado, não tem acontecido. A informação se perde nos labirintos do poder econômico e do poder político. A pequena esfera de nossa casa - a Terra - que nos cabe: que é o município, trilha uma corrente de vaidades, enquanto o desmando corre entre vilas, pobreza, doenças, prostituição, fome.

O jornalismo local não amadureceu como deveria. Embora jovem, e cada vez mais bonito, atribui-se funções como “dar espaço”, “apoiar” pessoas, “ficar do lado de uma causa”, “dar imparcialidade”, como se fosse dono do espaço, da verdade, do direito à voz. Talvez, no interior, o jornal seja dono, não da verdade em si, mas da apresentação desta às pessoas; mas o desmando tem limites e há coisas que não se consegue deter. Não se detém os fatos, as consequências deles, porque o jornalista é um emissor falando para um grande número de receptores que não param, e, principalmente, porque sua matéria prima é a vida e essa é implacável. A destruição dos ambientes naturais em Passo Fundo não são culpa da imprensa. Ela é culpa do crescimento desordenado da cidade, das administrações voltadas para os enfeites, para as perfumarias e não para os serviços essenciais da cidade. Enquanto a Prefeitura Municipal enfeita os canteiros com florezinhas roxas, amarelas e vermelhas, o Rio Passo Fundo passa podre do lado dela, carregado de um caldo de lixo e sujeira, manchando

⁵² Considerações finais da Dissertação de Mestrado, datada de 2000.

a história dessa cidade. A culpa da destruição dos ambientes naturais de Passo Fundo está no urbanismo desenfreado, na omissão dos seus moradores que continuam desenvolvendo uma característica de seus primeiros conhecedores, a passagem. Os moradores de Passo Fundo se comportam como se estivessem de passagem por essa terra e por seus recursos vitais.

A imprensa de Passo Fundo não é culpada por isso, mas tem se mantido conivente. Enquanto a Prefeitura Municipal divulga nos dois principais jornais locais uma sucessão de canalizações de riachos e sangas que cruzam a cidade, para esconder seu mau cheiro e sujeira, a imprensa limita-se a divulgar os *releases* da Prefeitura, justificando a ação do prefeito e seus secretários, valorizando-os para uma próxima eleição. Isso não é sujar o rio, mas é afiançar, avalizar alguém para que o faça. O princípio investigativo da imprensa perde para as reportagens baseadas em depoimentos. A busca de informações referenciais, concretas, que forneçam ao indivíduo que lê, a possibilidade de formar uma opinião diante dos fatos não está presente na maior parte das matérias analisadas. A informação como base para uma evolução social, histórica da humanidade como um todo, partindo da realidade local, perde para notícias sobre pessoas notáveis, que correspondem, em linha geral, à cidade que o jornal gostaria de ter. A antítese, a dialética servem apenas para distinguir bons e maus. Os bons (lê-se notáveis) estão nas páginas sociais e os maus (lê-se “anônimos”) estão nas páginas policiais - e a ecologia aparece apenas quando não for afetar nenhuma das estruturas que dão sustentação ao jornal enquanto empresa, ou quando a força da militância obriga. Ou seja, a causa ecológica não faz parte do universo do jornal. É como se não lhe dissesse respeito. Ela é apenas mais uma coisa. Ora, a causa ecológica não é apenas mais uma coisa, ela é a base da nossa vida, e o jornalista pode trabalhar com isso, construindo seu discurso num enfoque correto. Não apenas aumentando a quantidade de notícias sobre a questão, mas aprofundando-as, buscando a verdade dos fatos e fazendo seu papel de transmissor de verdades. Mesmo que a verdade humana seja uma espécie de construção, a verdade da natureza não o é. Ela tem um ciclo e esse ciclo foi totalmente quebrado.

A ética, a imparcialidade não são algo que o jornalista possa “dar” à comunidade. São algo que deveria estar implícito no radical da palavra, na cartilha da profissão. Um jornalista “abrir espaço”, significa o mesmo que um cidadão seja mais ou menos honesto. Ser honesto, às vezes, apenas.

Os dois jornais pesquisados apresentaram rigorosamente o mesmo perfil. Apresentam as matérias sobre meio ambiente, em sua maioria, enfocando as atividades que a Prefeitura efetua nos bairros. A imprensa faz denúncias sobre abusos do ser humano contra a natureza e, por consequência, contra si próprio, apenas quando essas denúncias caem no caos, no vácuo. Quando elas apontam o cidadão, a população. É a população que suja a rua, é a população que canaliza

seus esgotos para dentro dos rios, é a população que desmata as últimas reservas de mato nativo do município para construir casas. Como se a população não tivesse atribuído aos segmentos dirigentes do município a responsabilidade de prover recursos- a esses que não os têm - para que não precisem jogar coisas no rio. Para que tenham saneamento básico, infraestrutura, coleta seletiva de lixo, escola, alimentação e informação da melhor qualidade.

Temos aí a complexidade de uma conclusão simples. A mediação que a imprensa local faz entre os mais variados segmentos da sociedade depende de quais os segmentos que estão envolvidos. A comunidade que a imprensa tenta mostrar é uma comunidade imaginada, construída na imaginação dos que já descobriram que podem usar os veículos locais como forma de se projetar socialmente - e mais, o jornalista do interior, como um diarista da palavra e da verdade, sabe, no seu íntimo, que é um funcionário como qualquer outro que faz parafusos, por exemplo. Ele trabalha numa empresa que tem por objetivo o capital. A diferença entre o funcionário que faz parafusos e o que faz notícias, entretanto, é que se o parafuso não der o efeito esperado na máquina para qual se destina, pode-se substituí-lo por outro. Porém, a informação, depois de divulgada de forma inadequada, dificilmente poderá ser recolhida e substituída por outra, pois em termos de relações humanas, tudo é demorado, depende de conceitos de valores e de disposição. Ao contrário da natureza. A omissão de informações ecologicamente corretas nos jornais podem trazer, rapidamente, estragos irreversíveis. E, na natureza, irreversível significa a morte para as gerações futuras.

Ao concluir esse trabalho, portanto, o saldo é positivo em alguns aspectos e negativo em outros. Positivo, pois a hipótese de que a articulação do GESP-AT teria desencadeado um processo de “ecologização” na imprensa local foi parcialmente comprovada. Essa atuação, não converteu os periódicos em militantes ecológicos, mas inseriu o tema nas suas pautas de forma incisiva. Houve, também, um aprofundamento da discussão das questões ecológicas, trazendo uma certa consciência aos jornalistas que atuam no mercado da imprensa local. Já, o aspecto negativo foi que, nem os militantes do GESP-AT, nem esses jornalistas, enquanto indivíduos, conseguiram alterar a raiz dos problemas ambientais do município, pois ela reflete um mecanismo estrutural mais amplo, econômico, cultural e político, que administra a cidade, seguindo padrões de consumo que, atrelados ao sistema capitalista vigente, não respeitam a legislação de proteção ao meio ambiente e ao ser humano, como consequência.

4.7 BIBLIOGRAFIA⁵³

ACOSTA, M. J. R. Lá historia de la comunicaci3n social en 3mbito universit3rio: objeto, fundamentos y problemas. *In: Comunicacion y Sociedad*, n° 2, 1997.

AGAPAN - Associa3o Ga3cha de Prote3o ao Ambiente Natural **Ainda estamos em cima da 3rvore**. Porto Alegre, RS. Documento distribuído no XIX Encontro Estadual de Entidades Ecol3gicas, em S3o Borja, RS, em maio de 1998.

ALBERT, P; TERROU, F. **Hist3ria da Imprensa**. S3o Paulo: Martins Fontes, 1990.

ARNT, R. Imprensa discrimina o meio ambiente. *In: Mata Atl3ntica*. relato do laborat3rio ambiental para imprensa, realizado no Vale do Ribeira-SP - S3o Paulo: SOS-Mata Atl3ntica/Funda3o Konrad Adenauer, 1994.

3VILA, N. E. d'. Imprensa Passo-Fundense. *In: Jornal O Cidad3o*, Passo Fundo: 31 de outubro de 1997.

3VILA, N. E. d'. **Passo Fundo terra de passagem**. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.

3VILA, N. E. d'. Professores, escolas e ensino em Passo Fundo no s3culo XIX. *In: Jornal O Cidad3o*, 06 a 12 de mar3o de 1998.

BARRETO, R. M. **Criatividade no trabalho e na vida**. S3o Paulo: Sumus, 1997.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semi3tica do texto**. S3o Paulo: 3tica, 1990.

BELTR3O, L.. **Imprensa inform3tica**. t3cnica de not3cia e da reportagem no jornal di3rio. S3o Paulo: Polco Masutti, 1968.

BOSI, A. Plural, mas n3o ca3tico. *In: Bosi, A (org.), Cultura Brasileira*. Temas e situa3es. S3o Paulo: 3tica, 1987, 7 a 15p.

BRAND3O, C. R. **A pesquisa participante**. S3o Paulo: Brasiliense, s/d.

BREDARIOL, C.; LISZT, V. **Cidadania e pol3tica ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

C3DIMA, F. R.. **Hist3ria e cr3tica da Comunica3o**. *Edi3es S3culo XXI*, Lisboa, 1996.

CALDAS, G.. Jornalistas e cientistas devem atuar em conjunto. *In: Laborat3rio Ambiental de Jornalismo Imprensa e Pantanal*. Campo Grande: UFMS/Konrad Adenauer, 1997.

CHANILER, P. **Radiojornalismo**. S3o Paulo: Summus, 1998.

CHESNEAUX, J. **Modernidade - mundo**. Petr3polis: Vozes, 1989.

⁵³ Bibliografia da Disserta3o de Mestrado, datada de 2000.

CONFERÊNCIA da Cúpula da Terra: Rio de Janeiro, 1992.

CORNÉLIO, P. F. de O. O rio e a cidade. *In: Informativo do GESP-AT Bicho do Mato*, n.º 1, maio de 1991.

CRUZ, D. M.. **Televisão e negócio a RBS em Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1996.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DECLARAÇÃO sobre o ambiente humano. Estocolmo: 1972.

DeFLEUR, M. L. **Teorias de comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DINES, A. **O papel do jornal:** uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.

DINES, A. **O papel do jornal.** tendências da comunicação e do Jornalismo no mundo em crise. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

DOWBOR, L.. Espaço local, atores sociais e comunicação. *In: Comunicação e Meio Ambiente*, Coleção Intercom n º 5, São Bernardo do Campo: IMS-FCS, 1996.

DUBOS, R. **O despertar da razão.** São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1972.

FERNANDES, A. M.. **A construção da Ciência no Brasil e a SBPC.** Brasília: UnB, 1990.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto leitura e redação.** São Paulo: Ática, 1995.

FÓRUM de ONGs Brasileiras. **Meio ambiente e desenvolvimento:** uma visão das ONGs e dos movimentos sociais brasileiros. Rio de Janeiro: Fórum de ONGs Brasileiras, 1992.

FOUCAULT, M.. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GINDRÉ, G.. O papel da comunicação nas sociedades em crise. *In:* página da Web do **Observatório da Imprensa.** Disponível em: <http://www2.uol.com.br/observatorio/artigos/pb050/2000.htm> -09.07.00.

INFORMATIVO on Fórum Global 92, n º.6, fevereiro, 1992, 6p.

KAY, P.. **O desafio da comunicação nos movimentos sociais.** Suzana: abreOlho, 1999.

KELLY, C. (relator). **Plano do Currículo de Comunicação.** Documento, n º. 105 Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, 1969, 99-1 17p.

KOTECK, L. M.. **Conhecendo o Rio Grande do Sul.** São Paulo: Ática, 1996.

LAGE, N.. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Ática, 1985.

LAGO, A.; PÁDUA, J. A. **O que é ecologia.** São Paulo: Brasiliense, 1985, 108p.

- LEÃO, S. de I. *at alli*. 1º Seminário internacional de Jornalismo & Meio Ambiente. *In: Revista Imprensa*. São Paulo: Imprensa Editorial, 1998.
- MAINGUENEAU, D.. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MARQUES DE MELO; FADUL; SILVA, L. da. **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez /INTERCOM, 31-41p.
- MARQUES DE MELO; FADUL. Fragmento do capítulo 02 do trabalho apresentado pelo autor, em 1975, ao Seminário Nacional sobre Estrutura do ensino de Comunicação, realizado em Águas de São Pedro (SP) promovido pela ABEPEC, sob o patrocínio do DAU-MEC.
- MARQUES DE MELO. Fragmento do texto da exposição oral apresentada ao painel “**20 anos de ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas**”, atividade integrante do XX congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM, na cidade de Santos/SP, no dia 04 de setembro de 1997.
- MARTIN, H-J. A imprensa. *In: Raymond Willians História de la comunicaci3n*. Barcelona: Bosch Comunicacion, 2ª ed., 1992.
- MEG - Movimento Ecol3gico Gaúcho. Histórico do Movimento Ecol3gico Gaúcho. *In: Relatório do XVII Encontro Estadual de Entidades Ecol3gicas*, realizado em Passo Fundo, RS, de 15 a 17/03/1996.
- MILANESI, L. A. **O Paraíso via Embratel**: o processo de integraç3o de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- NOVAES, W.. A contabilidade ambiental. *In: Mata Atlântica e imprensa: relato do laborat3rio ambiental para imprensa realizado no Vale do Ribeira-SP*. São Paulo: SOS-Mata Atlântica/Fundação Konrad Adenauer, 1994.
- ORTIZ, R.. **A moderna tradiç3o brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988, 21 3p.
- OS DISCURSOS jornalísticos**: manchete, reportagem, classificados & artigo. Itajaí: Ed. Da UNIVALI; Maringá: EDUEM, 1999.
- PEREIRA, E.. Ecologia na vitrine. *In: Meio e Mensagem*. 22.06.1998.
- PERUZZO, C. K.. **Comunicaç3o nos movimentos populares a participaç3o na construç3o da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- QUEIROZ, A.; NEGRI, A. C. F. de, (orgs.) **A história da imprensa em Santa Bárbara d’Oeste**. Santa Bárbara d’Oeste: Socep, 1998.
- RAMOS, L. F. A.. **Meio ambiente e meios de comunicaç3o**. São Paulo: Annablume, 1995.
- RIBEIRO, J. C.. **Sempre alerta**: condiç3es e contradiç3es do trabalho jornalístico. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- RIFFE, D. *et al.* The effectiveness of Randon, consecutive day and constructed week newspaper sampling in newspaper content analysis. **Jornalism Quartely**, v. 70, n^o.1, Spring, 1993, 133-139p.
- SILVA, M. J. S.. **Comunicação e Meio Ambiente tratamento das questões ambientais pelos jornais "Gazeta" Vitória - ES**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1994.
- RIO Grande's, <http://www.riogrande.com.br/ecologia>, **Infomídia Produções**, [s.l].
- ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SCHINKE, G. **Correspondência enviada ao GESP-AT com relato de pronunciamento na Câmara Municipal de Porto Alegre - RS**. Recebida em 05.09.1991. Seis laudas.
- SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- THIOLLENT. M. J.M. **Crítica metodológica, investigação social & enquete operária**. São Paulo, 1987.
- THOREAU, H. D.W. Apud Michell Stephens. *In: Meios aperfeiçoados para um fim inalterado (o rádio): História das Comunicações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- TRANSFORMAÇÕES do jornalismo Brasileiro: Ética e estética**. São Paulo: INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Preliminares, 1994, 1 70p.
- TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.
- UNGER, N. M. (Org.) **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola, 1992.
- VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso comprehension, estructura y producion de la información**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.
- VOICES and values. **Television Stations in the community**. New York: Television Information Office, 1984.
- WILLIANS, R.. **The long Revolution**. Longmans, 1969.

4.8 ANEXOS⁵⁴

Ficha para registro de dados sobre o conteúdo dos artigos

Jornal:.....	Ano:	Numeração da notícia: ____
Data: _____	Dia da semana: _____	
Localização: (nº da pág./ localização na pág.) _____		

Cm ₂ :.....	nº de colunas: _____	Chamada na capa: S/N
C/ foto (identificai a posição da foto) ou s/ foto:		

Mat. assinada: S/N	Nome: -----	_____

Síntese de conteúdo (GESP-AT, questão hídrica do município e região, tratamento do		

⁵⁴ Anexos da Dissertação de Mestrado, datada de 2000.

Roteiro de perguntas para os ambientalistas

O Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas tem duas histórias de fundação para contar. Uma é contada da seguinte forma: um professor da Universidade de Passo Fundo, deu um trabalho de pesquisa para os universitários e a avaliação seria sobre as palestras que eles fariam nas escolas sobre os assuntos pesquisados. A partir daí, os universitários começaram a gostar do trabalho e resolveram começar a se reunir, vindo a constituir a entidade ecológica mais adiante. A outra versão diz que algumas pessoas da sociedade já estavam levando estas discussões em alguns grupos e, incluindo o trabalho dos universitários, vieram a constituir legalmente a entidade.

1. Como surgiu a entidade Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas?
2. Em que ano extra-oficialmente?
3. Quem eram os primeiros militantes?
4. Onde funcionou antes de estar na sede atual?
5. A ação da entidade ecológica integrou sua luta a questões políticas nacionais? Quando?
6. A entidade procurou interferir em alguma política pública de meio ambiente, Modificando ou dando suporte para formação de opinião, legislação ou atos oficiais? Quando e quais?
7. A entidade fez alguma aliança ambientalista com partidos políticos, movimentos sociais de base, entidades empresariais, outros?
8. Quando?
9. Quais?
10. Das primeiras ações, o que foi mantido atualmente e o que foi descartado? Por quê?
11. Como a ONG tem se posicionado em relação aos governos municipais:
() com autonomia. Explique:
() com dependência econômica. Explique:.....
() dependência político-partidária. Explique:.....
() com postura crítica e fiscalizadora. Explique:.....Outras:
12. Em algum momento a entidade uniu experiências de preservação ambiental e alternativas de auto sustentação sócio-econômica? Não () Sim () Quais?
13. Como a entidade fez para popularizar o discurso ambientalista?
14. Quais os instrumentos que a ONG usa / usou para se comunicar com a sociedade.
15. *Como tem sido a relação entre a imprensa e o GESP durante sua trajetória de atuação?

* Se o militante ainda estiver atuando com a entidade.

16. *Como foi o início da relação entre a imprensa e o GESP-AI?

* Se o militante estiver afastado

17. Por que a entidade mantém um arquivo com as matérias publicadas sobre ela? Como e quando isto começou?

18. Por que a entidade inclui em seus estatutos a relação com a imprensa como algo importante para a sua atuação?

19. Deixe registrado algum comentário importante para a elucidação da trajetória da entidade em contato com a imprensa local, que você acha que não foi abordado por essa entrevista.

Roteiro de perguntas para os jornalistas

1. Cite seu nome, formação, órgão de imprensa que atua
2. Cite um breve histórico do jornal (jornais) em que atua, tempo de fundação e participação na comunidade dessa empresa.
3. O jornal aborda as questões ecológicas com frequência? Sim () Não ()
Por quê?.....
4. A poluição causada por agrotóxicos, por exemplo, o senhor enquadraria como:
() um caso de abuso por parte do homem sobre a natureza.
() um caso de agressão ao homem através do mau uso da natureza
5. Quando o jornal publica notícias que denunciam problemas ecológicos, o seu leitor se comporta de que forma:
() não se manifesta () expressa opinião sobre o assunto abordado
() mantém contato com os editores, fazendo comentários favoráveis a posição do jornal
() mantém contato com os editores fazendo comentários desfavoráveis.
6. O que os leitores pedem para o jornal abordar com mais frequência?
7. O seu assinante ou leitor pede ou exige notícias que abordem as questões ecológicas?
8. O jornal tem divulgado a atuação de alguma ONG ecológica da cidade em suas páginas?
() sempre () às vezes () raramente () nunca
9. Em algum momento, as manifestações desse tipo de ONG influenciou em alguma publicação do jornal? () Sim Citar um caso concreto:
() Não Por quê?
10. Como o senhor vê o papel dos ecologistas levando pautas ecológicas para o jornal?
11. O jornal tem alguma pessoa especializada sobre a questão ecológica?
12. Na sua opinião, o que é imprensa local, qual sua principal função?
Deixe registrado algum comentário importante para a elucidação da trajetória da imprensa local em contato com a questão ecológica, que o senhor acha que não foi abordado por essa entrevista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (2026)

Ana Carolina Martins da Silva

Quebrando os pratos com a ABNT, vou fazer nestas considerações finais tudo o que não pode. Primeiro, vou citar um novo texto para reflexão; em segundo, terminar com uma poesia. Para esta obra que transporta uma outra obra, como se fora uma máquina do tempo, fiquei pensando no que não tinha falado ainda, no que meus convidados não tinham falado ainda, e resolvi voltar às minhas origens, indo ao site da Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo/SP). Naveguei livremente e ancorei na Revista “Comunicação & Sociedade”, que tanto me deu suporte para os estudos no Mestrado (1998/9). Fui ao editorial, para saber o que se estava falando nela em dezembro de 2025⁵⁵, data da publicação que consta no site. Diz o seu Editorial:

Mais que resultados de pesquisas e produção do conhecimento, esses artigos revelam, entre outras características, a efervescência da produção da ciência na área da Comunicação Social, modos de trabalho (estudos desenvolvidos em parcerias e redes nacionais e internacionais de pesquisadores) e, principalmente, inovações teóricas-metodológicas. Outro ponto de destaque é a diversidade de temas pesquisados, o que tende a revelar a amplitude e riqueza do nosso campo de pesquisa.

Fui tomada pela mesma emoção que senti, quando conheci a Profa. Dra. Cílicia Peruzzo! Minha orientadora do Mestrado. Aquela expressão “a efervescência da produção da ciência na área da Comunicação Social”, mais a conclusão do parágrafo: “tende a revelar a amplitude e riqueza do nosso campo de pesquisa.” fizeram com que eu me reportasse ao entusiasmo do meu estudo com os jornais do GESP, ou, os jornais que o GESP guardava. Eu fiquei tão feliz, quando pude dar um significado para aquele acervo, principalmente por ser em jornal. Outro dia, organizando meus papéis, para descarte, achei exemplares de “O Vigilante” Jornal que fizemos no Colégio Estadual de São Borja (CESB), quando éramos jovens e estudantes. Ulisses Almeida Nenê era o Diretor do

55 Editorial da Revista Comunicação & Sociedade / 2025. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/comunicacaosociedade/article/view/2161/1607>.

Jornal, do alto da sua segunda série do segundo grau, em 1979. Atualmente, Ulisses é jornalista de verdade! Fiz parte da Edição do Bicho do Mato (Jornal do GESP) também, no começo. Nas pesquisas que coordenei na Uergs (2023 a 2025), sobre o Letramento de Percurso⁵⁶, termo que cunhei no meu doutorado, utilizamos os arquivos do CDI/CEDOC da Zero Hora⁵⁷. Eu gosto de jornal. Porém, é um amor que fui escondendo, por conta destas questões negativas que percebi, à medida que fui amadurecendo.

Entretanto, ao ler um dos artigos da Revista Comunicação & Sociedade (2025), para me atualizar nas *efervescências*, encontrei: *O que podemos construir?* como uma das reflexões importantes da abordagem do *Desvio Positivo*. Ela está no texto: “Letramento midiático, educação ambiental e tecnologias intermediárias em escolas primárias angolanas: Testando uma abordagem do desvio positivo” de Bujokas de Siqueira, A. (UFTM, Brasil), Lino de Sousa, L. (Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul, Angola) e Berardi, A. (Escola de Engenharia e Inovação da The Open University, Reino Unido)⁵⁸ (2025). Os pesquisadores relatam essa abordagem, como um teste para promover “o letramento midiático, educação ambiental e uso de tecnologias intermediárias em escolas primárias angolanas”. A pesquisa investigou como soluções locais e inovadoras podem melhorar o ensino e a conscientização em contextos de recursos limitados. Tirando a beleza da recolha de dados históricos, de resgate de cidadania, que estão presentes no texto, o qual recomendo firmemente para leitura, eu queria trazer esse conceito de “desvio positivo”. Segundo os autores: “Ao invés de se concentrar em problemas e comportamentos negativos, examinados por especialistas de fora, as ações mudavam o foco, alterando o discurso.” Para melhor esclarecer, eles montam um quadro, que replico aqui:

56 SILVA, A. C. M. **Letramento de percurso**: uma concepção de letramento inspirada em escritas do PIBID. Itapiranga : Schreiben, 2021. Disponível em: <https://www.editoraschreiben.com/livros/letramento-de-percurso%3A-uma-concep%C3%A7%C3%A3o-de-letramento-inspirada-em-escritas-do-pibid>. Acesso em 05 de março de 2026.

57 **Informações de Contato (Grupo RBS/Zero Hora)** - O CEDOC faz parte da infraestrutura da redação, localizada na sede do Grupo RBS: **Endereço**: Av. Ipiranga, 1075, Azenha, Porto Alegre - RS, CEP: 90169-900.

58 Bujokas de Siqueira, A., Lino de Sousa, L., & Berardi, A. (2025). Letramento midiático, educação ambiental e tecnologias intermediárias em escolas primárias angolanas: Testando uma abordagem do desvio positivo. *Comunicação & Sociedade*, 47, e2025-004. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v47.pe2025-004>.

Quadro 1: Reprodução do Quadro 1 de Bujokas de Siqueira, A., Lino de Sousa, L., & Berardi, A. (2025), p. 6.

Quadro 1. Abordagem tradicional orientada por especialistas de fora versus abordagem local de Desvio Positivo

ABORDAGEM TRADICIONAL	DESVIO POSITIVO
Quais são suas necessidades?	Quais são os seus pontos fortes?
O que está errado?	O que está funcionando aqui?
O que precisamos que nos seja fornecido?	Quais são nossos recursos?
O que falta na comunidade?	O que é bom na nossa comunidade?
O que gostaríamos de ter?	O que podemos construir?

Fonte: Elaborado pelos autores.

C&S – São Bernardo do Campo, v. 47 • jan.-dez. 2025 p. 6

Fonte: *printscreen* da autora (2026), do quadro de Bujokas *et al.* (2025).

Analisando a abordagem que eles chamam de Tradicional (*de especialistas de fora*) e o Desvio Positivo (*abordagem local*), penso que ONGs como o GESP, criaram uma terceira via de relacionamento com a mídia em geral e com a mídia própria, a sócio-político-cultural, que soma essas abordagens, inclusive, em um de seus bordões: “Agir localmente, para mudar globalmente”.

Quadro 2: soma das duas abordagens citadas pelos autores, comparando-as com a terceira via criada por ONGs do perfil do GESP.

ABORDAGEM SÓCIO – POLÍTICO - CULTURAL
Quais são as suas necessidades? + Quais são os seus pontos fortes? 3ª. Via: Manutenção da ideia do acolhimento e acréscimo da avaliação participativa: Quais são suas forças / fraquezas / oportunidades / ameaças (nos moldes da Matriz Swot⁵⁹), sem deixar de fazer análise de conjuntura.
O que está errado? + O que está funcionando aqui? 3ª. Via: Discussão sobre questões sociais e econômicas de raiz: classes sociais, ideologias, poder; somadas ao autoconhecimento do grupo: “Nem aos camponeses, nem a ninguém, se persuade ou se submete à força mítica da propaganda, quando se tem uma opção libertadora. Neste caso, aos homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem também criticamente, sobre ela. ⁶⁰ ” FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
O que precisamos que nos seja fornecido + Quais são nossos recursos? 3ª. Via: Discussão sobre as responsabilidades do Estado Democrático de Direito para com as populações e sobre quais as condições de autossuficiência dos locais.
O que falta na comunidade? + O que é bom na nossa comunidade? 3ª. Via: Novamente, entra a avaliação participativa, no estilo da Matriz Swot .
O que gostaríamos de ter? + O que podemos construir? 3ª. Via: Levantamento das necessidades do grupo em diagnóstico. Para se saber o que se precisa construir é preciso conhecer e conhecer-se.

Fonte: a autora (2026).

59 Análise SWOT: o que é e como fazer. Disponível em: <https://www.espm.br/blog/analise-swot-o-que-e-e-como-fazer/>. Acesso em 28 de fev. de 2026.

60 Sic.

Em grande parte, o GESP e ONGs como ele envolvem-se com a política. Fazem campanhas por leis, abaixo-assinados, pressão política a vereadores, deputados, prefeitos; está em comissões organizativas, Conselhos de Meio Ambiente. É um ativismo social, mas intervencionista também.

No texto mencionado, os autores continuam apresentando pontos importantes para dar suporte ao seu objetivo geral: *criar e testar um projeto piloto de mídia educação em diálogo com a educação ambiental sustentada nas soluções próprias da comunidade para escolas do Ensino Primário de Angola*. Bujokas de Siqueira, A., Lino de Sousa, L., & Berardi, A. (2025, p. 10.), porém aqui nos separamos, porque preciso fechar o livro. Apenas por isso, não vou apresentar todo o texto, mas não posso deixar de ficar impressionada com as situações socioambientais que citam:

Entre os (muitos) desafios socioambientais destacados pelos professores e membros da comunidade presentes na vivência inicial, foram selecionados oito para serem abordados nos workshops: queimadas irregulares, poluição e escassez de água, acúmulo de lixo sem tratamento, falta de latrinas para os alunos, derrubada descontrolada de árvores, evasão escolar para trabalhar na lavoura ou por gravidez precoce, depredação das escolas que são ocupadas no período noturno e nos finais de semana provavelmente para lazer com consumo de álcool, falta de mobiliário e recursos pedagógicos para as salas de aula e infestação de morcegos. Bujokas de Siqueira, A., Lino de Sousa, L., & Berardi, A. (2025, p. 11.).

É também extremamente relevante e emocionante a realização prática da pesquisa, quando foram realizados *workshops* (2023), *em quatro sessões de quatro horas cada, para 37 professores da sexta classe da educação primária, das quatro escolas participantes*. Segundo o relato, *as atividades aconteceram em uma sala de aula de uma das escolas, equidistante das outras três, para facilitar a locomoção dos participantes*. Eles apontam que *essa era a única escola com energia elétrica e sala de aula adequadamente mobiliada*.

Ao longo dos quatro encontros, foram realizadas discussões iniciais sobre o aporte do desvio positivo, o uso de tecnologias intermediárias, os objetivos da mídia-educação e como encontrar soluções próprias da comunidade. Essas conversas iniciais duravam cerca de uma hora e eram conectadas com o currículo a todo momento. As três horas restantes eram dedicadas ao estudo das linguagens midiáticas abordadas (rádio, fotografia e vídeo) e a uma atividade de produção em grupo. Bujokas de Siqueira, A., Lino de Sousa, L., & Berardi, A. (2025, p. 13).

Trabalho de gigante, com persistência de formiguinha. Como conclusão do texto, dizem os pesquisadores: *Concluímos[...]: a proeza está em promover comunicação autêntica pela educação, não importa se o contexto é **high**⁶¹ **tech** ou **low tech***. Bujokas de Siqueira, A., Lino de Sousa, L., & Berardi, A. (2025, p. 17.).

61 Sic

Quando terminei de ler o texto, pensei: todo amor é uma forma de resistência. Este trabalho realizado em um lugar onde a degradação parece estar vencendo a educação faz todo o sentido. Faz sentido ser focado na mídia, na mídia educação e na mídia local. Eu acredito nisso também, mas também acredito que a grande mídia, a dita corporativa, comercial e de grande alcance tem de fazer sua parte. Hoje, faz bem mais do que antes, com mais beleza e persistência, mas ainda precisa melhorar, precisa apontar o grande X do problema – que é o tal do sistema econômico vigente – o capitalismo. Enquanto não mexer nas fórmulas e nos preceitos capitalistas, vamos fazer coisas importantes, fundamentais, mas dificilmente vamos mudar a raiz das coisas. O capitalismo precisa de milhares de pessoas em desespero, para ter mão de obra barata, garantir compra de terra a preços irrelevantes e outras pseudovitórias financeiras. Abordei este tema no capítulo 6 do meu livro sobre o Letramento de Percurso, que é a reprodução da minha tese de doutoramento. Não tenho como fazer uma fala mais analítica ou aprofundada sobre o capital aqui, mas recomendo fortemente leituras que atualizem e discutam os estudos de Karl Marx, trazendo críticas sobre sofrimento psíquico da classe trabalhadora, desigualdade, social e crise climática mundial. Falando em informação, Plataformas como as ligadas ao ICL – Instituto Conhecimento Liberta⁶² são uma excelente opção.

Bem, comecei dizendo que iria quebrar os pratos com a ABNT, citando uma informação nova, com reflexões e citações nas Considerações Finais. A ideia era fechar o livro como um todo, incluindo o abordado por meus ilustres e amorosos convidados e o texto de minha dissertação de Mestrado, tanto de forma teórica, quando de forma memorialística, já que viemos intercalando experiências autobiográficas com conceitos de biocentrismo, sustentabilidade, mídia local, jornalismo ambiental, ecologia e, por fim, resolvi incluir considerações sobre o conceito de *Desvio Positivo* e essa experiência linda de Angola. Como disse, creio que nossas ações aplicavam o conceito de *Desvio Positivo*, eu, pelo menos, sem conhecê-lo com esse nome, associado ao Paulo Freire, como esperança e como organização, acrescentando a militância política, para alguns e a militância político-partidária para outros.

Cumpro a última parte da promessa: a poesia. É antiga, do tempo em que eu escrevia, desenhava e fazia teatro — da Ana Carolina que redigiu a dissertação de Mestrado. A tradução é de Dona Luíza de Paiva Schmitz, poeta e cantora, que publicou seu primeiro livro bilíngue aos 73 anos. Escolhi este poema pela ingenuidade e pela força da mensagem. Sempre disseram que falo demais. Nós, ambientalistas e ativistas, também somos acusados disso. Ainda bem que não nos calamos. Seguimos, no Brasil e em Angola, e em todas as partes do mundo, lutando pela natureza e pela vida. Não nos calamos — nem nos calaremos.

62 ICL – Instituto Conhecimento Liberta. Disponível em: <https://www.youtube.com/@InstitutoConhecimentoLiberta> Acesso em 01 de março de 2026.

Criação

Quando a rima explode dentro de mim
E intima a fala a falar
E se cria...
Quando explode uma alegria que bate nas minhas paredes
De dentro
Meu peito se angustia, com tal euforia.
Fico me dizendo não faça poesia, não faça poesia.
Está todo mundo olhando.
Agora não há tempo,
Não faça poesia.
Fecho bem a boca. Ponho as mãos no bolso.
Tento revisar a tabuada, do oito.
Não faço poesia.
As pessoas me olham e dizem:
- Nossa, como está mudada!
Como um elogio.
A pior prisão é
O que não se pode dividir.

Creación

Quando la rima explota en mis entrānas
Y me fuerza la voz a hablar
Y se cria...
Quanto explota la alegria que golpea mis
paredes
en dentro de mi
mi pecho se angustia con esa euforia
me lo digo: - no hagas poesia, no hagas poesia
medio mundo te está mirando.
Ahora ya no hay tiempo
No hagas poesia.
Cierro mi boca. Pongo las manos en los
bolsillos.
Intento repassar la tabla, de ocho
! No hago poesia!
Las personas me miran y se dicen:
- ! Como está cambiada!
Suena como alabanza.
La peor prisión es
Lo que no se puede repartir.

Tradução: Luíza de Paiva Schmitz
2002

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura 15, 30, 47, 48, 58, 76, 91, 107, 116, 123

Água 12, 13, 14, 21, 22, 28, 30, 48, 72, 95, 96, 112, 115, 116, 117, 118, 125, 142

Ambientais 5, 14, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 52, 57, 66, 68, 70, 72, 74, 108, 113, 115, 117, 124, 128, 132

Ambiental 15, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 47, 48, 50, 60, 61, 68, 69, 70, 91, 100, 107, 119, 125, 129, 131, 134, 140, 142, 143

Ambientalistas 14, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 36, 57, 58, 62, 63, 65, 75, 134, 143

Ambiente 14, 16, 22, 24, 26, 30, 32, 37, 39, 41, 53, 57, 58, 68, 69, 70, 75, 77, 91, 92, 107, 111, 117, 120, 129, 130, 131, 132, 142

B

Botânica 14, 35, 36, 41, 53, 65, 92

C

Campo 11, 33, 43, 68, 77, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 114, 129, 130, 132, 139

Capitalismo 17, 49, 55, 56, 70, 92, 113, 143

Cidadania 38, 64, 129

Ciência 23, 54, 56, 65, 70, 139

Comunicação 14, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 67, 69, 70, 75, 76, 77, 79, 117, 122, 126, 130, 131, 141, 142

Comunidade 25, 36, 49, 51, 58, 59, 62, 64, 66, 68, 74, 75, 76, 108, 120, 124, 126, 127, 128, 136, 141, 142

Cultura 26, 47, 48, 78

Curtume 30, 96, 112, 118, 119, 120

D

Desmatamento 13, 35, 72, 75, 115

E

Ecologia 24, 47, 53, 54, 59, 60, 61, 64, 66, 69, 74, 91, 100, 107, 114, 117, 118, 125, 127, 130, 132, 143

Ecológica 28, 36, 48, 49, 50, 58, 60, 62, 63, 64, 67, 68, 100, 108, 116, 117, 118, 127, 134, 136

Ecológico 3, 15, 16, 24, 26, 33, 35, 36, 42, 46, 47, 48, 50, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 92, 116, 117, 121, 122, 131, 134

Ecologistas 14, 17, 28, 48, 50, 52, 61, 63, 68, 74, 115, 117, 118, 121, 125, 136

Econômico 24, 27, 28, 29, 35, 60, 67, 70, 113, 115, 116, 124, 125, 126, 128, 143

Ecosistemas 35, 48, 64, 68

Educação 14, 24, 25, 30, 36, 48, 60, 61, 66, 68, 91, 107, 132, 140, 142, 143

Entidade 23, 26, 27, 48, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 63, 65, 68, 69, 84, 100, 116, 117, 134, 135

Escolas 41, 48, 59, 61, 62, 64, 67, 129, 134, 140, 142

Espécie 3, 21, 48, 50, 56, 59, 61, 63, 64, 68, 108, 115, 127

F

Formação 23, 25, 30, 51, 53, 66, 75, 76, 77, 117, 122, 134, 136

Fotografia 53, 83, 84, 87, 88, 91, 95, 96, 99, 100, 103, 104, 107, 108, 111, 112, 120, 142

G

GESP 1, 15, 16, 17, 18, 24, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 72, 74, 75, 81, 82, 83, 84, 96, 97, 98, 99, 100, 108, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 125, 128, 130, 132, 134, 135, 139, 140, 141, 142

H

Hídrica 15, 47, 52, 53, 54, 61, 76, 95, 96, 111, 112, 115, 121, 123

História 15, 17, 19, 35, 41, 49, 53, 60, 61, 62, 63, 69, 71, 78, 79, 127, 129, 131

Humanidade 35, 47, 48, 49, 54, 66, 116, 127

I

Ideologia 131

Imprensa 15, 16, 17, 18, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 60, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 78, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 135, 136

J

Jornais 12, 16, 18, 24, 27, 29, 32, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 66, 68, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 113, 114, 122, 125, 127, 128, 132, 136, 139

Jornal 16, 24, 27, 28, 29, 47, 51, 61, 63, 66, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 136, 139, 140

Jornalismo 15, 23, 25, 28, 29, 31, 51, 69, 76, 79, 126, 132, 143

L

Leitura 11, 46, 84, 87, 91, 95, 99, 103, 107, 111

Linguagem 130

Lixo 15, 30, 37, 47, 52, 53, 70, 73, 87, 88, 104, 111, 112, 117, 122, 126, 128, 142

M

Meio ambiente 15, 17, 18, 26, 28, 29, 30, 35, 36, 47, 49, 50, 52, 58, 63, 66, 67, 68, 70, 74, 92, 108, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 129, 134

Memória 5, 16, 39

Mídia 11, 14, 16, 19, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 33, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 59, 60, 61, 63, 69, 70, 73, 74, 79, 96, 132, 141, 142, 143

Mídia local 47

Militância 24, 28, 67, 116, 118, 124, 127, 143

Militantes 16, 48, 51, 53, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 75, 117, 128, 134

Movimentos 36, 37, 38, 39, 41

N

Natureza 3, 36, 42, 47, 52, 54, 55, 56, 57, 65, 70, 127, 128, 136, 143

O

O Diário da Manhã 16, 46, 47, 51, 53, 54, 68, 73, 74, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 113, 114, 115, 118, 121, 123, 126

O Nacional 16, 17, 24, 28, 29, 30, 46, 47, 51, 52, 53, 54, 68, 73, 74, 76, 78, 79, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 120, 121, 122, 126

Organizações Não Governamentais (ONGs) 18, 23, 24, 25, 56, 57, 69, 130, 141, 142

P

Pampas 3, 15, 16, 24, 26, 33, 35, 36, 46, 47, 48, 50, 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 92, 100, 116, 117, 121, 134

Planeta 35, 48, 50, 54, 57, 62, 66, 69, 115

Poesia 139, 143, 144

Poluição 30, 35, 36, 55, 69, 70, 92, 96, 112, 113, 116, 124, 136, 142

Preservação 16, 28, 30, 36, 38, 49, 57, 58, 61, 62, 64, 65, 66, 84, 100, 118, 125, 134

R

Rádio 27, 29, 48, 60, 61, 126, 132, 142

S

Seminário 67, 68, 69, 92, 96, 112, 131

Seminários 15, 47, 48, 61, 68, 91, 107, 108

Sentinela 3, 15, 16, 24, 26, 33, 35, 36, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 92, 100, 116, 117, 121, 134

Sociedade 35, 36, 41, 53, 56, 57, 65, 92, 129, 132, 139, 140

T

Teatro 38, 60, 61, 62, 63

